GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

GLÁUCIA CHRISTIANE BORSTEL CICHOSKI

A ETNOMATEMÁTICA DO LADO DE LÁ:

ESPAÇOS, SABERES E DIÁLOGOS PRODUZIDOS DO OUTRO LADO DA LINHA

Barra do Bugres - MT

2021

GLÁUCIA CHRISTIANE BORSTEL CICHOSKI

A ETNOMATEMÁTICA DO LADO DE LÁ:

ESPAÇOS, SABERES E DIÁLOGOS PRODUZIDOS DO OUTRO LADO DA LINHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática – PPGCEM, da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" (UNEMAT) Campus Universitário "Dep. Est. Renê Barbour", de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho

Barra do Bugres - MT
2021

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

C568a

CICHOSKI, Gláucia Christiane Borstel.

A Etnomatemática do Lado de Lá:Espaços, Saberes e Diálogos Produzidos do Outro Lado da Linha / Gláucia Christiane Borstel Cichoski – Barra do Bugres, 2021.

134 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: João Severino Filho

1. Espaços Socioeducativos. 2. Etnomatemática. 3. Etnografia. 4. Espaços Urbanos. I. Gláucia Christiane Borstel Cichoski. II. A Etnomatemática do Lado de Lá:: Espaços, Saberes e Diálogos Produzidos do Outro Lado da Linha.

CDU 510.2

GLÁUCIA CHRISTIANE BORSTEL CICHOSKI

A ETNOMATEMÁTICA DO LADO DE LÁ:

ESPAÇOS, SABERES E DIÁLOGOS PRODUZIDOS DO OUTRO LADO DA LINHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática – PPGCEM, da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" (UNEMAT) Campus Universitário "Dep. Est. Renê Barbour" de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em 09 de agosto de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Severino Filho (PPGECM/UNEMAT)
Orientador

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva (UNEMAT/PPGECM)
Examinador interno

Prof. Dr. Roger Miarka (UNESP)
Examinador externo

Ao dedicar, celebro a existência de pessoas imprescindíveis ao alcance desse sonho. Aos meus pais, Maria e Nilton, meus incentivadores nessa caminhada; ao meu esposo, Elizeu, e aos meus filhos, Gabrielli e João Vitor, pela compreensão, paciência e a parceria que foram fundamentais.

AGRADECIMENTOS

Gratidão primeiramente a Deus pelo cuidado, proteção e oportunidade de realizar esse grande sonho!

Gratidão à família, no entendimento quanto às ausências necessárias, pela torcida para que tudo desse certo, pelo amor e carinho de cada um.

Aos meus queridos pais, que me ajudaram nessa caminhada, zelando e cuidando dos meus enquanto eu estava ausente, oferecendo palavras de conforto e ânimo nos momentos difíceis.

Ao meu esposo e amigo de todas as horas, aos meus filhos amados que trilharam juntamente comigo essa caminhada, em momentos bons e ruins, mas nunca perderam a confiança e a fé.

Gratidão aos meus irmãos, Julliane e Junior, por estarem sempre ao meu lado dando forças e retribuindo amor.

Às minhas colegas de quarto (ou de casa), Adriana, Zelair e Lindalva, pela companhia e pela parceria, pelo teto e, principalmente, por oportunizar uma nova amizade - irmãs de mestrado.

Grata pelos alunos que fizeram possível essa pesquisa, abrindo as portas de suas casas e de vossos corações, me fazendo entrar e conhecer seus espaços, suas vidas, suas histórias.

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Campus Dep. Est. Renê Barbour de Barra do Bugres, pela excelência em formação proporcionada por cada docente do programa, vivenciando dias incríveis em vossas companhias.

Gratidão aos meus colegas de turma, que proporcionaram momentos maravilhosos, vividos com muito prazer e alegria.

Gratidão eterna ao meu querido orientador, Doutor João Severino Filho, por todo cuidado, carinho e atenção dispensada a mim; pela paciência, pelos conselhos dados, pelas contribuições, sugestões, orientações e compartilhamentos, além da oportunidade de viver esse tempo de pesquisa em sua companhia.

Externalizo a gratidão ao nosso professor, Doutor Adailton Alves da Silva, parceiro de todas as horas e, em seu nome, agradeço ao nosso grupo de pesquisa em Educação Etnomatemática do Estado de Mato Grosso - “WARÃ”, pelas contribuições dadas a cada discussão, oportunizando crescimento pessoal e profissional a todos nós.

“Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com os outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. ”

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho trata de uma investigação sobre os saberes etnomatemáticos vivenciados e compreendidos por alunos que residem em dois bairros pertencentes à comunidade onde a Escola Ignácio Schevinski Filho está inserida, na tentativa de proporcionar um conjunto de reflexões sobre a relação escola/comunidade, a partir da identificação e descrição dos diferentes espaços socioeducativos produzidos pela comunidade dos bairros São Domingos e São Mateus, como cenários habitados pelos alunos da escola Ignácio Schevinski Filho, no município de Sorriso-MT, na busca de um diálogo entre os conhecimentos escolares e não-escolares. É uma investigação qualitativa na vertente do programa Etnomatemática discutida por D'Ambrosio (1990, 2005, 2007, 2019), na defesa de que no desenvolvimento do ser humano, a espécie humana é identificada com a aquisição de estilos de comportamentos e de conhecimentos para sobreviver e transcender nos distintos ambientes que ela ocupa, abordando as vivências de grupos sociais nos espaços habitados discutidos por Certeau (2012). As informações foram produzidas por meio de observações, conversas, entrevistas, gravações em áudios e vídeos em momentos vivenciados nas casas, ruas e praças dos bairros onde os alunos residem. Buscamos na etnografia a preocupação com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou grupos estudados. Esses significados podem ser explicitados por meio da linguagem ou ações, pois as pessoas usam sistemas complexos de significados para organizar seu comportamento e definir a sua própria maneira de se entender e entender o outro, dando sentido ao modo que vivem. As reflexões que pudemos realizar diante de uma pandemia global instaurada, é que a educação foi afetada na forma de ensinar e aprender, e que os lugares de aprender ultrapassam os muros das escolas. Com uma postura calcada na etnomatemática, garantimos a importância da comunidade, buscando conectar a matemática e as outras ciências com o contexto cultural, social, político e filosófico dos grupos sociais.

Palavras-chave: Espaços socioeducativos, Etnomatemática, Etnografia, Espaços Urbanos.

ABSTRACT

This work is an investigation about the ethnomathematical knowledge experienced and understood by students who live in two neighborhoods belonging to the community where the Ignácio Schevinski Filho school is inserted, in an attempt to provide a set of reflections on the school/community relationship, from the identification and description of the different socio-educational spaces produced by the community of residents of the São Domingos and São Mateus neighborhoods, the scenarios inhabited by the students of the Ignácio Schevinski Filho school, in the city of Sorriso-MT, in the search for a dialogue between school knowledge and non-school children. It is a qualitative investigation within the Ethnomathematics program discussed by D'Ambrosio (1990, 2005, 2007, 2019), in the defense that in the development of the human being throughout evolution, the human species is identified with the acquisition of behavioral styles and knowledge to survive and transcend in the different environments it occupies, addressing the experiences of social groups in the inhabited spaces discussed by Certeau (2012). The information was produced through observations, conversations, interviews, audio recordings and videos in moments experienced in the houses, streets and squares of the neighborhoods where the students live. We seek in ethnography the concern with the meaning that the actions and events have for the people or groups studied. These meanings can be dispensed with through language or actions, as people use complex systems of meanings to organize their behavior and understand their own way of understanding and understanding each other, giving meaning to the way they live. The reflections we were able to make in the face of an established global pandemic, is that education has been affected in the way of teaching and learning, and that places of learning go beyond the walls of schools. With a stance based on ethnomathematics, we guarantee the importance of the community, seeking to connect mathematics or other sciences with the cultural, social, political and philosophical context of social groups.

Keywords: Socio-educational spaces, Ethnomatematics, Ethnography, Urban spaces.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Registro do 1º encontro na biblioteca.....18
Imagem 2 – Endereço da escola Ignácio Schevinski Filho.....37
Imagem 3 – Espaço da cozinha da casa de um aluno.....40
Imagem 4 – Mapa do município de Sorriso – MT.....69
Imagem 5 – Localização da escola Ignácio Schevinski Filho (ponto vermelho no mapa) e BR 163, tracejado em amarelo. Sorriso - MT.....73
Imagem 6 – Foto atual da escola Ignácio Schevinski Filho.....74
Imagem 7 – Escola Ignácio Schevinski Filho vista de cima 74
Imagem 8 – Pessoas em rodas de conversa embaixo de uma árvore.....79
Imagem 9 – Fachada das residências dos bairros pesquisados.....80
Imagem 10 – Fachada de uma da casa de um dos alunos.....82
Imagem 11 – Mapa dos locais das residências dos alunos da pesquisa.....83
Imagem 12 – Identificação em vermelho dos dois bairros: São Domingo e São Mateus 84
Imagem 13 – Quitinetes de uma das ruas do bairro São Domingos.....85
Imagem 14 – Rua da casa do Vanilson no bairro São Mateus.....88
Imagem 15 – Início da organização dos feirantes da Rua Passo Fundo.....90
Imagem 16 – Feira do domingo na Rua São Francisco, bairro São Domingos.....91
Imagem 17 – Feira do domingo na Rua São Francisco, bairro São Domingos.....92
Imagem 18 –Feira de quarta-feira na Rua Passo fundo, bairro São ateus.....92
Imagem 19 – Organização dos feirantes da Rua Passo Fundo.....93
Imagem 20 – Dona Alessandra trabalhando na produção de bolsas.....111
Imagem 21 – Dona Alessandra costurando uma peça da bolsa.....112
Imagem 22 – Demonstração de uma peça de dona Lúcia, em uma das visitas.....113
Imagem 23 – anotações sobre as medidas na fabricação das bolsas.....114
Imagem 24 – Escrita de Jorge sobre suas reflexões e inseguranças.....121

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processos para produção das informações.....19

Figura 2 – Caminhos da Etnografia.....22

Figura 3 – Cronologia da configuração dos sujeitos 46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1. CAMINHAR: O PROCESSO E A PRODUÇÃO 17

1.2. SOBRE AS INSPIRAÇÕES ETNOGRÁFICAS 22

1.3. ENTRE O CAMINHAR E O OBSERVAR – OS DETALHES... 33

1.4. CONHECENDO OS SUJEITOS – ENCONTROS E DESENCONTROS 42

1.5. A SAGA CONTINUA... 49

2. ETNOMATEMÁTICA 56

2.1 A INTERMITÊNCIA DOS RUÍDOS DA ETNOMATEMÁTICA 59

2.2. A ETNOMATEMÁTICA E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA 62

3. O BAIRRO: UM LUGAR PRATICADO 64

3.1 SOBRE ESPAÇO E LUGAR 64

3.2. SOBRE A CIDADE DE SORRISO – MT 68

3.3. SOBRE A ESCOLA IGNÁCIO SCHEVINSKI FILHO 73

3.4. UM LUGAR COMUM: DO ESTRANHO AO FAMILIAR 77

3.5 OS LUGARES ESPACIALIZADOS DOS SUJEITOS 81

3.6 PERCORRENDO ESPAÇOS HABITADOS: VEM QUE EU TE CONTO MAIS! 85

4. ESPAÇOS, SABERES E DIÁLOGOS 96

4.1. OS SABERES DE MOISÉS 97

4.2. OS FAZERES E SABERES DA CASA DE JORGE 107

5. DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO REMOTO 113

5.1. OS NOVOS TEMPOS E O DIÁLOGO COM A ESCOLA 117

5.2. DELINEANDO CAMINHOS PARA UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DO PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA NOS ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS NÃO ESCOLARES 120

CONSIDERAÇÕES FINAIS 124

REFERÊNCIAS 130

INTRODUÇÃO

Durante todo o tempo em que estive em sala de aula, ministrando a disciplina de matemática, desde que assumi o papel de educadora, me deparava com as questões levantadas sobre as formas de corrigir uma prova de matemática, o que levar em conta na hora de corrigi-las, o que considerar ou não. Outra preocupação sempre foi a didática de ensinar uma matemática que fizesse sentido aos alunos.

Eu não queria que minhas aulas abordassem meras repetições de exercícios a serem feitos e refeitos, ou apenas o cumprimento de currículos, de conteúdos anuais. Mas a realidade a qual me deparava era apenas essa: a cobrança com as obrigações burocráticas do ensino. Eu tinha em mente que poderia fazer diferente, ou pelo menos tentar. Lembrava-me dos tempos da faculdade em que tive contato com um modo de ver a matemática de uma maneira diferente: uma matemática humana, que considera o aluno como ser cheio de emoções, vivências, credos, culturas, em um meio social e político. Perguntava-me se seria possível as questões sociais, políticas, culturais, éticas, históricas serem esclarecidas e entendidas quanto às questões da própria matemática.

Já havia tido contato com o programa Etnomatemática, explicitado por Ubiratan D'Ambrosio, na graduação. No entanto, esse contato posso dizer que foi superficial, mas ficou plantada a semente de procurar entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade, contextualizada em diferentes grupos sociais. Algo me incomodava no modo de oportunizar a matemática aos meus alunos. Tinha que fazer sentido o que estava sendo proposto para eles.

Na Pós-graduação do programa PPGECM em Barra do Bugres – MT, tive o maior e mais profundo contato teórico novamente com a etnomatemática, e a disciplina de Etnomatemática do curso me fez apaixonar-me ainda mais pelo modo como concebemos a matemática, considerando os aspectos e relevância da humanidade.

A experiência de ministrar aulas numa comunidade considerada de periferia me abriu os olhos para uma oportunidade de entender melhor meus alunos, de qual ponto de partida eu poderia iniciar minha maneira de ensinar matemática, apoiando-me na perspectiva etnomatemática de D'Ambrosio (2007), nas várias maneiras, técnicas, habilidades (ticas) de explicar, entender, lidar e de conviver (matema), com distintos contextos naturais, sociais e políticos (etno) daquela realidade.

Baseados em alguns referenciais teóricos e algumas reflexões, elencamos inicialmente o objetivo geral a fim de proporcionar um conjunto de reflexões sobre a

relação dos saberes vivenciados e produzidos nos espaços socioeducativos não-escolares na comunidade a partir da identificação e descrição dos diferentes espaços socioeducativos, produzidos pela comunidade de moradores dos bairros como cenários habitados pelos alunos da Escola Ignácio Schevinski Filho, no município de Sorriso – MT, na busca de um diálogo entre espaços e saberes escolares e não-escolares, visando uma aprendizagem mais significativa da matemática. A fundamentação teórica foi alicerçada nos trabalhos de D'Ambrosio (2005, 2007, 2019), Miarka (2011), Severino-Filho (2015), Geertz (1997, 2012), Certeau (1995, 2012) e Tuan (2013), entre outras leituras que fomentaram as discussões sobre o tema.

Além disso, a questão que direcionou esse estudo foi: Diante da perspectiva de que espaço não-formal de aprendizagem seja qualquer espaço diferente da escola no qual pode ocorrer uma ação educativa, o que define cada um desses espaços? Que possibilidades educativas se esboçam entre os saberes matemáticos (e outros) não-escolares dentro dos espaços socioeducativos ao qual o aluno pertence?

Os sujeitos da pesquisa foram alunos da escola Ignácio Schevinski Filho, os quais eram meus alunos, escolhidos por serem moradores dos bairros circunscritos à escola, fazendo parte da comunidade na qual está inserida. A produção das informações se deu de forma que permeou a coletividade (em grupo), conversas individuais, encontros no formato de roda de conversa, das narrativas de vida e cotidianos, tanto virtuais como presenciais (quando foi possível, por causa da pandemia), visitas aos bairros e às residências desses alunos, conversas com seus pais, visitas às feiras e comércios, além de caminhadas com um informante sobre as vivências, histórias e progressos dos bairros São Domingos e São Mateus.

Durante o percurso da pesquisa, fomos acometidos de uma pandemia a nível mundial, que rapidamente se instaurou no Brasil e, consequentemente, chegou a nossas cidades. Alguns aspectos da produção de informações sobre o universo da pesquisa tiveram que ser adaptados, com encontros, entrevistas, conversas que aconteceram também por meios digitais, além de encontros presenciais que foram marcados em momentos permitidos pelas autoridades sanitárias, e com todos os cuidados necessários para a contenção das infecções. Assim, adaptamos também, os objetivos ligados a algumas reflexões sobre a relação dos saberes vivenciados e produzidos nos espaços socioeducativos não-escolares na comunidade dos bairros São Domingos e São Mateus na busca de um diálogo entre as possibilidades educativas que se esboçam dentro desses espaços habitados.

Este trabalho tem relevância por se tratar de um estudo sobre um grupo social, habitante do espaço no qual a escola está inserida, propondo o conhecimento de como os alunos interpretam o significado que a matemática representa em seus espaços socioeducativos não-escolares e as possibilidades educativas que se esboçam nesses espaços em momento pandêmico, haja vista que, nós professores, somos responsáveis em aprimorar nossa sensibilidade para o uso de novas lentes à forma de ensinar e aprender. Chamamos de espaços socioeducativos escolares - a própria escola, universidade, instituição de ensino - onde o aluno aprende os conhecimentos científicos dentro de uma concepção institucional; e denominamos de espaços socioeducativos não-escolares todo lugar onde o aluno aprende pela interação como indivíduo que habita (praças, igrejas, feiras, empresa onde trabalha, sua residência).

A escola deixa (literalmente) de ser somente o prédio e passa a ser qualquer dos espaços habitados pelos alunos na sua cotidianidade, suas casas, configurando uma escola para além dos muros. A escola que antes era o lugar espacializado influenciador de construção de conhecimento, agora passou a ser somente um lugar.

Precipuamente, o título dessa dissertação nos remete à “etnomatemática do lado de lá”. Esse lado de lá a que o título nos expede quer dizer “o outro lado da BR 163”. Logo, podemos assim dizer: a Etnomatemática do povo que habita o outro lado da BR. Nessa elaboração, a BR 163 representa uma linha abissal (Santos, 2007) que separa a cidade e a divide em dois mundos: o lado de cá (zona Oeste) e o lado de lá (zona Leste). No lado de cá, estão os imigrantes sulistas colonizadores da região. Do lado de lá, estão os “maranhenses” (que hoje não são só os nordestinos do Maranhão, são também os paraenses, os goianos, os baianos, etc.), responsáveis pela oferta de mão de obra da cidade, sejam em fazendas, nos comércios, nas construções civis, dentre outros.

Essa dissertação está configurada em cinco capítulos, nos quais nos empenhamos em discutir os saberes/fazeres etnomatemáticos vivenciados e compreendidos pelo aluno nos espaços socioeducativos da comunidade em que reside, na busca de um diálogo entre as possibilidades educativas que se esboçam entre os saberes não-escolares dentro desses espaços.

Na primeira seção, “Caminhar: o processo e a produção” relatamos como foram os primeiros passos para a caminhada metodológica da pesquisa, o que estava previsto e as mudanças decorridas em virtude da pandemia (COVID 19) nesse processo. Em tempo, discorremos sobre as inspirações etnográficas, os primeiros anseios, dúvidas, inseguranças ao passo que iniciávamos as observações nos lócus da pesquisa. Procuramos fazer uma

descrição densa dos bairros visitados, das percepções da pesquisadora entre o “estar aqui” e o “estar ali” no processo de pesquisar, bem como a descrição dos sujeitos, das praças, ruas, casas, feiras, das conversas e dos encontros.

Na segunda seção, retratamos as concepções sobre a Etnomatemática, na perspectiva de D’Ambrosio (2019) e alguns autores. Refletimos, também, sobre a intermitência dos ruídos da etnomatemática na trajetória profissional da pesquisadora, assim como, também, abordamos a etnomatemática e sua relação com a escola e do indivíduo em seus espaços, discutindo como a escola tem trabalhado os conhecimentos, ao passo que o aluno não aprende somente quando está na escola.

No terceiro capítulo “O bairro: Um lugar praticado” retratamos as concepções sobre espaço e lugar na perspectiva de Michel de Certeau e Tuan, abordando uma descrição densa proposta por Geertz (2012). Falamos ainda sobre a cidade de Sorriso-MT, sua localização e um breve contexto sobre a constituição dos bairros lócus da pesquisa (São Domingos e São Mateus), que configuram a história do povo que mora nessa região. Por conseguinte, abordamos sobre a escola Ignácio Schevinski Filho, sua localização, história e constituição naquela comunidade. E ainda, abordamos “Um lugar comum”, relatando os estranhamentos e a familiaridade com o local de pesquisa, alguns percursos, descrição de lugares espacializados, as casas, as vivências retratadas por moradores do bairro (informante), as constituições, os modos de organização da comercialização dos produtos nas feiras, concepções e modos de viver dos sujeitos da pesquisa, na perspectiva de lugares espacializados pelos sujeitos.

No quarto capítulo, conduzimos uma reflexão sobre espaços, saberes e diálogos produzidos no caminhar da pesquisa, abordamos também os modos de viver a etnomatemática nas concepções de Moisés e Jorge, ambos sujeitos da pesquisa, buscando uma relação com a descrição densa de seus espaços habitados, suas concepções e os saberes e fazeres matemáticos.

O quinto e último capítulo compreende os novos cenários da Educação diante da pandemia causada pela propagação do Corona Vírus (COVID 19). Discorremos sobre os desafios e possibilidades do ensino remoto, vivenciados por todos nesse novo tempo, trazendo abordagens sugeridas por Ubiratan D’Ambrosio em suas últimas palestras no ano de 2021. Para finalizar, delineamos alguns caminhos para uma ação pedagógica na perspectiva do Programa Etnomatemática nos espaços socioeducativos não-escolares, enfatizando que, conforme o próprio D’Ambrosio sugere (em suas recentes palestras proferidas em diferentes eventos acadêmicos virtuais) que tudo o que se faz dentro e fora

da escola é de natureza matemática; que a pandemia nos trouxe isso à prova. A saída é que façamos do aluno o próprio protagonista de seu conhecimento. A escola nunca foi só o prédio, e não será a mesma depois da pandemia, nos modos de proporcionar conhecimento.

1. CAMINHAR: O PROCESSO E A PRODUÇÃO

A submissão dos documentos ao Comitê de Ética em pesquisa se deu no mês de agosto de 2019 e, após algumas inconsistências no processo de tramitação, ao final de dezembro de 2019, obtivemos a autorização para o início da pesquisa.

Desde o início, pensamos na pesquisa com cunho etnográfico, utilizando uma abordagem com focos na observação e investigação de maneira aberta e flexível, podendo assim reavaliar e intervir no processo à maneira que fosse necessário.

Iniciado o ano letivo de 2020, o primeiro passo dado foi ir até a escola e visitar as turmas de ensino médio diurno e noturno (aconteceram nos dias 17 e 18/02/2020), a fim de conhecer os possíveis sujeitos participantes da pesquisa. Escolhi essas turmas específicas por serem as minhas turmas de regência para o ano letivo de 2020, mesmo eu estando afastada para qualificação, além de que a maioria dos alunos dessas turmas já tinha sido alunos meus do ano anterior.

A princípio, pensamos em contar com um grupo de uns dez alunos (ao total) para contribuir com a produção das informações. Para que pudéssemos contar com essas dez pessoas para participarem da pesquisa, começamos com a aplicação de um questionário socioeconômico cultural nas turmas de ensino médio, tanto nas diurnas, quanto nas noturnas. Nesse questionário, colocamos perguntas abertas e fechadas para que os próprios alunos respondessem juntamente com seus pais, por isso levaram os questionários para casa e entregaram posteriormente. A partir daí, pudemos ter uma breve explanação de como se configurava os locais de residência desses alunos e, a partir disso, fazer o convite para a participação da pesquisa.

Por conseguinte, organizamos três encontros em formato de roda de conversa com os alunos que ficaram interessados em participar da pesquisa. Esses encontros aconteceram na biblioteca da escola, durante os turnos de aula, nos períodos matutino, vespertino e noturno. Tivemos cerca de 20 alunos presentes a cada reunião realizada, nela repassamos a ideia da pesquisa e apresentei-lhes os termos de consentimento para assinaturas dos TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido).

Imagem 1 – Registro do 1º encontro na biblioteca



Fonte: pela autora (2020)

A essa altura, já estávamos ao final do mês de março e tivemos todas as atividades escolares interrompidas por causa do Corona vírus, uma pandemia global que chegou ao Brasil, afetando as escolas no final de março. Dessa data em diante, a pesquisa de campo presencial foi pausada. Nos próximos parágrafos irei ressaltar qual seria o curso da pesquisa de campo caso não tivéssemos sido acometidos por esse vírus mortal. Mais adiante, discorrerei as modificações que tivemos que fazer diante da pandemia.

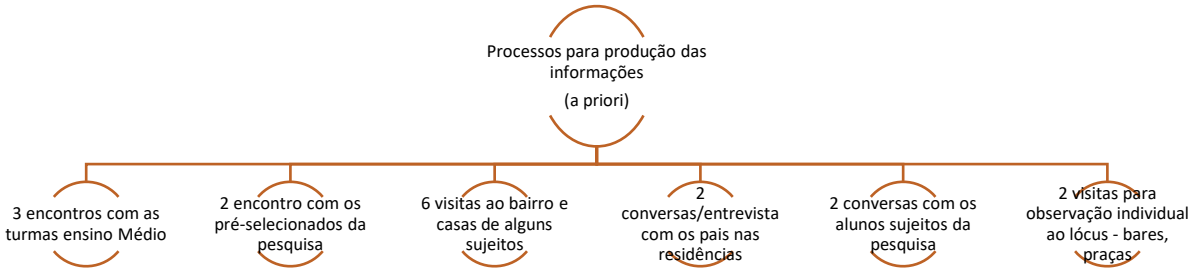
Os próximos caminhos a serem percorridos seriam resumir esse grupo de alunos para um máximo de dez pessoas, definindo critérios para selecionar quais participariam da pesquisa, fosse pelo bairro onde morassem, pelo trabalho que faziam, dentre outros fatores, e organizar pelo menos dois encontros presenciais em formato de roda de conversa para falarmos de concepções de vida, do lugar onde moram, das vivências, do cotidiano, do trabalho.

À medida que esses encontros fossem acontecendo, a ideia era de que, em um desses encontros, chamaríamos os pais desses alunos para participarem dessa conversa para que conseguíssemos alcançar os objetivos traçados no projeto de pesquisa, identificando os espaços de uso coletivo frequentados pelos alunos e por seus familiares, descrever as atividades praticadas nesses espaços por diferentes sujeitos. Descrever, segundo o olhar dos alunos, as habilidades e conhecimentos matemáticos exigidos em suas profissões ou nas de seus familiares, as origens das práticas profissionais, além de compreender os sentimentos e as concepções que os alunos construíram sobre a matemática ensinada na escola.

Além desses encontros em formato de roda de conversa, faríamos também algumas entrevistas com alguns pais e alunos, visitando seus espaços de vivências – o bairro, a casa. Concomitante a essas entrevistas, já estaria fazendo as observações no bairro, visitando as praças, mercados, comércios locais do bairro, andando nas ruas, buscando perceber o acontecer natural da rotina de vida daquelas pessoas. Faríamos visitas às casas de alguns alunos, sendo que essa escolha se daria de acordo com a avaliação feita no decorrer do processo, com o intuito de conversar com os familiares desses alunos, ao mesmo tempo em que observássemos suas rotinas, as histórias de vida embebida em suas concepções, crenças, costumes, habilidades e técnicas em seus cotidianos e em suas práticas profissionais, sob o ângulo da etnomatemática. Estimei, de antemão, que no decorrer da pesquisa ficariam no máximo cinco alunos - os que não desistiriam no caminho.

Além das visitas nas casas e das conversas e entrevistas, tínhamos programado que, em um período de aproximadamente quatro meses, eu faria as seis visitas aos bairros - observações *in loco,* as duas visitas e conversas com os pais, as duas conversas com os alunos e mais duas visitas para observação geral do bairro novamente, e assim firmar algumas concepções e tentar perceber algumas situações que talvez pudesse ter deixado passar. A intenção era ir observando e vivenciando os modos daquela comunidade em suas praças e ruas do bairro, fazendo caminhadas pela redondeza, frequentando os mercados ali existentes, as lanchonetes, sorveterias, igrejas, etc. As visitas às casas e as observações nos bairros aconteceriam concomitantemente, no espaço de tempo de quatro meses de pesquisa de campo, visto que a qualificação da dissertação estava prevista para meados de setembro de 2020.

Figura 1 – Processos para produção das informações



Fonte: pela autora (2020)

Porém, no dia 23 de março de 2020, a situação do Brasil e no mundo estava caótica e já tínhamos o decreto de pandemia global estabelecida pelo vírus, e todas as medidas de contenção começavam a ser instaladas nas cidades. A partir desse momento, as coisas mudaram, consideravelmente. As escolas fecharam as portas, somente as empresas indicadas como

serviços essenciais permaneceram abertas; por conseguinte tivemos um período de *lockdown* e as pessoas eram instruídas a não permanecerem nas ruas e não fazer aglomerações. A quem era possível, a instrução era ficar em casa.

Desde então, obedecemos às ordens das autoridades e demos uma pausa na organização para saída em campo. Aproveitamos esse momento de "reclusão domiciliar" para um mergulho na revisão bibliográfica para a escrita da dissertação. Isso perdurou por um mês e, após conversas com a orientação, decidimos então manter um contato com o grupo de alunos via WhatsApp (grupo feito nos encontros que aconteceram na escola). A princípio apenas puxava conversa com os alunos, para que eles interagissem comigo. Essa estratégia não deu muito certo porque eles quase não se manifestavam, mesmo na tentativa de instigá-los com temas, supostamente, de interesse entre eles.

Percebi que eu teria que escolher alguns alunos os quais eu teria mais chance de ser correspondida. Eu não tinha *feedback* de todos os alunos, apenas dois ou três interagiam comigo e comecei a ficar muito preocupada, pois, a pandemia não tinha prazo determinado para acabar, as notícias nos jornais diziam que a pandemia estava longe de ter um fim, a sociedade científica não conhecia muito sobre o vírus, e tudo estava por ser descoberto ainda. Os cientistas começavam uma corrida em busca de uma possível vacina, mesmo sem conhecer o tipo de vírus com o qual estavam lidando.

Então, tivemos que mudar a estratégia de contato com os meus sujeitos da pesquisa, caso contrário, perderia totalmente o contato com eles e ainda não saberia quando eu poderia retomar a pesquisa de campo presencialmente, fazendo as visitas.

Escolhi seis alunos que mais respondiam às minhas tentativas de diálogo e sugeri que fizéssemos um encontro virtual, para tentar manter contato visual, já que as conversas apenas por mensagens de textos não surtiam o efeito esperado, e falar sobre variados assuntos, contar como estava a vida, o trabalho. Pedia filmagens da casa, do local onde eles estudavam, da rotina. Entretanto, ainda não tinha o *feedback* que eu esperava, alguns mandavam algo de vez em quando.

Foram os meses de março e abril com contatos via *WhatsApp*, depois mais três encontros virtuais pelo *Google meet* e, em seguida, a interação com os alunos se afunilou para três sujeitos – Fernanda, Jorge e Moisés. A partir daí, falava com eles individualmente, pois percebi que em grupo de *WhatsApp* eles não gostavam de se pronunciar. Quando queriam falar comigo, me procuravam individualmente, tinham vergonha de expor suas ideias no grupo (isso foi confirmado pela fala de uns dos alunos). Não tínhamos hora para conversar, quando eu queria saber alguma coisa, eu os chamava e eles respondiam. Em maio houve uma tentativa de um

encontro presencial entre nós quatro, com máscaras e uso de álcool em gel, mas não deu certo, pois a maioria não tinha como ir, e ainda estávamos muito receosos com a situação da pandemia.

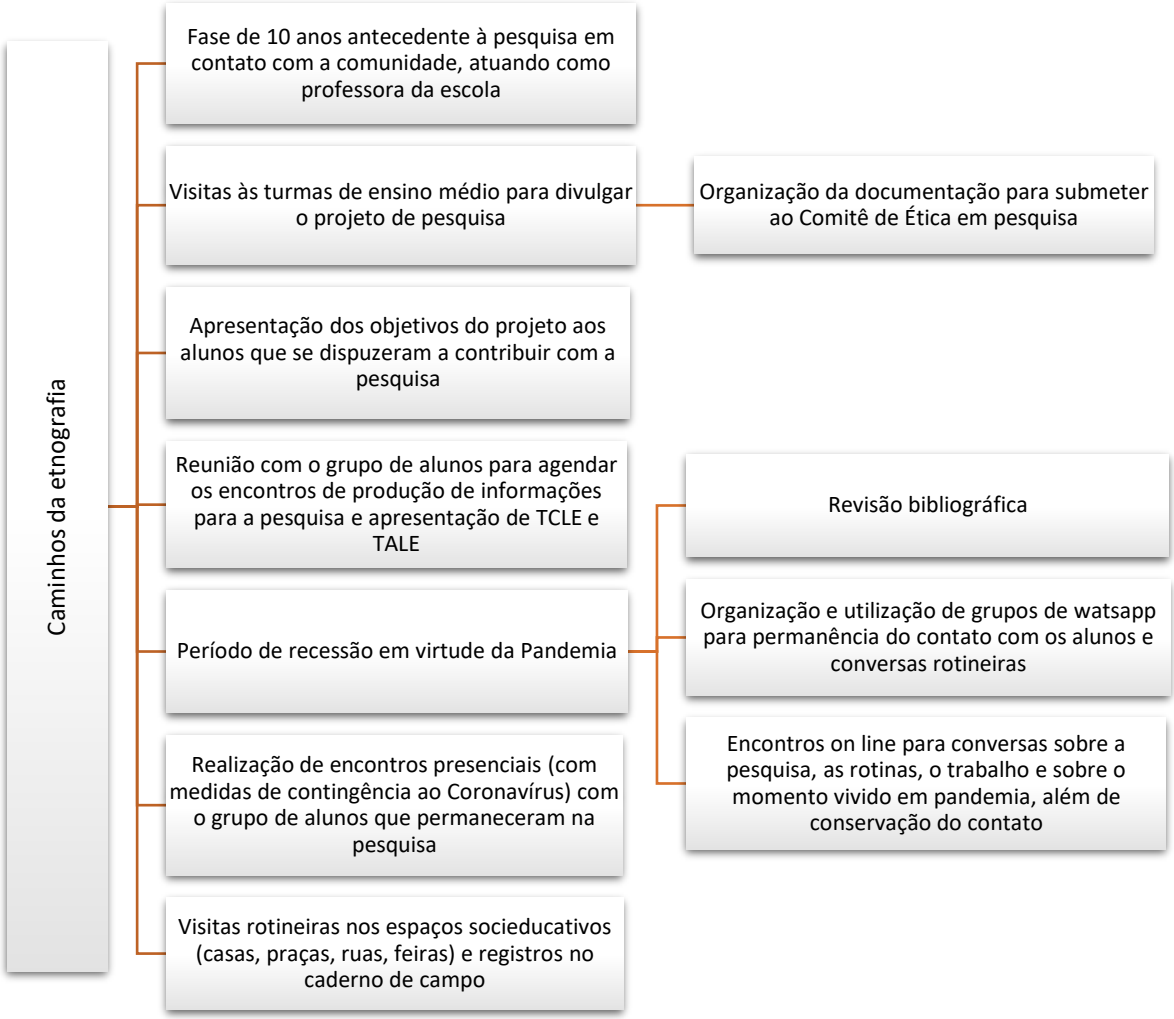
Assim, eu ia escrevendo a partir dos estudos bibliográficos, coletando as informações que eu precisava com esses alunos por meio de mensagens ou por encontros virtuais com vídeo, fazia visitas aos bairros com o carro ou andando pelas ruas sozinha (com máscara de proteção e álcool em gel), observando os moradores, as vezes parava e estacionava em um lugar, ficava por algum tempo ali, observando o acontecer natural da rotina das pessoas do bairro.

Assim, não seguimos a ordem do cronograma inicialmente previsto (vide quadro de processos de produção das informações – figura1) e tivemos que nos adaptar aos novos processos que puderam ser feitos, diante do momento delicado o qual vivíamos.

Em síntese, o que mudou? Ao invés dos encontros em formato de roda de conversa com os alunos, decidimos que iríamos manter contato com esses alunos tentando uma interação por mensagens do *WhatsApp*, sem estabelecer dia e hora para essas conversas. À medida que eu precisava, eu os chamava para conversar, fazia uma pergunta, pedia uma opinião, etc. Os encontros virtuais pelo *Google meet*, com o grupo dos três alunos, aconteceram quatro vezes – foram as primeiras reuniões que fizemos com o intuito de aproximação, manter contato, tanto visual quanto das ideias e ações da pesquisa. A primeira foi com todos, e as outras três vezes foram com cada um dos alunos individualmente – Jorge, Moisés e Fernanda.

Após isso, mantivemos contato pelo *WhatsApp* e somente no mês de setembro que começamos a tentar marcar algumas visitas a esses alunos, com muita cautela e cuidado. Podemos resumidamente elencar os caminhos readequados ao momento vivido pela pandemia e a organização em que se deram diante as novas situações da pesquisa.

Figura 2 – Caminhos da Etnografia



Fonte: pela autora (2020)

O processo metodológico foi pensado de um modo e a pandemia trouxe muitas angústias e incertezas para essa caminhada. Ao passo que dávamos no caminhar da pesquisa, íamos vivenciando os novos acontecimentos e validando novos fatores que precisavam de certas mudanças nas ações. Não foi um processo fácil gerir todas as intempéries que foram causadas nessa caminhada, mas, como a etnografia conceituada por Fino (2003) nos revela, a etnografia se faz à medida que se avança, e assim a fizemos.

1.2. Sobre as inspirações etnográficas

Falar em etnografia nos remete a um conjunto de ações que se caracteriza pela abordagem qualitativa de pesquisa. Estudar fenômenos humanos e sociais são abordagens complexas e dinâmicas, impossíveis de serem estabelecidas por leis gerais e dinâmicas, como as vistas das pesquisas quantitativas, estabelecidas por leis gerais como na física ou química. (ANDRÉ, 1995).

A pesquisa qualitativa vem contribuir no processo de configuração ao destacar a compreensão de significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações. De acordo com André (1995), a abordagem qualitativa de pesquisa configura a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo, dando lugar à interpretação ao invés da mensuração, a descoberta, em lugar da constatação, assume que fatos e valores estão intimamente ligados, além de que o pesquisador fica impossibilitado de tomar uma postura neutra.

A nossa pesquisa tinha como objetivo geral a tentativa de proporcionar algumas reflexões sobre a relação dos saberes vivenciados e produzidos nos espaços socioeducativos não-escolares na comunidade dos bairros São Domingos e São Mateus na busca de um diálogo entre as possibilidades educativas que se esboçam dentro desses espaços habitados.

Para isso, seguimos um trabalho de campo caminhando à compreensão do 'outro', nas constantes transformações que foram do 'estranho em familiar' e do 'familiar em estranho' (CAMPOS, 2002). Quando digo do familiar em estranho, é pelo motivo de que 'aqueles espaços de moradias' – os bairros – não me eram totalmente estranhos. Há mais de 10 anos, fazia meus percursos na docência em uma escola que fazia parte daquele 'mundo' (os bairros circunvizinhos da escola). Eu acreditava que conhecia, suficientemente, aquela comunidade para fazer em minha mente um cenário, a dizer que não me eram estranhos. Contudo, "enfrentar o estranhamento e entender o outro partindo de uma "ferramenta" disciplinar nossa, pode produzir um recorte enganoso e muito parcial da realidade de saberes do outro – todos já classificados e recortados por nós" (CAMPOS, 2002, p. 48).

Então eu podia dizer que, de certa forma, tudo me parecia familiar, as pessoas que viviam naqueles bairros (alunos) tinham contato diário comigo, eu conhecia seus gostos, seus trabalhos, história da vida deles que me contavam nas aulas, com quem moravam, o que faziam aos finais de semana.

De acordo com Severino-Filho (2015, p. 22), a realização de um trabalho etnográfico implica no cumprimento de algumas etapas que se apresentam como necessárias em um período muito anterior às incursões no campo para as primeiras observações. Dentre elas, o conhecimento mínimo da realidade onde serão realizados os estudos e os esclarecimentos e consentimentos prévios dos sujeitos envolvidos, quanto às intenções do pesquisador, têm relevância inquestionável.

O meu primeiro contato com aqueles espaços vivenciados pelas pessoas do bairro e os alunos já se davam há 10 anos, quando iniciei minha carreira como professora da escola. Nessa caminhada, conhecíamos os amigos da família, os irmãos dos alunos (que vinham no avanço

das fases de ensino fundamental e logo estavam no ensino médio tendo aulas de matemática comigo), nisso a família já era conhecida, os pais, os próprios alunos também.

Os bairros que circuncidam a escola eram parte do cenário de vivências, eram os itinerários dos professores - na volta para casa, na ida a outra escola (municipal) em que muitos trabalhavam que também era ponto de referência aos alunos. A maioria dos alunos que ingressavam na Escola Estadual Ignácio Schevinski Filho eram advinda ou da Escola Municipal São Domingos, ou da Escola Municipal Papa João Paulo II, todas no mesmo setor da cidade - a zona leste. Em suma, os alunos moravam naqueles lugares, estudavam, muitos até trabalhavam (nos comércios locais) - a vida se dava "por ali mesmo".

Ao passo que iniciei as primeiras visitas aos bairros São Domingos e São Mateus, percebi o estranho. Mesmo conhecendo as pessoas que nesses bairros moravam e, em contato com elas diariamente, não conhecia suas realidades "nuas" em seus espaços de moradia, suas lutas diárias, suas vivências; as dificuldades que muitos enfrentavam no dia a dia, a casa pequena que era dividida com oito ou dez pessoas, as condições financeiras restritas pelo motivo de somente um membro da família trabalhar fora para manter o sustento da casa; por, muitas vezes, essa pessoa nem era o pai, mas a mãe que lutava sozinha para garantir o sustento aos seus filhos.

Nas observações feitas durante a pesquisa, assumi explicitamente meu papel de estudiosa/pesquisadora, de forma que associada a outros papéis sociais pude ter um bom ângulo de observação. A observação participante é baseada no bom senso de análise do observador e muito utilizada por estudos antropológicos sobre pequenas comunidades, em sociedades complexas, nas pesquisas de natureza qualitativa.

> Há muito utilizada pelos antropólogos em estudos sobre pequenas comunidades, a observação participante tem vindo a ser cada vez mais usada em trabalhos de natureza sociológica, interdisciplinar ou em antropologia das sociedades complexas, quer como ferramenta exploratória, quer como técnica principal de recolha de dados [...]. (CARMO E FERREIRA, 2008, p. 122).

Podemos afirmar que nossa pesquisa se dá de cunho etnográfico, nos estudos de grupos sociais, muito usual nos estudos antropológicos, nos fenômenos sociais e culturais. André (1995) afirma em um de seus trabalhos que Spradley (1979) diz que a principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. Esses significados podem ser dispensados por meio da linguagem ou ações, pois as pessoas usam sistemas complexos de significados para organizar seu comportamento e construir a sua própria maneira de se entender e entender o outro, dando sentido ao modo que vivem – e isso constitui a sua cultura.

Geertz (1973) ressalta que a etnografia é a tentativa de descrição da cultura, a interpretação das culturas com um sistema de análise abrangente, onde o pesquisador deve ser detentor de uma mente sensível a modo de que possa experimentar as dimensões possíveis de significado. Esses significados e anotações, fotos, vídeos, conversas, foram os meus próprios dados, as minhas construções das construções de outras pessoas, como define Geertz (2008):

> O que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem está obscurecido, pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente. (GEERTZ, 2008, p. 7).

Durante as visitas feitas às casas dos alunos, nas praças do bairro, nas feiras que aconteciam nas ruas principais do bairro, pude experimentar algumas sensações ou impressões passíveis de significados.

Ainda de acordo com Geertz (2008), a cultura é um campo de estudo muito forte na antropologia e é definida de várias formas. Como análise particular do conceito que um grupo desenvolve, como um modo de vida global de um povo, como o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo.

Uma forma de pensar, sentir e acreditar, uma abstração do comportamento, uma teoria antropológica sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta; um celeiro de aprendizagem comum ou como uma forma de orientações padronizadas de problemas recorrentes, como um comportamento apreendido ou um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento. Ou ainda, um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens. O autor contextualiza todos esses termos utilizados em uma interpretação que se resume em:

> Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais, enigmáticas na sua superfície (Geertz, 1979, p. 10).

Como uma ciência interpretativa em busca de significado, Geertz (1979) pondera que, para que possamos entender o que é ciência, em primeiro lugar, não podemos olhar para as suas teorias ou as suas descobertas, ou para o que os seus apologistas dizem sobre ela, mas sim ver o que os praticantes da ciência fazem. Para tanto, a etnografia, compreende o que é a análise antropológica como forma de conhecimento.

Para os levantamentos dos fatos e fenômenos, utilizei várias ferramentas as quais puderam me assegurar essas informações. O caderno de campo foi o primeiro a ser adquirido e

logo nas primeiras visitas, quando, de início, fui fazer a primeira visita às turmas, quando apenas andava com o carro pelas ruas, tentando me localizar no bairro - ali mesmo já fazia as anotações das primeiras impressões e observações que fazia no momento. Tanto escrevia o que observava, quanto escrevia alguma impressão, um parecer ou até mesmo um julgamento. Mesmo que ao reler o que tinha anotado no "estar lá", ao "estar aqui" (CAMPOS, 2002) tinha que despir-me do julgamento de tudo o que tinha escrito naquelas linhas.

> [...] ao menos no que o consciente permite – é necessário que durante os momentos de estranhamentos nas leituras de mundo do 'outro', esforcemo-nos em eliminar ao máximo nossas bagagens disciplinares e pré-conceitos. Em geral não há isomorfismo possível, entre nossas inúmeras áreas de conhecimento e disciplinas, que possa estabelecer correspondências com as especialidades e os pré-conceitos do 'outro' nas leituras que ele faz de nós – os 'outros' para ele. (CAMPOS, 2002, p. 47).

Mesmo ainda com certa imaturidade, como pesquisadora, insisti no exercício de não conceber os pré-conceitos aos 'outros', em uma constante reflexão para com minhas anotações, porém a sensação que me cobria era de tentativa de 'isomorfismo cultural' nos espaços em que não eram meus.

Segundo Campos (2002), os estudos antropológicos de algumas décadas atrás se preocupavam com a busca pelo que era exótico, em contextos culturais distintos e horizontes distantes do que nós urbanos vivemos. Os meus olhares etnográficos deslocaram-se aos outros contextos urbanos. Busquei no espaço urbano de sociedade não o exótico, não o horizonte distante. A busca foi o que eu poderia encontrar nos espaços urbanos de sociedades complexas de um grupo social na cotidianidade que nos passa desapercebido, visto pelo próprio constituinte desse espaço.

A etnografia não é uma questão de métodos. Não apenas é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário. O que define é o tipo de esforço intelectual que ela representa – um risco elaborado para uma descrição densa – pensando e refletindo o pensar dos pensamentos, nas complexidades do ato de fazer alguma coisa, com estruturas significantes, sendo percebidas, retratadas e interpretadas. (GEERTZ, 1979).

No intuito de realizar a descrição densa da realidade estudada, além do caderno de campo o qual anotava todas as informações, a priori e a posteriori, no exercício de escrever as relações entre o 'estar aqui' e 'estar lá' (CAMPOS, 2002), utilizei diferentes alternativas para posterior análise. Com o celular em mãos capturava imagens pela câmera do celular, fazia as gravações tanto em vídeos quanto em áudios. Em outros momentos, apenas observava.

Parada em algum lugar, ali sentada no banco de uma praça, olhava atentamente as crianças brincando e brigando, o guarda da praça que se esforçava para manter todo o gramado

úmido, com uma mangueira curta e de pouca vazão de água. As mães, que moravam nos redores dessa praça, que, ao final da tarde, traziam seus filhos pequenos também para brincar, e sentadas em um local observavam seus filhos (todos muito pequenos, o maior não tinha mais que seis anos de idade), e num romper de um grito, chamavam a atenção do mais velho para que cuidasse do mais novo.

A maioria das vezes, nas conversas, nas caminhadas, nos encontros presenciais (quando era possível), ativava a gravação em áudio para depois, ao 'estar aqui', durante a escrita, essas gravações pudessem fazer-me lembrar dos momentos e das falas dos envolvidos nas diversas ocasiões. Esse trabalho ficou longe de ser algo fácil e simples. Ao "estar aqui", considerava estabelecer as relações de simetria na alteridade que o "estar lá" me proporcionava, transformando as situações de entrevistas ou conversas informais em interlocuções entre especialistas de ambos os lados. Esses sentimentos eram mais categóricos quando pude finalmente ter contato mais próximo aos sujeitos, nas visitas *in loco.*

Contudo, claramente pude perceber também pensamentos e inquietações quando tínhamos contato pelas mensagens de texto; haja vista que escrita também é linguagem, e os novos modos de viver nos apresentou essa nova forma de conversar, interagir e que conseguimos também demonstrar emoções por meio delas.

Durante a escrita, escutar os áudios me ajudava a elaborar minhas reflexões e salientar algumas falas ou histórias contadas pelos sujeitos da minha pesquisa. Não fiz a transcrição total do que foi gravado, apenas construía uma sequência de narrativas de algumas partes da gravação, quando era necessário para alguma análise – contando o que aconteceu no dia, ou na conversa, ou narrando alguns fatos.

A prática da etnografia é tão densa e rica, que Geertz (1979) exemplifica a prática como sendo a tentativa de ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerente, com emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais, mas com comportamentos transitórios modelados.

De acordo com Severino-Filho,

> A realização de um trabalho etnográfico implica no cumprimento de algumas etapas que se apresentam como necessárias em um período muito anterior às incursões no campo para as primeiras observações. Dentre elas, o conhecimento mínimo da realidade onde serão realizados os estudos e o esclarecimento e consentimento prévios dos sujeitos envolvidos, quanto às intenções do pesquisador, têm relevância inquestionável. (SEVERINO-FILHO, 2015, p. 22).

No caso de minha trajetória como pesquisadora, escolhi aquele lugar (bairro) como contexto social para ser pesquisado por ser o espaço constituinte de meu trabalho. As pessoas as quais eram afetadas pelo meu ofício de ser educadora eram os jovens e adultos daquele lugar.

As minhas ações como educadora afetavam diretamente as pessoas daquela comunidade – era para elas que eu ensinava, que movia as interpretações da vida, que contribuía como ser humano e com os saberes científicos.

Na pesquisa, nunca estamos certos de que isso ou aquilo vá acontecer. Tudo parece fugir ao nosso controle e a sensação de perder-se na pesquisa é constante. Isso não foge à regra nas pesquisas antropológicas, fazendo com que, muitas vezes, os objetivos tenham que ser novamente traçados. Vamos fazendo, assim como sugere Geertz (1979), "as construções das construções de outras pessoas".

A observação das multifacetas das vivências de um povo ou grupo social é algo que nos foge pelos dedos das mãos, seja quando temos que interpretar o nível das piscadelas presentes em uma conversa, ou quando temos que, no ato de observar, captar as multiplicidades de estruturas conceituais complexas envolvidas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, inexplícitas (GEERTZ, 1979).

Daí a necessidade de estar presente, imergindo no contexto daquele grupo, participando de suas atividades, frequentando os locais os quais frequentam, entendendo suas rotinas, "observando seus rituais, familiarizando-se com o que é estranho e estranhando o que lhe é familiar" (GEERTZ, 1979).

> Concordando com Geertz, Rosalie Wax (1971) considera que a tarefa do etnógrafo consiste na aproximação gradativa ao significado ou a dos participantes, isto é, de uma posição de estranho o etnógrafo vai chegando cada vez mais perto das formas de compreensão da realidade do grupo estudado, vai partilhando com eles os significados. (ANDRÉ, 1995, p. 20).

Por isso a observação na prática da etnografia é chamada de participante. O pesquisador tem aproximações diretas com os sujeitos da pesquisa ou o lugar, e é nessas aproximações que o pesquisador vai adentrando em um espaço de vivência que é específico daquele grupo. Então, o fato de estar ali, presente nas atividades relacionadas ao grupo o torna participante. Tal como André (1995) que diz que a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado.

Em nossa realidade pesquisada, minha interação com os sujeitos era direta. Era eu e eles, numa trama de envolvimentos, como pesquisadora e sujeitos da pesquisa, com conversas formais e informais, perguntas diretas e indiretas, contação de histórias de vida, falar abertamente sobre algo que os incomodava, sobre as concepções com seus lugares de vivência – o bairro.

Outro aspecto importante da pesquisa etnográfica é o fato de que o principal instrumento na produção e análise das informações é mediado pelo instrumento humano. (ANDRÉ, 1995). A produção das informações se faz de modo que o pesquisador esteja presente em tudo que observa, pois o ato de observar o obriga a estar nos espaços estudados, assim como exige de suas faculdades mentais certa sensibilidade ao discutir e argumentar sobre o que observou.

> O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho. (ANDRÉ, 1995, p. 28).

No exercício do pesquisar, enquanto pesquisadora, era eu o principal instrumento de produção das informações sobre o contexto estudado. Além da produção dessas informações para a descrição e análise, com alguns instrumentos de registro (cadernos de campo, fotos, vídeos, gravações), eu, como instrumento humano, fazia o que nenhum outro instrumento de análise poderia fazer, respondendo às circunstâncias que me cercavam, revendo as questões que orientavam minha pesquisa, fazendo reflexões a *priori* e a *posteiori*, localizando os sujeitos, revendo a metodologia, (re)marcando encontros, interagindo com os sujeitos, mesmo estando longe, pelos aplicativos de mensagens, percorrendo caminhos e observando atentamente o acontecer natural das coisas nos espaços socioeducativos das pessoas, suas casas, as ruas, as praças, etc.

Outras características importantes da etnográfica, segundo André (1995), são a ênfase no processo, a preocupação com o significado e o trabalho de campo. Na primeira – a ênfase no processo – a autora pondera que o destaque deve ser aquilo que está ocorrendo e não no resultado final. Logo, é imprescindível que o pesquisador tenha um olhar especial a tudo e a todos à sua volta, que consiga ver e possa discutir o "algo a mais" que nas atividades rotineiras passam despercebidas. A essência da pesquisa deve estar na análise dos fatos em seu acontecer.

Por conseguinte, temos a preocupação com o significado. O pesquisador precisa enxergar a maneira como as pessoas veem a si mesmas, suas concepções de mundo, suas experiências, o seu mundo naquele lugar, suas vivências, suas crenças, seus costumes, seus discursos, suas práticas, seus hábitos.

> Compreender é buscar significado para algo. [...] A compreensão visa à abertura de significados. E como fazê-lo? No dia-a-dia, por meio de nossas experiências vividas, percebemos sentidos que fazem nossas ações, os quais vão, na complexidade de nossa historicidade, configurando visões de mundo (MIARKA, 2011, p. 32).

O papel do pesquisador se faz na tentativa de apreender e retratar essa visão pessoal dos participantes da pesquisa. Essas estruturas de significação serão a produção do material sobre o que foi observado, mostrando em um conjunto de discursos diversos sobre a forma de como

as pessoas resolvem os problemas de suas vidas, o significado que ele mesmo teceu (GEERTZ, 1979).

Daí justifica-se a etnografia ser envolvida pelo trabalho de campo. Esse pesquisador precisa aproximar-se das pessoas, situações, eventos, locais, mantendo sempre um contato direto e prolongado, que pode variar bastante, indo de algumas semanas, meses ou anos. Tudo depende do contexto em que a pesquisa se encontra, a disponibilidade do pesquisador, suas experiências neste tipo de trabalho e na quantidade de pessoas envolvidas. (FINO, 2003).

A propósito, em tempos de pandemia, tivemos uma interrupção no ato de nos aproximarmos das pessoas (pessoalmente). Entretanto, essa interrupção se deu somente no fator "pessoalmente", porque tivemos que nos adaptar e construir uma forma de manter a aproximação com os sujeitos da pesquisa. Se assim não fizéssemos, estaríamos até hoje (04/02/21 – e a pandemia ainda não acabou e ainda está longe de um fim) aguardando a pandemia acabar e a pesquisa estaria estagnada. Como dito acima, tudo depende do contexto em que a pesquisa se encontra; e nosso contexto foi uma situação de calamidade e paralização de todas as atividades ditas não essenciais, afastamento entre pessoas.

Enfrentamos um momento de guerra. Nessa guerra, o nosso inimigo é invisível, o país que irá vencer essa guerra será aquele que investir na ciência, saúde, infraestrutura hospitalar, no cuidado com as pessoas. A guerra de todo dia é o membro da família que não podemos abraçar, o amigo do peito que vai embora pelo vírus – o último abraço que nunca poderá ser dado, o contato com os amigos e professores na escola, a bagunça no intervalo das aulas com os amigos, manter a sanidade mental.

Dessa forma, outra alternativa nos foi dada por meio das tecnologias digitais. Para rever os amigos, conversar com o colega, para falar com aquele avô que não se pode ter contato, para ter aquela aula que já não é na escola. As novas salas de aula são a nossa própria casa, nosso próprio quarto. Por meio desse tipo de contato, ainda pudemos manter uma conversa, alguns encontros (e desencontros), pudemos, de certa forma, conhecer as casas, os cantinhos que são usados para o estudo nas aulas on-line, onde a mãe costura, onde o pai descansa, onde as crianças brincam.

> Etnografia significa literalmente descrição de um povo, etnografia lida com gente não com indivíduos, é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, dos costumes e crenças aprendidos e compartilhados (ANGROSINO, 2009, p. 16).

Após toda a preparação da pesquisa, a familiarização com o sistema e a história do grupo, a obtenção dos acessos, permissões e observações por meio do contato direto com o

grupo, produzindo informações objetivas e subjetivas, seguindo pistas, registrando observações no caderno de campo, é hora da análise.

Na análise, o pesquisador faz a organização das informações, filtra, interpreta, define e redefine objetivos, fazendo uso de uma grande quantidade de informações descritivas de situações, ambientes, depoimentos, diálogos; todos reconstruídas em forma de transcrições ou relatadas pelo próprio pesquisador (FINO, 2003).

Em nossa caminhada, no tocante à organização pré-análise, foram inúmeras gravações em áudios, várias fotos, várias conversas com os alunos no *WhatsApp*, as anotações do caderno de campo (nelas continham minhas anotações sobre algo observado, algumas coisas que as pessoas falavam que eu anotava, anotações de minhas sensações (medos, inseguranças) enquanto pesquisadora, algumas coisas que alguns autores falavam que eu achara interessante e anotava ali, com o intuito de não se perder com outros papéis).

Nesse caderno de campo, encontra-se de tudo: sentimentos no momento das observações, descrição de lugares, percepções minhas e de outras pessoas, anotações gerais dos locais, de pessoas, percepções posteriores às visitas nos locais e anotações sobre algumas ideias de autores sobre a etnomatemática, coisas que, quando lia, justificavam de, alguma forma, o que eu tinha vivenciado em algum momento e deixava registrado para posteriormente ler, pensar e evoluir, descobrir novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.

Organizar tudo isso para uma análise foi ao mesmo tempo que trabalhoso, também automático. Ao passo do que escrevia, as coisas que eu tinha vivenciado como pesquisadora vinham à minha cabeça e eu fazia as buscas pelo material que eu tinha. Os áudios e as fotos foram colocados na nuvem, no Google drive, para garantia de que não os perderia.

Contudo, Fino (2003) observa que uma das principais dificuldades metodológicas quando se faz a pesquisa de cunho etnográfico fica relativa à indefinição precisa desse tipo de estudo, e parafraseia um poeta ao dizer que o caminho da jornada etnográfica se faz à medida que se avança. Não sabemos o que vamos encontrar efetivamente, ou o que irá acontecer. De fato, o êxito da investigação etnográfica se dá ao passo de que o pesquisador tenha aguçada capacidade interpretativa, usando a seu favor a mobilização de instrumentos teóricos de análise. Há nos fatos e acontecimentos, subjetividades que nunca são completamente controladas.

É isso que torna a pesquisa etnográfica tão fascinante e única. O que este pesquisador investiga, discute e interpreta, não é visto pelo mesmo ângulo o qual aquele fará. Cada pesquisador usa a sua câmera; a "câmera de seu olhar" (SEVERINO-FILHO, 2015).

Diria ainda que, quando alguém lê o trabalho escrito do pesquisador, as interpretações também ocorrem diferentes da forma como que este ou aquele o lê. Fazemos as interpretações das interpretações dos outros, num vai-e-vem de nossa própria construção das construções de outras pessoas (novamente) (GEERTZ, 2008).

O antropólogo Geertz (2008) nos dá exemplo em sua obra sobre as piscadelas analisadas entre um grupo de garotos, demonstrando que as piscadelas podem ser interpretadas e compreendidas de diversas maneiras, de acordo com a cultura e o sujeito que pisca. Ou seja, o ato de piscar pode ser interpretado como um tic, um falso tic, uma falsa piscadela, uma imitação, uma forma de cantada. Há várias intepretações possíveis.

Entretanto, tudo isso sendo analisado de uma forma isolada não faz nenhum sentido. Esse sentido será dado de acordo com a cultura ou o combinado entre os sujeitos, suas redes de significados. Daí o autor salienta para a importância dos símbolos quando praticamos a pesquisa etnográfica. Geertz (1979) chama esses símbolos de veículos da cultura. O símbolo, segundo o teórico, compreende todas as representações atribuídas por um grupo sociocultural. É a associação de um objeto com o *Outro*, analisa comportamentos, imagens, organizações sociais, rituais, percepções de mundo que, associados entre si, geram significados.

Os símbolos expressam ideias, pensamentos que podem ser formulados e concebidos pela práxis e manipulação dos símbolos em si. Os símbolos são chamados por Geertz (2008) como as estruturas cognitivas da cultura, estão presentes na vida cotidiana e não são polissêmicos; com diferentes sentidos, para diversos atores construídos continuadamente dentro de um sistema cultural.

Daí retratamos a suma importância demonstrada pelo autor acima citado, sobre a descrição densa. Não sendo apenas uma narrativa do acontecido, ou uma ata de um acontecimento, mas uma escrita descrevendo os acontecimentos considerando o contexto, valorizando as visões locais, do ponto de vista de quem estudamos – os nativos. Os antropólogos interpretativistas valorizam a análise hermenêutica. O pesquisador pode, ao registrar seus dados, escolher quais serão os fatos e como eles serão interpretados.

Considerando o campo de investigação empírica, o pesquisador interpreta à sua maneira, como os fatos se mobilizam dentro de uma cultura, seja ela qual for. A descrição densa vai além da codificação, vai além de descrever o que se está vendo. “[...] O que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem [...]” (GEERTZ, 2008, p. 7).

Podemos dizer que, nessa concepção de Geertz (2008), retratamos a visão a qual instauramos no processo da pesquisa, observar os modos de viver, de interação entre as pessoas,

entre o ambiente e os moradores, nas falas e ideologias das pessoas com as quais conversamos. A partir das construções das outras pessoas, construímos nossas construções, na pretensão de retratar seus saberes e fazeres, debatendo realidades e modos de viver.

1.3. Entre o caminhar e o observar – os detalhes...

Iniciamos os procedimentos para alcançar o primeiro item dos objetivos específicos da pesquisa – "Caracterizar aspectos do perfil socioeconômico-cultural" dos alunos, identificando os bairros de origem e as atividades laborais praticadas pelos alunos e pelos membros de sua família, além de identificar os espaços de uso coletivo frequentados pelos alunos e seus familiares.

No dia 12 de fevereiro de 2020, dirigi-me até a escola para que pudesse entregar os questionários aos alunos a fim de levarem para suas casas para, juntamente com seus pais ou responsáveis, responderem. O que eu não contava era que as aulas ainda não tinham começado (por uma questão de não ter fechado o quadro de professores contratados para o ano letivo vigente (2020)). Conversei com a coordenação da escola a fim de decidirmos o dia que seria mais conveniente para eu ir aplicar o questionário. Depois de algumas conversas, decidimos juntamente com o orientador, aplicar no dia 17 de fevereiro de 2020.

Os questionários foram entregues às turmas do matutino e vespertino, aos segundos e terceiros anos do Ensino Médio, para serem respondidos em casa, junto com seus pais ou responsáveis. Já nas turmas do período noturno apliquei em dois terceiros anos do Ensino Médio (3º E e 3º F). Abaixo segue o quadro das turmas as quais foram aplicadas o questionário socioeconômico cultural.

Quadro 1 – Turmas que responderam ao questionário socioeconômico cultural

PERÍODO	TURMAS
Matutino	2º A, 2º B e 3ºA
Vespertino	2º C e 3º B
Noturno	3º E e 3º F

Fonte: pela autora (2020)

Ainda antes de fazer uma análise das possibilidades dos alunos participantes da pesquisa, resolvi, em uma tarde ensolarada, sair e percorrer as ruas do principal e mais antigo bairro da zona leste da cidade – o bairro "São Domingos". Saí sem roteiro em mãos, sem saber o que procurar, onde andar, ou por quais ruas passar. Apenas fui para o exercício da observação, com um caderno de campo, fazendo algumas anotações e, à medida que me sentia confortável, tirava algumas fotos para uso a posteriori na pesquisa.

Mauss (2012) orienta que, nos métodos de observação, é primordial iniciar um "diário de viagem", no qual se anote tudo todas as noites, o trabalho realizado durante o dia. Entrará neste diário todo um repertório fácil de consultar, como um primeiro elemento de trabalho. Seguindo essas orientações, anotei tudo o que observava e também o que eu refletia no exato momento da observação, mesmo que posteriormente ao fazer uma releitura, já não visse pelo mesmo ângulo determinada situação. Era importante o que a experiência da observação me levava a refletir no momento, *in loco.*

Para ter uma ideia de onde os alunos estavam distribuídos dentre os bairros que compõem a comunidade da zona leste da cidade, separei os questionários por bairro e obtive uma noção da quantidade de alunos pertencentes a cada bairro. Das sete turmas que receberam os questionários, foram 167 respondidos, sendo dois do bairro Boa Esperança I, 11 de Boa esperança II, três do Nova Aliança I, 11 de Nova Aliança II, 29 do bairro São Domingos, 29 do Novos Campos, 17 do Mário Raiter, 13 do Vila Bela, 7 do Industrial I e oito do Industrial II, dois do Fraternidade, 28 responderam "Outros", sendo que dois assinalaram outros e colocaram observação que eram do bairro São Mateus, e um do bairro São Francisco, e mais quatro pessoas assinalaram que pertenciam ao setor leste, que não é um bairro específico, mas sim, uma região da cidade onde está esse complexo de bairros.

Dentre os bairros que tiveram um número maior de alunos, o bairro São Domingos e o bairro Novos Campos foram os que apresentaram maior quantidade. A princípio, foi essa informação que me ajudou a pensar na escolha dos participantes ativos da pesquisa. Posteriormente, analisei as outras informações presentes no questionário, uma a uma, procurando algo que me chamasse atenção, nada pré-determinado; não procurava algo em específico.

Em acordo com Fino (2003), a recolha dos dados não é de maneira estruturada, não decorrerá de uma execução de um plano detalhado, pensado e planejado anterior ao seu início, assim como também não pré-estabeleci as categorias a serem utilizadas para interpretar o comportamento das pessoas. Isso não significa que não houve uma sistematização na investigação, mas sim, que esses dados foram recolhidos em bruto, utilizando critérios tão inclusivos quanto possível.

Atentei-me ao tempo de residência na cidade. Com isso, a probabilidade de a família ter mais fatos para contar e contribuir com a pesquisa era maior. Alguns alunos que responderam os questionários foram alunos meus, e por conhecê-los de perto e saber que esses alunos seriam de fácil acesso, espontâneos e teriam facilidade para interagir com as pessoas, decidi escolher alguns deles.

No total, foram 28 questionários selecionados, os quais posteriormente foram reanalisados e redefinidos. Pensei a priori em selecionar cerca de dez alunos, mesmo sem a garantia que conseguisse mantê-los na pesquisa. O próximo passo dado foi convocar esses alunos para uma roda de conversa na escola, espaço onde, a princípio, seria mais fácil de reunirmos.

De acordo com Lapassade (1991), pesquisar com inspirações etnográficas começou a ser utilizada por antropólogos e designam um trabalho de campo onde recolhemos as informações e materiais que nos servirão de objetos de uma elaboração teórica posterior. O lugar do nosso trabalho de campo é o bairro onde as pessoas moram e vivenciam suas atividades em seus espaços socioeducativos não-escolares, aprendendo e construindo conhecimentos tão importantes quanto os adquiridos na escola (espaço socioeducativo escolar).

Pesquisar com inspirações etnográficas também é entendido como uma forma de descrever uma cultura, compreendendo a maneira de viver do ponto de vista de seus nativos (SPRADLEY, 1979 apud FINO, 2003). Essa experiência nos ajuda a compreender como essas pessoas veem as suas vivências, o que aprendem com as outras pessoas, com suas próprias famílias. A principal fonte de coleta de informações da pesquisa foi abordar as pessoas em seu contexto habitual, e esses dados foram recolhidos de diversas fontes, sendo a principal delas, a conversa informal.

Em um dia de março, dirigi-me à escola para conversar com alguns alunos os quais selecionei a partir da leitura dos questionários. Das três salas que visitei, 11 alunos foram selecionados do período matutino, cinco deles não quiseram participar. Entretanto, outros 9 alunos pediram para participar. Os que manifestaram interesse foram inclusos. Se precisasse eliminar alguns mais tarde, faria isso quando fosse necessário.

É interessante ressaltar que, de alguma maneira (acredito que seja porque sou professora da escola há muito tempo), alguns alunos demonstraram maior interesse e confiança em participar da pesquisa. Alguns até acompanharam todo o processo do início dos estudos no curso de mestrado. Na época, eu lecionava para alguns deles e tínhamos conversas sobre as minhas idas até a cidade de Barra do Bugres – MT, para fazer as disciplinas obrigatórias do mestrado. Falávamos sobre os custos de se fazer um curso fora da cidade onde moramos, sobre as incertezas, as angústias, a produção dos trabalhos.

Comentávamos da dificuldade de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, da dedicação que se fazia necessário para um bom rendimento nos estudos. Quando passava alguns dias sem fazer algum tipo de comentário, esses alunos pediam para que eu falasse um pouco “como estavam as coisas lá no mestrado”. Estavam interessados em saber se estava tudo correndo bem.

Existia um certo carinho por parte dos alunos, sempre torcendo para que eu pudesse ser "liberada pelo governo" para me dedicar somente aos estudos. Mesmo que em certos momentos ficavam tristes porque sabiam que isso significaria o nosso afastamento, afirmavam que gostavam de minhas aulas e queriam que eu ficasse com eles o resto do ano.

Para dar um feedback aos alunos, passei nas cinco salas do período diurno que havia passado anteriormente e aplicado os questionários e esclareci sobre os procedimentos realizados para a escolha das pessoas que fariam parte da pesquisa. Para essa primeira etapa, conseguimos um total de quatorze alunos do período diurno interessados em participar da pesquisa.

Após passar nas salas de aula, nos encaminhamos para a biblioteca da escola onde todos sentaram em três mesas redondas e ali iniciamos nossa conversa. Iniciei a conversa fazendo uma explicação de forma muito simples sobre do que se tratava a pesquisa, falei um pouco sobre o Programa Etnomatemática e o que isso tudo significava.

Abertamente falei que tudo o que acontecia com eles enquanto vivenciavam suas experiências dentro e fora da escola, por mais insignificante que parecesse, a etnomatemática explicaria como teoria do conhecimento, e não só de matemática. Que existiam grandes teóricos que nos faziam entender isso e discutir em pesquisas no Brasil e no mundo. No simples fato de levantarem de manhã para irem à escola ou ao trabalho, esses fazeres estão embebidos de conhecimentos, tanto matemáticos quanto de outras áreas, além de que as suas vidas são regidas por "matemáticas" o tempo todo.

Expliquei que a intenção era de que eles me levassem para conhecer os seus bairros de origem, suas rotinas, tomar conhecimento das festas e dos locais que frequentavam; que iríamos conversar com os seus pais, avós, tias, e conhecer suas histórias de vida, seus conhecimentos experienciados por toda a vida e tudo o que eles tivessem para contar. "Tudo o que parece bobo e ingênuo pode ser importante para a pesquisa! ", foi uma fala que eu mesma fiz aos alunos.

Preocupei-me em deixá-los cientes sobre esse "parecer não ter importância" porque os alunos, em sua maioria, não acham que os seus conhecimentos empíricos são importantes. Muitas vezes, deixam de comentar alguma coisa que seria muito bom para abrir uma discussão na turma, ou mostrar outro modo de fazer determinado exercício. E esses detalhes se perdem quando os alunos se reprimem ao expressar coisas de seus cotidianos.

Por fim, perguntei se alguém tinha ficado com alguma dúvida, todos reagiram negativamente e os deixei livres para que, a qualquer momento, solicitassem qualquer esclarecimento via grupo de WhatsApp que criamos para que pudéssemos nos comunicar. Acompanhei todos esses alunos até as suas respectivas salas de aula e agradeci aos professores pela disponibilidade da dispensa dos alunos na aula.

Nesse primeiro encontro das turmas diurnas, não consegui fazer a entrega dos termos de assentimento para a participação na pesquisa, mas me organizei e na semana seguinte fiz a coleta das assinaturas dos alunos.

Aos 13 dias do mês de março, numa sexta feira, fui à escola Ignácio Schevinski Filho, no período noturno para falar com alguns alunos selecionados anteriormente. Cheguei à escola às vinte horas, falei com um dos coordenadores, avisando de minha visita aos alunos.

Quando cheguei avistei o diretor, que estava em uma posição estratégica que a escola tem, onde se consegue ver todas as portas de todas as salas de aula de uma vez. A escola tem o formato de Y (ípsilon) então, no entroncamento das duas alas que se abre formando no formato de V, se consegue ver as duas extensões dos corredores de salas de aula. O diretor, trocando algumas palavras me disse que estava ali em plena sexta feira porque "tinha que abrir e fechar a escola na semana".

Imagem 2 – Endereço da escola Ignácio Schevisnki Filho



Fonte: Google Maps (2020)

Como já era 20:40h, aguardei para passar nas salas após o intervalo, que era as vinte e uma horas. Assim feito, entrei nas salas do 3ºE e 3ºF, fazendo o chamamento desses alunos para conversarem mais detalhadamente na sala da biblioteca da escola. Dispusemo-nos na biblioteca e lá conversei com os alunos, explicando sobre a minha pesquisa e convidando para que participassem. Após explicado, li o termo de assentimento juntamente com eles, e peguei as assinaturas dos alunos que aceitaram participar. No total foram 11 alunos selecionados. Separei um momento para sessão de tira-dúvidas.

A dúvida principal foi a de que se teria problema entrar e depois desistir. Confirmei que poderia desistir sem prejuízo algum. Um desses alunos que vieram até a biblioteca não quis assinar o termo e pediu que gostaria de pensar se participaria ou não. Deixei ele livre e tranquilo quanto a isso. Um outro assinou o termo, mas não quis sair em umas fotos que fizemos do encontro.

Conversamos por mais ou menos uma hora. Um aluno de uma outra turma que não passei para aplicar o questionário pediu que gostaria de participar, pois ficou sabendo da pesquisa por um colega do período matutino. Falei que ele era bem-vindo, esse aluno eu já conhecia, pois fora meu aluno em anos anteriores ao meu afastamento para qualificação. Peguei os contatos telefônicos com esses alunos e inseri-os no grupo de *WhatsApp* da pesquisa em etnomatemática da escola Ignácio Schevinski.

Nas semanas posteriores, ficamos de marcar encontros semanais na própria escola, a fim de conversarmos e estreitar nossos laços para uma melhor fluidez na pesquisa. Esses encontros não chegaram a acontecer. Pelas quatro semanas seguintes, não conseguimos realizar nenhum encontro, pois estávamos todos isolados em suas próprias casas, a fim de combater a disseminação do Corona vírus (Covid 19) em nossa cidade. As aulas ainda não tinham paralisado totalmente, mas a escola já não estava permitindo entrada de pessoas que não fosse essencial estar ali.

Nessas semanas as quais não pudemos nos encontrar, organizei melhor o nosso grupo de *WhatsApp*. O nome dado a este grupo foi “Pesquisa Etnomatemática”. Tínhamos a princípio 21 pessoas no grupo; destas, quatro saíram. No dia 14 de março, cobrei um dos alunos do grupo para lembrar-se de mandar umas fotos da feira livre que aconteceria em frente à sua casa aos finais de semana.

Solicitei a todos os participantes que fizessem um vídeo mostrando seu trabalho, o que faziam no dia a dia, os encontros para descontrair, as saídas com os amigos, as baladas. Apenas um aluno se pronunciou escrevendo uma figura de uma “joia”. No dia 16 de março, repostei a mensagem novamente. Pedi que, para quem não quisesse enviar no grupo poderia enviar em modo privado, se isso os fizessem sentir melhor. Apelei à mensagem: “Estou aguardando vocês! Favor, me ajudem. [...]. Interajam comigo gente? Cadê vocês? ”. Uma aluna se pronunciou e disse que no outro dia mandaria algo.

Aproveitei o fluxo da conversa e perguntei para essa aluna se na escola não tinham falado nada sobre paralisar totalmente as aulas, em virtude do surto do novo Corona Vírus (Covid-19). Ela respondeu que parecia que dia 23 iriam paralisar. Confirmei a informação de que o governador do estado de Mato Grosso já tinha decretado que do dia 23 de março até o dia 05 de abril todos deveriam ficar em quarentena, em suas casas. Pedi para que eles me avisassem qualquer informação nova. Comentei no grupo que eu queria marcar um passeio no bairro com eles, mas aguardaria essa fase de quarentena passar.

Nessa fase, desconfiei que tudo o que eu tinha planejado anteriormente não iria acontecer da forma que fora planejada. Percebi que a essa altura iríamos perder muitos alunos

que haviam se disponibilizado a participar, com a falta de contato presencial, calor humano, interações entre as pessoas, muitos já teriam se perdido, pois não se pronunciavam e foram saindo do grupo um após o outro. Eu tentava uma interação maior com o grupo, mas obtinha poucas reações favoráveis.

Dia 18 de março, à noite, voltei a conversar com o pessoal pelo grupo, confirmando que teríamos que aguardar as coisas melhorarem, pois ninguém poderia ficar se expondo ao vírus na rua. Aproveitei e cobrei as fotos, áudios, filmagens, pois não tinha recebido nada até o momento. Dia 19, voltei a cobrar, e alguns falaram que não estavam saindo nem no portão de suas casas, não saíam para a rua, exceto quem trabalhava fora e era obrigado a ir.

Dia 20, enviei a seguinte mensagem aos alunos: “Boa tarde meus zamouris!!!! Não recebi nada até agora, aproveitem que estão em casa e entrevistem os pais ou avós de vocês para contarem a história de vida deles, de quando chegaram em Sorriso. Gravem áudios e me mandem. Por favor!!!! Gravem áudio contando um dia de serviço de vocês também, o que fazem no seu trabalho. Conta tudo normalmente, como se tivesse contando para um amigo. Me ajudaria muito, por favor! ”. Após essa mensagem, um aluno disse que iria fazer um vídeo completo da sua casa. Em seguida, gravei 4 (quatro) áudios. Nesses áudios, falei que, quanto mais detalhes eles me passassem seria melhor, e os que eles achassem que não seria importante me enviassem mesmo assim, pois seria útil de qualquer forma. Algumas de nossas conversas e áudios pelo *WhatsApp* foram salvos, outras foram perdidas (perdi meu celular com os arquivos antes de salvá-los na nuvem).

Deixei claro que eles seriam preservados quanto aos nomes e as imagens (rostos não apareceriam). Apenas um dos alunos me enviou um vídeo, pelo modo privado (demonstrando novamente a falta de segurança desses alunos quando têm que se exporem aos outros, tanto por meio de imagens ou mesmo nos pronunciamentos). Falaram-me, posteriormente, que não se importariam que aparecesse os seus nomes e rostos, que seria um prazer aparecer em minha pesquisa. Só enviavam no privado mesmo por sentirem-se mais à vontade.

Nesse vídeo, o aluno mostrou primeiro seu quarto, mostrando onde dormia, o banheiro onde tomava seu banho, a sala de sua casa, e lá estava seu pai, sentado em seu sofá. A princípio ficou um pouco sem graça, mas falou resumidamente sobre sua formação, hoje com 22 anos de profissão - enfermeiro.

Em seguida, foi para a cozinha, e mostrou sua mãe, chamando-a de “minha rainha”, pedindo para que ela contasse resumidamente a história de sua vinda para a cidade de Sorriso/MT. A mãe dele enfatizou que, primeiramente, ela veio para Sorriso com o intuito de seus filhos estudarem; fulano de tal (nome do seu filho) estudar no IFMT (Instituto Federal de

Mato Grosso), e o outro filho (o que estava fazendo a gravação) estudar também. Ele ficava apressando sua mãe para encurtar a história, e dizia que fazia essa filmagem para sua professora.

Mostrou também seu cachorro e sua rua, que por sinal estava deserta. Foi para frente de sua casa e apontando a câmera do celular, filmava à frente de sua casa, os muros altos, apenas no reboco de cimento, uma grade marrom no portão que dava acesso à área da casa. Nessa área, havia muitas pilhas de revestimento de pisos, talvez que seriam colocados posteriormente na casa. Algumas pilhas de madeira, ao redor dessa mesma área, e um carro ocupando todo o espaço que sobrava desse lugar.

Imagem 3 – Espaço da cozinha da casa de um aluno



Fonte: arquivo pessoal de um aluno (2020)

Ainda durante a gravação do vídeo, quando o aluno passa por uma pilha de calçados, mostra sua chuteira e comenta: *"Nascido pra jogar, forçado a trabalhar*! ". Essa fala me chamou atenção, pois no ato de fazer o vídeo, ele mostra um item que parecia ter-lhe muita importância, talvez pelo prazer que praticar aquele esporte lhe proporcionava. Mas ele não podia se dedicar integralmente àquele esporte porque tinha que trabalhar ali mesmo, perto de sua casa, em um mercado que atendia atacado e varejo. Ele trabalhava de "faz tudo" (modo como determinou sua função), com sorriso nos lábios e demonstrando descontentamento na alma.

Mais do que rapidamente, pedi ao aluno que mostrasse para sua mãe um áudio que produzi, pedindo para marcar com ela (claro que após a quarentena por causa do vírus), uma entrevista. Pela fala daquela senhora me senti confortável em solicitar-lhe uma entrevista, pois senti certa disposição para conversar; e melhor – gostava de falar sobre sua história de vida. O aluno assim o fez e ficamos de marcar uma entrevista presencial com sua mãe, já que ela aceitou o meu pedido. Tudo isso seria marcado para depois do período de restrição por causa da pandemia, então não deixamos data marcada.

Entendo que a etnografia se faz *in loco* e essa primeira abordagem feita pelo aplicativo de mensagens não teve o objetivo de substituir uma vivência presencial junto a esse grupo de alunos. Nessa abordagem, procurei fortalecer um laço de confiança com esses alunos, já que não pudemos estar na escola ou em outro lugar que fosse presencialmente. A infestação da Covid-19 tornou-se alarmante e o prefeito de Sorriso - MT decretou o fechamento das escolas e dos comércios, com exceção dos supermercados, farmácias, postos de gasolina e padarias. Então, nesse momento, eu não tinha como ter contato presencial com esses alunos.

Mais tarde, esse grupo do *WhatsApp* me ajudou, com um olhar mais específico, a definir quais seriam os alunos que estavam mais adeptos a me ajudarem, a abrir suas casas e suas vidas, a me contar as coisas que eu gostaria de saber, enfim, de estabelecer uma relação mais próxima para que pudéssemos nos relacionar mais tranquilamente, assim como o etnógrafo se relaciona com o pesquisado, na busca de significados em seu cotidiano. Essas informações eu pude captar prestando atenção no nível de disponibilidade que alguns tinham para me atender. Ao final, percebi que eram sempre os mesmos que falavam comigo.

Uma semana após essa reorganização, iniciei outra uma conversa fazendo a pergunta de como estavam se virando na quarentena. Nisso mais três pessoas saíram do grupo. Uma delas adicionou um outro número, uma aluna que anteriormente tinha saído e decidiu retornar.

Com uma dessas pessoas que saiu do grupo, entrei em contato no privado e pedi o motivo de ter saído, pois queria ela comigo na pesquisa por já ter sido minha aluna anteriormente e, de certa forma, ela estava já bem à vontade em nossas conversas. Ela alegou que estava sem graça, que ninguém estava fazendo nada no grupo. Expliquei que os outros estavam mandando o que eu pedia pelo modo privado, por ficarem com vergonha dos colegas ao enviarem os dados. Então ela alegou que tinha entendido, e que iria se conectar comigo pelo privado também.

Essa foi uma dificuldade que encontrei nessas primeiras abordagens com meus sujeitos da pesquisa. Mesmo todos estarem utilizando os aplicativos de mensagens e isso funcionar muito bem para comunicação com os jovens em tempo de pandemia, eles não interagiram da forma que eu esperava. Imaginei que, por serem jovens e estarem on-line o tempo todo nas redes sociais pelo celular, estariam continuamente e abertamente mantendo as conversas comigo, num turbilhão de informações, etc. Pelo contrário, eles ficaram arredios, o afastamento social os deixou afastados virtualmente também, (claro que não para as redes sociais e jogos on-line). Apenas para os assuntos relacionados à escola e às minhas solicitações.

De acordo com as interações feitas com alguns alunos, escolhi cinco do grupo. Resolvi colocar uma breve descrição de cada um, ELIAB, MATHEUS, JORGE e MOISÉS o quinto

membro aparece mais à frente. Iniciei uma descrição desses cinco alunos, caracterizando aspectos socioeconômicos culturais, bairros de origem e atividades realizadas por eles e suas respectivas famílias. Tais informações retirei do questionário socioeconômico e social que fiz no início da pesquisa, quando passei nas salas de aula convidando os alunos a fazerem parte de minha pesquisa, bem como de algumas conversas informais com esses alunos.

1.4. Conhecendo os sujeitos – encontros e desencontros

Começo com Eliab: Tem mais de 18 anos, estuda há quatro anos na Escola Ignácio Schevinski Filho e reside no bairro São Domingos há mais de oito anos. Eliab nasceu em Sorriso/MT e trabalha como repositor em um mercado de atacado e varejo, próximo à Escola Ignácio Schevinski Filho. Além dessa atividade, informou que também trabalha como barbeiro. Junto com ele moram seu pai, sua mãe, seu irmão. A renda mensal da família é de mais de três salários mínimos e a casa é própria. O pai de Eliab é enfermeiro e sua mãe é dona de casa.

As atividades que costuma desenvolver, quando não está na escola é ficar em casa assistindo TV/séries/programas, usa frequentemente o celular nas redes sociais, vai à praça das Fontes (praça na região Oeste da cidade, onde está localizado um ginásio de esportes e há um vasto gramado, com bancos para os jovens interagirem uns com os outros), além de ir à igreja e à quadra (não identificou exatamente qual e onde era essa quadra).

Das atividades que realiza em seu trabalho, descreve apenas como carregar várias quantidades de fardos e repor mercadorias nas prateleiras do mercado. Em casa, não sobra tempo para ajudar nas tarefas domésticas, pois o horário de trabalho no mercado é bem extenso e exaustivo. Do grupo de amigos que Eliab tem, apenas alguns são da escola onde ele estuda (Ignácio Schevinski Filho). Frequentemente, com seus amigos, costuma jogar videogame, jogar bola, tomar tererê e fazer um churrasco (“queimar uma carne” – assim expressado por ele).

Dos locais que mais gosta de frequentar, nas horas vagas ou finais de semana, destaca ser as quadras poliesportivas e a igreja. No bairro onde reside, há Igreja, feira de produtor rural, bares, escola, mercado, delegacia, farmácia e lojas. Eliab costuma frequentar os lugares que não pertencem ao seu bairro para se divertir, passear e visitar outros amigos.

Em seguida, falaremos de Matheus. Tem 17 anos, estuda na escola há 4 anos, mora no bairro Industrial I há 17 anos. Porém, não nasceu na cidade de Sorriso/MT, nasceu no município de Vera/MT (68 km de Sorriso), mas com apenas 7 dias de vida, mudou-se para Sorriso/MT. Então ele afirma que, praticamente, nasceu em Sorriso mesmo. Matheus trabalha em uma

empresa muito conhecida de materiais elétricos e iluminação, no centro da cidade, no setor de expedição de mercadorias.

Em sua casa, moram quatro pessoas (ele, sua mãe, seu pai e sua avó) e a renda mensal da família é de mais de três salários mínimos. Moram em casa própria, sua mãe é professora, seu pai é motorista e sua avó aposentada. Das atividades que desenvolve quando não está na escola, as principais são: ficar em casa, assistir TV/séries/programas e usar o celular para redes sociais e jogos, e ir à academia perto de sua casa.

Das atividades que realiza em seu trabalho, Matheus descreve que, quando o material é vendido, ele separa o que tem na loja, e o que não tem, passa para o setor de compras da loja. Acompanha o processo da compra, passa as informações aos clientes sobre seus pedidos, faz a etiquetação dos produtos e agenda as entregas aos clientes. Além de fazer ajustes de estoque e remanejamento de materiais dentro da loja.

Dos grupos de alunos que se relaciona, a maioria deles é da própria escola onde estuda. Nos momentos de lazer, com seus amigos toma tererê e joga videogames. Nas suas horas vagas, os locais que mais gosta de frequentar é o parque ecológico da cidade e a praça (não identificou qual). No seu bairro existem igreja, feira, bares, mercado, escola, delegacia, farmácia, lojas, clubes e academia. Dos locais que mais gosta de frequentar, além de estar em casa, afirma ser a academia do seu bairro. Dos lugares que não pertencem ao seu bairro, Matheus frequenta para se divertir, trabalhar, passear e visitar outros amigos.

O terceiro sujeito da pesquisa é o Jorge. Tem 17 anos, estuda na escola Ignácio há 2 anos, mora em Sorriso há dois e reside no bairro São Domingos. Nasceu em Santo Amaro, na Bahia, não trabalha fora de casa e reside com sua mãe, um irmão e seu padrasto. A renda mensal de sua família se enquadra em mais de três salários mínimos, a casa onde mora é alugada, seus responsáveis exercem as profissões de barbeiro e costureira, como autônomos.

Jorge, quando não está na escola está em casa, usa o celular constantemente para jogar, assistir, redes sociais. Para, além disso, ajuda nos afazeres domésticos. Quanto ao grupo de amigos com que se relaciona, apenas alguns pertencem à escola que frequenta. Com esses amigos, Jorge joga videogames. Aos finais de semana, não costuma sair de casa. Existem em seu bairro: igreja, bares, mercado, lojas (de todos os segmentos), lotéricas, clínicas odontológicas. Não gosta de frequentar outros lugares, escolhe mesmo é ficar em casa. Sai de seu bairro apenas para visitar seus amigos que não moram no mesmo bairro.

O próximo sujeito da pesquisa é Moisés. Ele tem 17 anos, mora no bairro São Domingos há dois anos e estuda na escola Ignácio Schevinski há 4 anos. Moisés nasceu em Viana, no Maranhão e trabalha como empacotador de supermercado. Em sua casa, residem de três a cinco

pessoas, com uma renda mensal de dois a três salários mínimos e a casa é alugada. Sua mãe exerce a profissão de microempreendedora e seu pai trabalha de mecânico em uma empresa. Quando não está na escola, geralmente, está em casa, usando celular para assistir, jogar e nas redes sociais, além de jogar bola e ir à igreja. Moisés faz um trabalho de evangelização na igreja que frequenta, no grupo de jovens. Em seu trabalho no supermercado, ele basicamente empacota ou faz compras para clientes que solicitam compras por aplicativos.

Apenas alguns de seus amigos são do grupo da escola. Com esses amigos, ele joga futebol e participa dos eventos da igreja. Aliás, essas duas últimas atividades são as suas favoritas nas horas vagas.

Em seu bairro tem igreja, feira do produtor, bares, escola, mercado, farmácia, lojas, clínicas, praça, clínicas. Gosta de frequentar as quadras das escolas para jogar futebol. Costuma frequentar os lugares que não pertencem ao seu bairro para se divertir, trabalhar, passear, visitar amigos e fazer cursos extras (profissionalizantes).

A escolha desses sujeitos afloraram-se pelo nível de participação que eles tinham no grupo do aplicativo de mensagens. Pensei então que seria mais sensato escolher quem demonstrava maior interesse em me atender e abrir as portas de suas casas para falarmos com suas famílias. Eram os alunos que conversavam comigo mesmo sem ser para atender em algo que eu precisasse que eles fizessem pela pesquisa, alunos que um simples “boa noite pessoal” me respondiam prontamente. Desse modo, defini que esses sujeitos seriam um bom começo para minhas aproximações com sujeitos participantes da pesquisa.

Quando pré-selecionei essas pessoas para acompanhar mais de perto na pesquisa, já pensei em me organizar para visitá-los em suas casas, mantendo um contato mais próximo com suas famílias. De início, eu tentaria uma conversa sobre suas histórias de vida, como se organizaram para chegar em Sorriso/MT, encontrar emprego, começar a vida nessa cidade.

Em um sábado à noite (28/03/2020), quando eu ainda estava pensando em quais sujeitos iria selecionar para a pesquisa, selecionei alguns dos questionários os quais os jovens já tinham respondido anteriormente. Alguns tinham colocado seus nomes no questionário e pude encontrá-los. Outros estavam sem a identificação, então entrei em contato pelo grupo de mensagens que criamos e pedi para que gravassem um áudio respondendo essas perguntas do questionário socioeconômico cultural. Para ganhar tempo e também por causa da restrição social em virtude da quarentena por causa da pandemia.

Com uma jovem chamada Ruthielen que demonstrou bastante interesse em participar, tive uma conversa pelo aplicativo, sobre a possibilidade de eu conseguir entrevistar seus pais. Ela descartou veemente. Disse que seria muito difícil os pais dela aceitarem. Imaginei que a

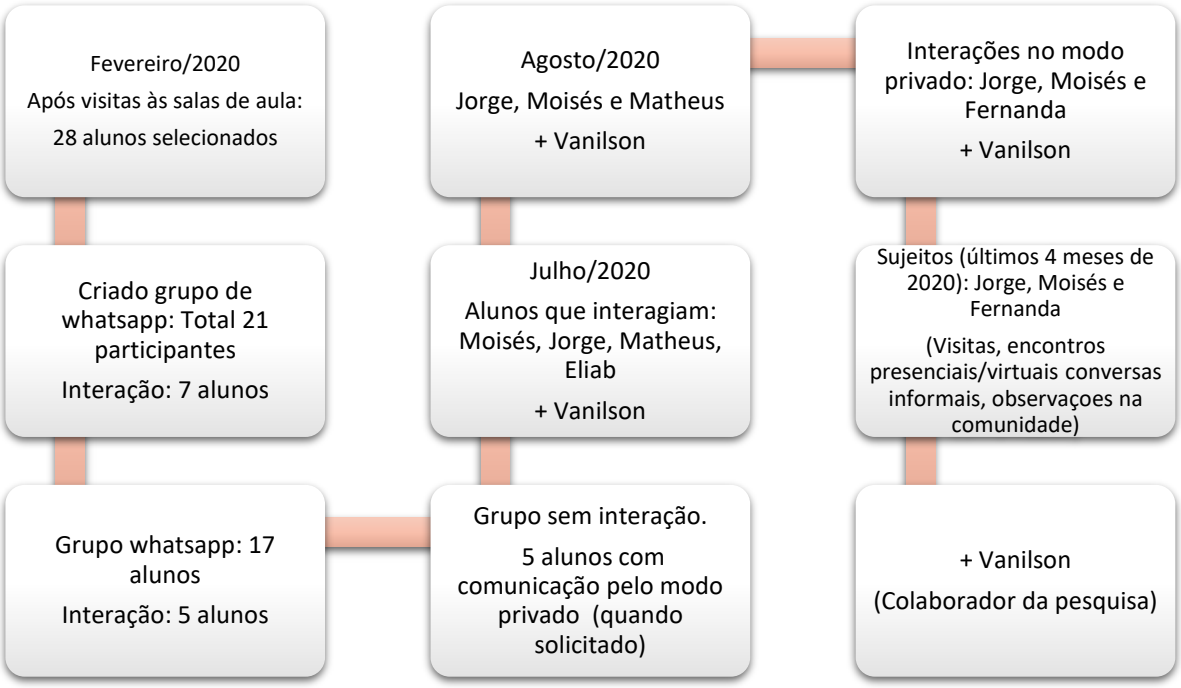
vergonha em participar de uma entrevista fosse por causa da idade avançada (geralmente as pessoas mais velhas não gostam de serem perturbadas em seus momentos de descanso), e por curiosidade pedi a idade de seus pais. Ela falou que o pai tinha 39 anos e a mãe 38. Admirei de serem tão novos, seu pai era barbeiro e sua mãe, faxineira. Ela afirmou que já moravam ali há 15 anos, em uma casa própria. Motivo também pelo qual eu me interessei em mantê-la mais ativa na pesquisa, pois acreditava ser um potencial para discutir histórias de vida, sobrevivência e transcendência.

Nesse ínterim, percebi claramente um problema com a exposição da casa/cotidiano, causando uma rejeição, tanto da Ruthielen quanto de seus pais em se exporem para a pesquisa. Ao que me pareceu, existia um desconforto em mostrar a realidade vivenciada em meio a situações precárias de vivência.

Quanto aos sujeitos explanados nos parágrafos acima, nem todos se mantiveram até o final da pesquisa. Tivemos algumas mudanças, porém, mesmo assim, resolvemos deixar exposta a cronologia de como a pesquisa e a escrita da dissertação foram ocorrendo, mantendo a fidelidade total à ordem de como as coisas aconteceram.

Abaixo apresentamos um organograma para que o leitor possa entender melhor a sequência dos acontecimentos até que os sujeitos da pesquisa fossem estabelecidos. Aos poucos os sujeitos foram se configurando pelo acontecer natural das interações diante das necessidades da pesquisa. Alguns foram saindo do grupo, outros simplesmente não interagiam ou pararam de responder as mensagens, e outros, ainda no decorrer dos acontecimentos, (no caso de Fernanda) entraram na reta final para contribuir com a pesquisa. Vanilson esteve a todo o tempo como colaborador da pesquisa, informando fatos sobre os bairros, as feiras, o comércio local, curiosidades e as dificuldades dos moradores.

Figura 3 – Definição dos sujeitos em cada etapa da pesquisa



Fonte: pela autora (2021)

Logo, para a realidade estudada, nota-se que no outro lado da linha – a zona Leste, é notório as pessoas que ali habitam perpetuarem um sentimento de ilegalidade, ilegitimidade diante da sociedade sorrisense; o que justifica a negação para a exposição, como foi percebido no caso dos pais da aluna Ruthielen, da negação em se exporem. As pessoas se sentem inferiorizadas, chegando a se negar o direito de sonhar com uma vida melhor. Ou ainda, desacreditando ter os mesmos direitos que qualquer cidadão tem, seja rico ou pobre, morador do "lado de cá" ou do "lado de lá", tornando-os invisíveis diante de toda uma sociedade. "O outro lado da linha compreende uma vasta gama de experiências desperdiçadas, tornadas invisíveis, assim como seus autores [...]. " (SANTOS, p. 73, 2007).

Ainda de acordo com Santos (2007), no campo do direito moderno, um lado da linha é determinado por aquilo que se reputa como legal ou ilegal, distinguidos como as duas únicas formas de existência relevantes perante a lei. No entanto, essa distinção central deixa de fora todo um território social onde essa dicotomia seria impensável como princípio organizador.

Mesmo sem saber a real possibilidade de aproximação com esses sujeitos, sempre procurei manter os jovens em *stand by,* pois nunca saberia se no dia de amanhã não fosse necessário resgatar este ou aquele na pesquisa. Porém, no caso da Ruthielen não tive sucesso.

Os dias foram passando, numa turbulência de sintomas e inseguranças das famílias e das empresas, com pessoas que temiam perder seu emprego, outras de fecharem as portas definitivamente de seus comércios, e algumas pessoas em casa (os que podiam ficar em

quarentena, saindo somente para o estritamente necessário), com seus filhos, vivendo um dia após o outro, e assistindo aos noticiários televisivos ou internet, que mostravam o aumento dos índices de morte das pessoas infectadas pelo Corona vírus.

Olhando tudo acontecer de dentro de casa, com incertezas de que eu poderia, dentro de alguns dias, voltar à pesquisa de campo, ter contato com meus alunos, ou voltar à rotina de levar o filho para a escola, os dias começaram a parecer longos, e a angústia começou a tomar conta de nossas vidas. Tudo estava incerto, inseguro. A probabilidade era de dias piores, os estados e municípios, na medida do possível, tentando se organizar para conseguir atender as urgências da pandemia, algumas cidades mais estruturadas, outras menos.

Diante dessa situação, pudemos confirmar novamente o preço da desigualdade social do nosso Brasil. Quem tem mais condição sofre menos. Os mais necessitados sofrem muito mais e, consequentemente, a população mais pobre é a que mais sofre com as doenças pandêmicas. No dia 24 de abril de 2020, a cidade de Sorriso não contabilizava nenhum caso suspeito ou confirmado de Corona vírus.

Mas isso não confortava os nossos corações em nenhum momento. Houve uma possibilidade de volta às aulas para o dia 04 de maio de 2020, e todos estavam aflitos em mandar seus filhos para a escola. A prefeitura da cidade recebe uma carta de recomendação do Ministério Público recomendando que não fosse liberado o início das aulas no dia 04, pois a prefeitura não tinha condições de atender crianças em leitos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva), caso necessitasse. Bem sabemos que na educação infantil, por exemplo, não se consegue fazer um distanciamento social adequado. A grande preocupação das autoridades eram justamente essas crianças. Apesar de não ter casos na cidade, o medo tomava conta dos pais, dos alunos e dos professores. Muitas pessoas contra o retorno, outras a favor, outras ainda sem saber o que pensar e nem como agir.

Em algumas noites, sentada em minha escrivaninha, tentava contato com os alunos que foram convidados para participarem da pesquisa. Muitas vezes recebia no grupo de mensagens somente o silêncio. Mandava mensagens do tipo:

> *"Oi meus queridos? Tudo bem com vocês? Gente do céu, eu preciso fazer uma roda de conversa com vocês e esse corona não vai embora! Pensei se a semana que vem a gente não poderia marcar na casa de alguém, só uns 4 por vez. O que vocês acham? Ou em um lugar aberto, tipo o parque ecológico, todo mundo com máscara e com distância adequada"* (Gláucia Cichoski. Mensagem escrita e enviada pela autora por meio do WhatsApp, no dia 16 de abril de 2020).

Eu sabia que o ideal não era isso, mas a angústia já tomava conta da minha mente e eu acreditava que deveria correr contra o tempo para dar conta de ter elementos para minha pesquisa.

Somente no outro dia, eu tive a resposta de alguns dos alunos, alguns concordando ser no parque, outros colocando alguns impedimentos, outros dizendo que iriam trabalhar, mesmo no feriado, pois seria uma terça feira, dia 21 de abril de 2020. Dia 17 de abril, pedi que confirmassem comigo quem iria, apenas um confirmou. Nesse dia, mais um integrante do grupo saiu. Mandei outro recado que se tivéssemos pelo menos quatro alunos disposto a ir, seria o suficiente, mas como ninguém se manifestava, pedi se eles queriam que marcássemos outro dia em uma praça ou local mais próximo de suas casas, do bairro deles. Nada de respostas.

No dia 21, antes do meio dia, perguntei quem iria. Apenas um respondeu e disse que poderia ir. Assim, fiz outro texto avisando que então não adiantaria eu ir e que marcaríamos outro dia, em outro lugar. Sugeri que o encontro acontecesse na praça da igreja católica Santa Luzia, igreja pertencente ao complexo dos bairros que estavam sendo alvo da pesquisa. Nenhum aluno respondeu.

Fiquei pensando que a falta de interação estava sendo por causa do medo do vírus ou da insatisfação ou indisponibilidade de participar da pesquisa. Nesse momento, fiquei sem rumo, sem saber o que fazer, o que pensar. Esses jovens continuavam indo trabalhar em seus empregos, tomando as medidas de precaução cabíveis, ou quem não trabalhava fora estava em casa, sem sair, e poderiam estar com medo de se expor. Eu também estava, mas aflita com a situação, queria fazer algo para começar a ter elementos de análise das possíveis observações para escrever.

Neste momento, me passou pela cabeça que, se o isolamento tivesse que se estender por mais um mês, talvez esses alunos teriam que ser novamente convidados a participar, e incentivados a continuar no grupo de pesquisa. Mesmo de longe, sem ter contato físico com eles ou falar pessoalmente, sentia eles cada dia mais longe, literalmente.

A falta de contato visual, pessoal, de poder conversar com eles na escola, de vê-los durante a semana e poder conversar uns com os outros, fazia muita falta para alavancar a confiança e cumplicidade entre eu e os jovens. A situação era de que, naquele momento, estava à deriva em um barco em alto mar, sem uma vista para onde eu pudesse ancorar.

Dos cinco sujeitos que havia escolhido, percebi que Eliab deixou de participar das conversas e eu corria o risco de ter apenas Jorge Matheus e Moisés como colaboradores. Quando isso aconteceu voltei ao grupo chamando as pessoas que ainda restavam lá para se aproximarem. Então decidi que deixaria as coisas acontecerem e automaticamente eu teria no final dois ou três que estariam envolvidos na pesquisa.

1.5. A saga continua...

Naqueles dias, todos nós estávamos em momentos de transe, atravessando diferentes perspectivas, possibilidades e práticas. Em nossas vivências cotidianas, tínhamos agora que criar uma linguagem no campo múltiplo de inventividades e nas possibilidades de invenção do cotidiano. Tínhamos que recriar um país, a nação, o nosso bairro, a nossa casa, as nossas relações familiares, o nosso amor próprio e com o outro. No dia 25 de abril, tudo continuava piorando, pelo índice de mortalidade no Brasil que vinha aumentando nos dias seguidos, segundo o Ministério da Saúde.

Pelo tempo em que estávamos vivendo, procurava pensar naquele momento com muito carinho, porque todos nós estávamos passando por uma transição e por um momento com o qual teríamos a oportunidade de evoluir. Tudo o que acontecia me fazia refletir. Como cada um poderia evoluir diante de tudo isso que acontecia? Com esse imenso problema mundial, dependeria de cada um, seria muito pessoal a forma que cada um iria lidar com isso.

Talvez tudo aconteceu para que nós pudéssemos respirar com calma, concentrar, conectar ao cosmo e tentar evoluir espiritualmente. Nas abstrações de minha mente, refletia sobre o que conseguiríamos tirar de lição para a vida diante de tudo que estava acontecendo. Como seres humanos, temos um poder muito grande nas mãos: falamos o que queremos, na hora que queremos, doa a quem doer. Nós precisamos olhar com muito cuidado e carinho para o outro. Talvez nessas horas, recebemos um chacoalhão da vida que diz: *vamos acordar!* Vocês não querem o mundo melhor, que as pessoas se tratem de uma maneira melhor? Então comecemos por nós mesmos.

Esse é o momento de cuidarmos um pouco de nós mesmos e da nossa visão para com o outro. Estamos todos aqui para evoluir, para aprender. Nossos pensamentos nem sempre são iguais, mas podemos respeitá-los e, com palavras doces, talvez possamos ensinar ao outro uma maneira diferente de agir, de viver. Sejamos um pouquinho melhores, para tentar construir um mundo melhor.

Voltando aos processos metodológicos, na semana do dia 27 a 30 de abril, entrei em contato com os alunos pelo WhatsApp para ver se eles poderiam, mesmo em meio ao isolamento, se encontrarem comigo, mesmo que virtualmente, para fazermos uma roda de conversa. Mesmo tendo pré-escolhido os sujeitos Moisés, Jorge, Mateus e Eliab (como descrevi em páginas anteriores) resolvi que iria ficar fazendo o chamamento dos alunos no grupo, independente desses os quais eu já descrevi, pois tinha a preocupação de que, se a qualquer momento alguém decidisse sair do grupo de pesquisa, eu teria com quem contar na suplência.

Novamente enviei algumas mensagens ao grupo: *"Mateus? Moisés? Eliab? Mycaela, Fer, Inara? Vamos sexta feira bater um papo? Fazer uma live[1] juntos? Vocês escolhem a hora"*. Fer respondeu: *"Bora"*; Moisés respondeu: *"Vamos prof., só ver o horário"*. Matheus respondeu: *"Por mim podemos fazer lá no parque ecológico ou praça das fontes, tipo umas 8 horas. Ou até mesmo na área verde que é mais perto para a grande maioria"* (Mensagens trocadas entre a autora e os alunos, por meio do WhatsApp, 2020).

Eu, mais que prontamente, e feliz da vida por ter conseguido convencê-los de irem, respondi que poderia ser lá na área verde, pois lá era mais perto de todos e tinha sombra. Marcamos no palco que tem lá, é um lugar amplo e arejado. Matheus concordou com o combinado e pediu se precisaria levar algo. Nesse momento, as pessoas continuavam a trabalhar, apenas as escolas tinham entrado em recesso até verem o que aconteceria.

Como seríamos apenas em umas cinco pessoas, achei seguro irmos até um local grande e arejado tentar conversar e transmitir em forma de *live* (encontro virtual) aos outros contatos do grupo. Talvez os outros se animassem em participar. Eu estendi o convite a todos os meninos e meninas do grupo, que todos estavam convidados, mesmo aqueles que não tinham se pronunciado. Avisei que levassem o celular, água em suas garrafinhas e a máscara. Essa conversa encerrou-se às 11h50min da manhã.

Já eram 21h33min da noite do mesmo dia, e até aquele momento somente essas três pessoas tinham dado alguma confirmação. Então mandei o seguinte recado no grupo novamente: *"Bom... até agora apenas o Matheus confirmou a ida lá na área verde, é apenas ele mesmo que vai? Mais alguém se habilita a ir? É amanhã às 8 da manhã. Se for só ele mesmo eu não vou incomodá-lo, cancelarei o encontro"* (Mensagem enviada pela autora, por meio do WhatsApp, 2020).

Ao passo que a conversa se passava no grupo, Moisés me chamou no privado e deu a seguinte sugestão:

> *"Bom dia prof. No play store (app do android que serve para baixar aplicativos) existe um aplicativo chamado zoom. Esse aplicativo serve pra fazer reunião em grupo via internet. Ele gera um link e é só entrar neste link e participar da reunião, se todo mundo do grupo baixar a senhora podia fazer uma roda de conversa com todo mundo*

[1]Live em português significa, no contexto digital, "ao vivo". Na linguagem da Internet, a expressão passou a caracterizar as transmissões ao vivo feitas por meio das redes sociais. As lives são feitas de forma simples e ágil, geralmente sem limites de tempo de exibição ou de quantidade de espectadores. Geralmente há um espaço específico criado para a transmissão e os seguidores do perfil recebem notificações de que ela está acontecendo naquele momento.
https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/03/o-que-e-uma-live-saiba-tudo-sobre-as-transmissoes-ao-vivo-na-internet.ghtml. Acesso em 16/02/2021.

> *sem precisar sair de casa, e todo mundo pode interagir, de forma privada, por meio de áudio e vídeo"* (Mensagem enviada por Moisés, por meio do WhatsApp, 2020).

Agradeci e sugeri também o Google Meet, e confirmei que faríamos dessa forma.

Nesse momento, entendi que não conseguiria realizar os encontros. As pessoas estavam trabalhando, mas com muito medo, quem saía de casa era por não ter outra alternativa, por terem que trabalhar todos os dias para garantir o seu sustento e seus empregos; mas se pudessem, estariam se resguardando em quarentena. Além do mais, a maioria desses jovens ainda moravam com seus pais ou avós, e precisavam de permissão para irem a qualquer lugar.

O medo que me consumia como mãe, nesse momento de pandemia, eram os mesmos medos que consumiam essas mães e avós desses jovens com os quais estava tendo contato.

Então entendi que muitos deles não queiram fazer encontros presenciais. Em alguns momentos fiquei apreensiva com a possibilidade de algum pai ou responsável não se agradar do possível contato e encontros com os alunos e criar algum tipo de problema comprometendo minha pesquisa.

Nesse ínterim, acatando a ideia de um dos alunos, coloquei no grupo o que ele tinha sugerido, e expliquei como faríamos. Solicitei que todos baixassem o aplicativo, mandei a imagem do aplicativo para que todos soubessem qual era, para que conseguissem acessar a reunião. Alguns alunos se pronunciaram dizendo que seria bem melhor e todos que quisessem poderiam participar sem sair de casa.

A essa altura, os únicos alunos que ainda falavam comigo pelo aplicativo eram Jorge, Mateus e Moisés. Dos cinco que tinha a priori selecionado para começarmos a pesquisa, apenas esses três continuavam no processo.

Assim sendo, montei um quadro explicativo e enviei no grupo dos alunos, com a seguinte mensagem:

> *Gente... então vai ficar decidido assim: 1 - Quem quiser participar da roda de conversa online já baixa o aplicativo chamado ZOOM... eu mandei foto aí em cima. 2 - A roda de conversa começa às 16 horas, eu vou mandar o link pra vcs participarem. 3 - É só clicar no link que vc vai ser direcionado ao aplicativo, direto pra sala de reunião que nós estivermos. 4 - Qualquer dúvida é só me chamar no privado. Estou à disposição de cada um de vcs, e conto com a colaboração de todos. Não quero que seja uma obrigação de vocês, quero que seja uma conversa agradável, um encontro para falarmos sobre as mais diversas coisas da vida, sendo uma interação gostosa. Quero ser além da prof. preferida e mais querida, ☺... a mais amiga de vc tbm. CONTEM COMIGO QUE EU ESTOU CONTANDO COM VCS. ATÉ AMANHÃ ENTÃO! Antes das 16 horas eu já vou colocar o link, mas só vai começar as 16 horas mesmo ok?* (Gláucia Cichoski, 2020. Mensagem escrita e enviada pela autora por meio do WhatsApp).

No dia 01 de maio de 2020, exatamente às 16h02min da tarde, mandei o link da reunião. Depois de alguns minutos, os alunos foram entrando na sala. No total, tivemos a participação

de cinco alunos. Em uma das janelas de vídeo tinham duas alunas juntas, dividindo o mesmo fone de ouvido, pois uma delas não tinha conseguido baixar o aplicativo em seu celular.

A maior dificuldade foi de conseguir conectar o fone para que todos pudessem, com liberdade, falar ao momento que quisessem. Passados uns dez minutos, conseguimos resolver o problema dos áudios e começamos a conversa. Não conseguimos gravar o encontro porque não nos atentamos a isso no dia.

Primeiramente eu agradeci a todos por aceitarem em participar da conversa, disse que a presença de cada um deles era muito importante para pesquisa. Iniciamos a conversa falando do momento que estamos passando de pandemia global, de como eles estavam levando a vida diante de todo esse problema.

As pessoas que estavam participando desse primeiro encontro virtual eram Moisés, Jorge, Mateus e duas meninas que antes não tinham se pronunciado, Ruthielen e Fernanda que, por meio do grupo, entraram no link para a conversa virtual com os colegas.

Em nossa conversa, uma das pautas foi falar sobre suas rotinas, seus trabalhos. Eu sabia que alguns deles não trabalhavam fora, então para que esses não ficassem constrangidos de não ter uma rotina de trabalho fora de casa para contar, expliquei que a rotina de casa, ajudar nas tarefas domésticas, também eram importantes para a pesquisa, ou seja, como estavam se organizando na vida no geral.

Quem iniciou falando foi o Matheus, que contou que sua rotina era de levantar cedo, se arrumar e ir para o trabalho. Lá, ele trabalhava até umas seis da tarde, e de lá ia para a academia. Lá ficava até às 20 horas mais ou menos e depois disso retornava para casa. Já em casa, se alimentava, tomava seu banho, e que, em alguns dias, ele se organizava para jogar on-line, em outros marcava de ver um amigo ou outro, ou apenas conversar com eles on-line, ou assistia algumas séries que gostava. E assim sua semana se passava.

Em seguida, dirigi a pergunta para as meninas, Fernanda e Ruthielen, que estavam aparecendo juntas na mesma janela de vídeo. Elas comentaram que não faziam coisas muito interessantes, ficavam somente em casa, faziam o serviço doméstico e cozinhavam para as mães que trabalham fora. Não acordavam cedo, pois ficavam até de madrugada nas redes sociais ou jogando, ou assistindo algumas séries. No outro dia, conseguiam acordar perto das nove ou dez horas da manhã e se organizavam com os afazeres domésticos no decorrer do restante do dia.

Falaram que estavam com um pouco de saudade da escola, mas ainda não estavam entediadas, pois a rotina era ruim de qualquer forma, com ou sem Corona vírus. Percebi nas falas dessas meninas que elas se sentiam de alguma forma, menos importantes do que as pessoas que têm seus empregos e saem cedo de casa para trabalhar. Na visão delas, eu não teria muitas

coisas importantes para abstrair delas porque elas não tinham emprego ou não faziam algo "diferente" ou "importante" para contar. De certa forma, sentiam-se irrelevantes diante dos colegas. A fala que me fez chegar a essa concepção foi quando ela, na introdução de sua fala, diz: *"Ah prof., nós não temos muita coisa pra ajudar a senhora não, porque a nossa rotina é simples, em casa, não fazemos nada de interessante, não trabalhamos fora, nem nada! "* (Fala de Ruthielen, na reunião online, por meio do Zoom, 2020).

Ruthielen confidenciou que, ao anoitecer, sempre se encontra com um amigo para sentar-se à beira da rua em frente à sua casa para conversar. Pedi se eles aproveitavam este tempo para falar sobre as coisas do dia, ou do trabalho, ou observar as pessoas. Ela continua dizendo que falavam sobre as coisas da vida em geral, coisas banais, observavam o céu, a lua, as estrelas. Neste momento, seus amigos começaram a brincar sugerindo ser um "amigo colorido" (um flerte), e ela mais que depressa negou, dizendo que essa pessoa é amiga de todo mundo, uma pessoa legal de conversar e passar o tempo.

Após a conversa com as meninas, foi a vez de falar com o Jorge, um menino muito envergonhado, que não gosta de aparecer (tanto que sua imagem não aparecia em vídeo, usava como perfil uma foto de um personagem de anime (personagem japonês de jogos). Foi o único que não abriu a câmera do celular. É um menino de fala rápida, expressa pela vergonha que tem ao se pronunciar, contudo tentei deixá-lo mais tranquilo à medida que conversávamos. Ele me contou que sua rotina era de dormir as quatro horas da manhã, pois ficava jogando *anime* (jogo virtual com personagens japoneses).

O desconforto de Jorge e das meninas (Ruthielen e Fernanda) era nítido. O fato de estarmos em um ambiente virtual não os deixaram mais confortáveis. O mesmo travamento ao falar, ao expor suas ideias em modo presencial, permaneceu em nosso encontro virtual. Enganei-me profundamente porque acreditei que, pelo fato de o mundo virtual ser para eles um mundo onde ficam à vontade, estariam mais tranquilos nesse encontro, não teriam vergonha de abrir as imagens de vídeo e falariam abertamente. A minha surpresa se deu já que eles ficam muitas horas do dia e da noite em função de mundos virtuais impostos por redes sociais; e lá vemos muita exposição de imagem e ideologias, sejam por meio de fotos, linguagem escrita, música, dentre outros.

Jorge disse que estava saindo muito pouco de casa, geralmente acordava muito tarde de dia, porque dormia muito tarde à noite. Não trabalhava fora, mas ajudava sua mãe no que precisasse, como jogar os lixos, limpar o quintal, ou lavar uma louça. Confidenciou que sua mãe pouco pedia sua ajuda, pois gostava de fazer as coisas do jeito dela, e preferia fazer ela mesma.

Contou que sua mãe é costureira, fazia bolsas e carteiras para vender. Passa o dia todo praticamente costurando, raramente pede sua ajuda na confecção das bolsas. E ele passa o dia todo sem muita coisa para fazer, a não ser jogar, que era o que ele gostava mesmo de fazer. Jorge é um menino muito inteligente, mas é um tanto introspectivo, e isso o faz ter pensamento de inferioridade quanto aos outros. Ao passo que percebi isso nele, lembrei-me dos tempos da escola, quando lecionava na sua turma.

Na época, fizemos trabalhos em grupos para apresentação em forma de seminário, ele sempre repetia que era burro, por isso não tinha condição de fazer uma boa apresentação. Ao apresentar para seus colegas, ele falava muito rápido, demonstrando nervosismo e intenção de acabar logo com aquela exposição que o tirava de sua zona de conforto. Tive o cuidado de ficar falando a todo momento que ele era muito importante para pesquisa, que ele era muito inteligente, que as estratégias de jogos são também um conhecimento matemático que faz toda a diferença para nossa vida.

Os amigos de Jorge ficavam tirando onda dele por dormir muito durante o dia, o chamavam de “baiano”, por levar a vida de forma leve e despreocupada. Ele entendia as brincadeiras numa boa, mas várias vezes tentei amenizar e desconversar, para que ele não ficasse mais envergonhado ainda. Mais tarde, descobri que o chamavam de baiano também porque sua mãe veio da Bahia, apesar de a brincadeira ter um duplo sentido naquele contexto.

Nesse momento, outro rapaz entrou na reunião, o Moisés, o moço que tinha me dado a ideia de fazer a reunião on-line. Já entrou pedindo desculpas por não ter entrado na hora marcada, pois estava trabalhando na igreja. No vídeo, vi que ele estava em frente a um estabelecimento, sentado em uma mureta. Ouvia sons de carros e motos passando e parecia haver mais pessoas ao seu redor. Fiz as mesmas perguntas a ele sobre sua rotina.

Ele começou me contando que acordava cedo, lá pelas seis ou sete horas e lá pelas oito horas ia para a igreja. Então ele começou a falar sobre seu trabalho filantrópico. Contou que os jovens se juntavam para organizar donativos e alimentos doados para serem distribuídos, ou atender outros jovens que compareciam na igreja para pedir conselhos ou orações. Nesse momento, fiquei sem saber se ele trabalhava na igreja voluntariamente ou se seus pais de repente eram pastores, ou coisa parecida. Tirei essa dúvida com ele, e me confirmou ser um trabalho voluntário.

Disse que ficava nesse trabalho até ao meio dia e uma hora da tarde ia para seu outro trabalho, que era em um supermercado na função de empacotador. Nesse mercado (falou o nome), ele ficava das 13 até às 18 horas. Quando saia de lá, às vezes, voltava direto para a igreja, às vezes, ia para casa e descansava para o outro dia. Como todos os outros amigos,

quando não estava na igreja, ficava em redes sociais, jogando, conversando com os amigos on-line ou, muitas vezes, já que não tinha aula, em virtude do distanciamento social por causa da Covid 19, voltava para a igreja para ajudar o pastor/bispo ou os outros jovens envolvidos nos trabalhos. Percebi que esse aluno se dedicava muito ao assistencialismo religioso, nas movimentações de ajudar o próximo, de ouvir as pessoas necessitadas, na disposição de oferecer palavras de ajuda, aconselhamentos, etc.

Solicitei que ele me falasse um pouco mais sobre suas atividades na igreja, com esses jovens. Ele me respondeu que o grupo de jovens do qual ele faz parte era um grupo que reveza os atendimentos na igreja para estar sempre à disposição dos que precisam de uma palavra amiga. Contou que, muitas vezes, no meio da tarde apareciam pessoas desesperadas, a fim de escutar uma palavra de apoio. Confidenciou que atendeu pessoas a ponto de ameaçar suicídio jogando-se do viaduto próximo da igreja, caso não tivesse uma palavra de conforto para a alma, que confortasse o coração.

Eu estava um pouco perdida e insegura com o fato do distanciamento social, pois queria participar de encontros presenciais com esses jovens, mas não podia por causa do risco de contágio da Covid 19. Então pedi para que eles, no decorrer da próxima semana, observassem sua própria rotina e anotassem, o que eles enxergavam de matemática no que faziam diariamente, tanto no trabalho, quanto em casa. Deixei isso como uma tarefa e que pensassem com carinho em me atender. Acreditei nesse momento que poderia ser uma alternativa, mas, sinceramente, depois tive dúvidas se era pertinente ter pedido isso a eles. Mas já tinha pedido, então deixei quieto.

Passaram-se quatro dias e eu ainda não havia falado com eles. No dia em que voltamos a falar, confirmei que os chamaria pelo WhatsApp para conversar, antes de fazer outra reunião on-line. Procurei meu orientador para trocar algumas ideias e pensamos em, no próximo encontro on-line, fazer com cada um individualmente. E assim me organizei para fazer. Com o passar dos dias, não tivemos nenhum pronunciamento no grupo, e quando acontecia, era porque eu havia iniciado uma conversa, ou quando fazia alguma pergunta direta a algum deles no grupo.

Com o contato e a confiança que fomos estabelecendo, pude perceber que eles não se sentiam à vontade em falar no grupo quando precisavam de alguma coisa, como por exemplo, tirar uma dúvida, fazer algum comentário. Então as conversas foram caminhando para que, quando eu precisava de alguma coisa de alguém, eu os chamava em particular (pelo modo privado) e resolvia diretamente com cada um em específico. O feedback de cada um era melhor e assim eu conseguia resolver as coisas que precisava.

Naturalmente, os sujeitos foram configurados e após algumas conversas, idas e vindas de chamadas pelos WhatsApp, os colaboradores da pesquisa ficaram apenas sendo Moisés, Jorge e Fernanda, a menina que estava no encontro junto com a Ruthielen.

Já no mês de setembro de 2020, começamos a nos organizar para alguns encontros presenciais, já que a pandemia estava indicando um controle nos casos de infecção. A vida cotidiana tendenciava para uma possível volta a uma nova normalidade – agora com o uso de máscaras e álcool em gel, medidas de contenção em estabelecimentos comerciais e os cuidados para evitar as aglomerações.

Configurados (a priori) os sujeitos que contribuiriam com a pesquisa, visto que nos concentramos nos saberes e fazeres que compreendem os processos de construção de conhecimentos nos espaços socioeducativos para além dos muros da escola, nos próximos capítulos falaremos sobre as definições e em que consiste o programa Etnomatemática. Nestes serão apresentados entendimentos acerca do que seja etnomatemática e como os saberes e fazeres afetam o nosso modo de aprendê-la, ensiná-la e de praticá-la. (D'AMBROSIO, 2019). A etnomatemática está alicerçada na dimensão humana, presente na ética, na empatia, solidariedade e na paz, pois nos debruçamos sobre pessoas, grupos socioculturais, suas necessidades. As práticas dos sujeitos dos grupos sociais (famílias, tribos e nações) emergem das necessidades cotidianas e se conectam à religião, política, artes, etc.

2. ETNOMATEMÁTICA

O programa Etnomatemática, proposto por Ubiratan D'Ambrosio, se impõe e se consolida em todo o mundo. Apesar das resistências e incompreensões, a etnomatemática tem seus processos, linguagens e comunicação manifestados nas ocupações de terras, na localização de grupos de indivíduos de uma região específica, sujeitos a normas e regras de conduta, processos marcados por civilizações, sejam as modernas ou pertencentes à antiguidade.

De acordo com D'Ambrosio (2007), a urbanização nos oferece características marcantes da civilização moderna. Nosso grande desafio é a possibilidade de navegarmos em outras águas, de criar, entender e explicar o mundo que nos cerca, repleto de suas complexidades. Ainda segundo o autor, no encontro de grupos culturais, graças à dinâmica desses encontros, cria-se *o novo*. Cita os grupos culturais em um sentido amplo, associado a entidades diversas (classe social, educacional e profissional, gênero e sexualidade, raça, nacionalidade, etnicidade, no sentido de compartilhar língua, religião e maneiras de agir), além de família, comunidade, cidade, trabalho e internet.

Primeiramente, é importante salientar que D'Ambrosio, em uma entrevista concedida a Miarka (2011), fala de etnomatemática já como uma teoria do conhecimento, não só

relacionada à matemática de grupos culturais; mas trata de conhecimento envolvendo todos os conceitos que permeiam o ser humano.

Miarka (2011) mostrou várias concepções sobre etnomatemática a partir de entrevistas que realizou com pesquisadores da área. A definição etimológica de Ubiratan D'Ambrosio – arte ou técnica de explicar, de entender, de se desempenhar na realidade, dentro de um contexto cultural próprio (D'AMBROSIO, 1993). Há também outros entendimentos: para Eduardo Sebastiani Ferreira, etnomatemática "é de fato a matemática materna, a matemática que você traz com você da sua história de vida" (MIARKA, 2011, p. 121); para Gelsa Knijnik, "é uma caixa de ferramenta que me possibilita questionar, analisar, [...], pôr em questão o discurso da matemática acadêmica". (MIARKA, 2011, p. 189).

Em todos os seus textos, D'Ambrosio enfatiza a concepção de etnomatemática definindo *etno, matema* e *ticas.* Etno, de uma rede que envolve a comunicação, o contexto social, a cosmologia do povo. *Matema*, dos modos de explicar os fenômenos que nele ocorrem; e *ticas*, como as técnicas que são utilizadas para compreender esses modos de explicar os fenômenos que ocorrem nos grupos sociais.

Não tem como falar de etnomatemática sem levar em conta a questão de respeito, solidariedade e cooperação, que são os três grandes pilares da etnomatemática. Esse tripé é considerado por D'Ambrosio (2007) como a ética da vida. Além disso, enfatiza a questão da alteridade, do respeito aos desejos e necessidades do outro - respeito à vontade (que está ligada ao que é misterioso) e à necessidade (ligado à sobrevivência, que está presente no triângulo – *indivíduo/outro/natureza*).

D'Ambrosio (2007) enfatiza que o indivíduo e o *outro* são essenciais à continuidade da vida, e o ambiente é o meio essencial de onde se tira a sobrevivência. Destaca a continuidade da vida como sendo um valor universal. Indica o triângulo fenômeno da vida como especialmente importante, por considerá-lo o ponto de partida para estudos em etnomatemática.

Pensar etnomatematicamente nos remete a refletir como a matemática resolve nossos problemas cotidianos. Como o nosso entendimento acerca do que seja matemática afeta o nosso modo de aprendê-la, ensiná-la e de praticá-la. (D'AMBROSIO, 2019). Na etnomatemática, nos debruçamos sobre pessoas, grupos socioculturais, seus problemas, seus desejos, suas necessidades. As práticas dos sujeitos dos grupos sociais (famílias, tribos e nações) emergem das necessidades cotidianas e se conectam à religião, política, artes, comportamentos, lugares; enfim, as vivências.

Ainda com D'Ambrosio (2019), por causa dessas conexões da etnomatemática com outras dimensões da humanidade, a prática etnomatemática está presente na ética, na empatia,

na solidariedade, na paz. A etnomatemática está alicerçada na dimensão humana. Está no encontro com o outro (e outras – culturas, religiões, língua), no reconhecimento que o outro é diferente, e no respeito a isso. Se eu tenho angústias, necessidades, tristezas, alegrias - o outro também tem, e precisamos desenvolver a solidariedade também nos sentimentos, nas ações, nos desejos, nas necessidades.

Os fatos e fenômenos que envolvem a natureza e a sociedade são verdadeiramente complexos. No enfrentamento de problemas com solidariedade ao outro, por meio da cooperação e respeito, praticamos a ética. A ética necessária para encontrarmos a paz em seu sentido amplo, em todas as nossas necessidades, em especial na matemática.

Respeito é uma das questões centrais da etnomatemática, enraizada em questões morais. No mundo de diversidades, onde conhecer o desconhecido e estabelecer uma ideia ou credo como verdade aceitável, é imprescindível que o respeito seja a base mais forte para sustentar qualquer sociedade e a origem da vontade e do desejo elencam um mistério, que traz a possibilidade de transcendência. (D'AMBROSIO, 2007).

A paz é um dos objetivos do programa Etnomatemática. Esse encontro de interesses, proporcionado pela vontade de um, confrontada com a vontade do outro, geram conflitos de intencionalidades culturais e sociais, ocasionando a guerra. A paz é perigosa quando a guerra é a possibilidade de movimento gerado pela insatisfação do encontro cultural. Neste aspecto, D'Ambrosio (2009) dá destaque que a solidariedade é a grande questão da humanidade.

Na entrevista que Ubiratan D'Ambrosio concedeu a Miarka (2011) em sua tese, percebemos que tudo o que ele ressalta está intimamente ligado ao nosso modo de viver. Esse viver está repleto de sensações, de dramas, crenças, vontades, necessidades, deveres, sonhos. Isso é algo extremamente complexo para que possamos discutir e levar em conta apenas como interdisciplinar ou transdisciplinar; vai além, é algo "transmultidisciplinar".

Não tem como falar do Ser humano sem falar de todas essas esferas. Em nossas convivências com o outro, essa dinâmica que acontece entre os homens está recheada de acontecimentos que envolvem um processo tão complexo, que não temos nem como mensurar a importância de cada ato. O programa Etnomatemática vai muito além do que imaginamos, entra em um campo filosófico, antropológico, sociológico, do cósmico. Tudo tem um sentido e pode ser explorado, considerando a importância de todas as esferas da vida.

D'Ambrosio (2019) vê a etnomatemática como uma possibilidade de entendermos a nós mesmos, como seres humanos no mundo, trazendo de volta a humanidade à matemática, e criando estratégias de abertura ao diálogo por almejar uma coexistência, pautada no respeito mútuo, entre diversos grupos. As pesquisas relacionadas à etnomatemática evidenciam uma

mudança do conceito de matemática, o qual tem se tornado cada vez mais aberto, contextualizado, humano e social.

Quanto às necessidades para a pesquisa em etnomatemática, encontramos três aspectos invariantes nos discursos envolvendo as pesquisas em etnomatemática: o respeito ao outro, a presença do diálogo e a importância do conhecimento da língua do grupo cultural investigado. O respeito ao outro é considerado fundamento para todos os trabalhos que envolvem outros grupos.

2.1 A intermitência dos ruídos da etnomatemática

Foi ao final da graduação em 2004, que tive o primeiro contato com a sala de aula, e pude entender o seu "universo". Logo nos primeiros dias, percebi que a docência era um tanto trabalhosa (no sentido de conseguir controlar aquela quantidade de adolescentes), mas que tinha seus encantos.

Nessa trajetória de 2004 a 2009, não me dediquei exclusivamente à docência, pois tinha medo da "falta de contrato e de segurança" que o professor interino se submete. Em 2009, finalmente fui chamada no concurso público o qual havia prestado, então mergulhei no universo da educação definitivamente.

No decorrer dos anos, atuando como docente, principalmente no Ensino Médio, nos horários diurnos e noturnos, por meio de conversas com os alunos e refletindo sobre minha prática docente, percebia que eu precisava fazer com que a matemática que eu ensinava ficasse mais próxima da realidade dos meus alunos. Mais próxima no sentido de que eles pudessem ver pelo menos alguma coisa daquilo que eu ensinava em suas vivências, em seus trabalhos. Buscava imaturamente ainda, proporcionar "uma visão diferenciada de matemática pelos alunos, dando-lhes a oportunidade de refletirem sobre sua própria prática enquanto estudantes inseridos num meio sociocultural capaz de produzir conhecimento, distorcendo assim, a dura realidade obsoleta da sala de aula" (FONSECA; ALVES, 2013, p. 9).

Nossas aulas de matemática tinham por característica marcante, um momento exclusivo para conversas. Conversas estas, sobre um tema qualquer, coisas do cotidiano, enfrentamentos de vida, sobrevivência, dificuldades, credos, amores, resiliências. Muitas questões pairavam em minha mente sobre o processo de ensinar matemática. Pensava em como aqueles alunos estariam recebendo aqueles conhecimentos matemáticos. Será que estavam fazendo algum sentido para eles?

Ao olhar para aqueles alunos, principalmente aos que pertenciam ao período noturno, via uma realidade: a necessidade de trabalhar o dia todo para garantir uma renda para o sustento familiar. E o que eles queriam era apenas terminar o ensino médio para trabalhar em paz. Não tinham projetos futuros de ingressar em um curso superior. No máximo, alguns pretendiam fazer um curso profissionalizante. O grande objetivo era: "ter o máximo possível de grau de escolaridade para conseguir emprego e sustentar minha família! " (Esse máximo era o máximo dentro de sua realidade - o que a escola do bairro oferecia – o ensino médio).

Então, no decorrer dos anos, principalmente para os alunos do noturno, que eram alunos que trabalhavam durante o dia e, às vezes, à noite também, eu, enquanto professora de matemática, procurava deixar a disciplina um pouco menos estressante, menos abstrata, mais significativa quando ensinava, tentando sempre correlacionar com as coisas do cotidiano deles, como por exemplo, ensiná-los a entender um holerite, entender os descontos que tinham no salário, os impostos que pagavam sobre os itens consumidos, etc. Muitos, mesmo assim, não entendiam, mas eu me sentia melhor tentando fazer aquilo tudo ter sentido, mesmo que só para alguns.

A pergunta que me consumia era: Como que eu vou fazer a matemática fazer sentido para esses alunos? Como eu deixo ela divertida, prazerosa? Será que é possível fazer matemática ser uma arte? O que eu poderia discutir com esses alunos no âmbito matemático que fizessem eles se sentirem mais próximos da matemática? Essas perguntas faziam movimentos de *boomerang* em minha cabeça, e eu ali, cumprindo os métodos, as grades conteudísticas, as normas.

Então tomei a decisão que eu, professora Gláucia - de matemática, olharia de uma forma diferenciada aos meus alunos, assim como olharia de uma forma diferenciada para a matemática. Naquela época, pensava que seu mostrasse o que tinha de matemática nas coisas que eles faziam, no seu trabalho, na sua casa, já seria um bom começo. E assim o fiz.

Depois de alguns anos, pensando nessas coisas, iniciei os estudos para entrar em um curso de pós-graduação strictu sensu em nível de mestrado, e comecei a ter uma aproximação maior com o programa etnomatemática, as obras de Ubiratan D'Ambrosio. Lembro dos primeiros vídeos que assisti, quando Ubiratan falava em "ouvir os locais o que eles fazem com o seu dia a dia, como eles explicam, como eles 'se viram', nas suas necessidades diárias, nas suas profissões"; questionava: o que um profissional faz que é de natureza matemática? E complementava dizendo que não significa que ele aplique fórmulas ou coisas do tipo.

Ubiratan D'Ambrosio (2019) explica que chama de natureza matemática, o fazer processos de comparação, de ordenação, quantificação, medição, classificação, relação; como

ponto de partida para ideias matemáticas. Sendo natural para todas as crianças ou a todas as profissões. E a partir disso, nessa explicação de como se faz, começam a construir o pensamento abstrato. Então decidi que era essa matemática que eu queria ver, ensinar e viver em minha profissão.

Por conseguinte, já durante o mestrado e com a base teórica do programa Etnomatemática, tive a experiência de ler uma tese intitulada: Etnomatemática: do ôntico ao ontológico, de Roger Miarka (2011), que fez todo sentido para mim do que eu já tinha escutado, lido e estudado sobre etnomatemática.

Ubiratan D'Ambrosio (2011), na entrevista concedida a Miarka (2011), deixa claro as profundezas da etnomatemática, de onde passamos de somente uma matemática do cotidiano para uma questão teórica do conhecimento, entrelaçada de filosofia, sociologia, história da matemática e outras histórias de mundo. O próprio Ubiratan D'Ambrosio (1985) respondeu a uma de minhas inquietações quando salientou que a etnomatemática pode ser vista como um modo de sustentar um currículo relevante para os dias atuais, transformando e aproximando o currículo fixo e estático, em experiências matemáticas de determinadas culturas.

Nas aproximações com a etnomatemática que D'Ambrosio conversou com Miarka (2011), percebi que ele trazia um discurso amplo do que etnomatemática tomava como forma para si. Entendi que não era só a matemática do cotidiano, na cultura do índio, do quilombola, ou do pedreiro, ou da costureira. É sim de todos esses, mas também é caracterizada como uma teoria do conhecimento (palavras do próprio Ubiratan), é muito mais amplo.

É uma concepção do que é o fenômeno vida, do que é o ser humano, no que eu e o outro acreditamos, nas relações que temos enquanto seres humanos, nos modos de pensar, de fazer, na relação e no respeito ao outro, as nossas tradições, nossas pulsões de sobrevivência, nos instrumentos que utilizo para viver e transcender.

E ainda complementa com os valores universais, com a questão do respeito, paz, uma rede que envolve a comunicação, o contexto social, a cosmologia do povo, os modos que explicamos os fenômenos que ocorrem e as técnicas que compreendemos e que possibilitam a continuidade da existência da vida. Então, após lida a tese, concordei plenamente com as palavras de Ubiratan, quando disse ser uma teoria do conhecimento, pois tudo que eu penso hoje, para mim faz todo o sentido na etnomatemática e pode ser discutido pelo seu viés.

2.2. A etnomatemática e sua relação com a escola

Para D'Ambrosio (1982), ser professor implica em assumir os princípios e valores presentes nas práticas educacionais, valorizando as potencialidades dos alunos, o que vem confirmar seu interesse na renovação do ensino. Ferreira (2002) define etnomatemática como um estudo do conhecimento matemático construído por alguns grupos sociais específicos.

Quando a escola deixa de abordar, na sala de aula, conhecimentos não-escolares trazidos de espaços não institucionais, está deixando de lado a oportunidade de significar o conhecimento abstrato matemático, pautado nas vivências e realidades específicas dos alunos. Severino-Filho e Silva (2019) defendem que o professor reflita sobre as perspectivas do trabalho pedagógico e que conceba os alunos como seres históricos e culturais, seus saberes e conhecimentos (concepções, conhecimentos, linguagem), como fatores determinantes na construção de aprendizagens mais significativas.

A escola deve ser o ambiente que proporciona a diversidade cultural e espaço para a valorização desses saberes matemáticos dos grupos sociais ao qual os alunos pertencem. Todavia, a escola se organiza de forma que as necessidades e os interesses dos alunos não são valorizados e os processos de aprendizagem acabam por ser mecanizados e desprovidos de significação.

Ainda de acordo com Severino-Filho e Silva (2019), historicamente, o modo como a escola tem trabalhado os conhecimentos resultou num cenário em que, os saberes difundidos de acordo com programas educacionais se tornaram cada vez mais desconectados daqueles praticados e produzidos fora da escola. A criança não aprende somente quando está na escola. Ao passo que, se está frequentando a escola, também não deixa de conviver em seu ambiente familiar e em sua comunidade. Logo, o aluno aprende na convivência com a família, no contexto de sua profissão ou de seus pais, em suas tarefas diárias, nas brincadeiras, enfim, em diversas atividades propiciadas pelo ambiente natural, cultural e social de sua comunidade.

Chamamos de espaços socioeducativos escolares - a própria escola, universidade, instituição de ensino - onde o aluno aprende os conhecimentos científicos dentro de uma concepção institucional; e denominamos de espaços socioeducativos não-escolares todo lugar onde o aluno aprende pela interação como indivíduo que habita (praças, igrejas, feiras, empresa onde trabalha, sua residência).

O espaço é concebido como um contexto cultural, o qual emerge da produção de significados advinda do ato de habitar cada lugar (CERTEAU, 2007). Esses espaços socioeducativos escolares e não-escolares são, assim como qualquer outro, um espaço

constituído por diversidades culturais, vivências, concepções de mundo necessários para a geração, organização e difusão de saberes e fazeres transdisciplinares. (D'AMBROSIO, 2005).

A etnomatemática manifesta o interesse em tornar visível o saber de grupos socialmente invisíveis. Traz, como um de seus princípios fundamentais, a intencionalidade de levar para a sala de aula o conhecimento matemático que os discentes e familiares praticam, compartilhando saberes produzidos nas discussões e na conscientização de outros saberes produzidos por outras culturas. (D'AMBROSIO, 2005).

Então a etnomatemática tem características específicas e está alicerçada em três correntes internas. De acordo com Scandiuzzi (2003), a primeira corrente diz respeito ao professor que, após conhecer um grupo social, deve fazer uma abordagem etnográfica e propor um modelo que entenda e dialogue com os saberes matemáticos do grupo com o contexto escolar.

Na segunda corrente, o pesquisador descreve o grupo, mas não interfere, apenas apresenta a seus pares e, num diálogo acadêmico, os resultados. Na terceira, são possíveis a descrição e a interpretação a partir da visão do grupo estudado. Todavia, o grupo sociocultural estudado continuará tomando suas próprias decisões, e o pesquisador apresentará a seus pares a compreensão das informações produzidas no diálogo, mas que esta compreensão seja a partir da visão dos sujeitos.

A proposta da etnomatemática requer que o professor tenha condições de reconhecer as construções conceituais matemáticas desenvolvidas pelos alunos. O professor lida diariamente com pessoas, grupos, que têm em seu viver/fazer/saber conhecimentos e complexidades incomensuráveis.

Antes de tudo deve conhecer a si e o outro, respeitando o que o outro traz de conhecimentos das suas vivências; não pode tratar os espaços socioeducativos os quais pertencem seus alunos como dados estatísticos fechados e engessados. A estatística consegue captar o material das práticas cotidianas, mas não a sua forma, baliza os elementos utilizados e não o que está parafraseado, a inventividade do desafio de um novo olhar, a discursividade dos elementos que compõem essa prática cotidiana, nos seus multi-olhares (CERTEAU, 1994).

Certamente o programa Etnomatemática nos dá alicerce para reconhecermos a persistência do pensamento abissal em nossa sociedade, fazendo com que tenhamos condições de pensar e agir para além dele. Santos (2007) nos esclarece que, sem esse reconhecimento, o pensamento crítico permanecerá um pensamento derivativo, que continuará a produzir as linhas abissais, por mais antiabissal que se autoproclame.

No próximo capítulo, proporcionaremos uma teorização sobre espaço e lugar, sob o ponto de vista dos autores Tuan (2011, 2013) e Certeau (1995, 2012) os quais foram embasadas a nossa pesquisa. Além disso, apresentaremos algumas reflexões sobre os modos de viver e de se estabelecer nos espaços constituintes de morada, vivenciados e compreendidos por Moisés, Jorge, Fernanda e seus familiares e as contribuições de Vanilson (colaborador da pesquisa), pessoas estas que vivenciam a apropriação/violência enfrentada na experiência social do outro lado da linha (SANTOS, 2007).

3. O BAIRRO: UM LUGAR PRATICADO

3.1 Sobre espaço e lugar

Michel de Certeau (2012) é um teórico dedicado às questões de espaços, lugares e urbanidade. Discute essas questões não apenas pelo viés geométrico na visão de um urbanista, mas no campo antropológico, na abertura do agir, no cotidiano, da alteridade, à dimensão existencial de um lugar habitado.

Falamos aqui sobre essa temática por se tratar de uma pesquisa em um determinado local da cidade – a zona leste, constituída de um complexo de bairros, que tem suas especificidades, certos modos de vivências e convivências específicas de um povo, com sua cultura, seus credos e anseios. Mesmo se tratando de um espaço urbano – os bairros – se constituem como uma comunidade em específico, um grupo social que caracteriza um lugar da cidade visto com olhares, muitas vezes, preconceituosos. E esse povo espacializa esse lugar, tornando-o um lugar praticado.

Sob a perspectiva de Certeau e Mayol (1998), lugar é "[...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma relação de estabilidade" (1998, p. 201). Poderíamos entender o lugar como uma rua, uma praça, a malha viária de uma cidade, quando planejada e construída.

Certeau (2012) define o lugar como a ordem (seja qual for) segundo o qual os elementos são distribuídos em relações de coexistência, considerando a impossibilidade de duas coisas estarem no mesmo lugar. Já o espaço, considera vetores de direção, quantidades de velocidades

e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis e estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada: então o espaço é um lugar habitado.

Indubitavelmente, podemos entender o espaço como a prática do lugar, ou seja, como os sujeitos o transformam a partir das suas ocupações, apropriações e vivências. Os sujeitos, em seus itinerários cotidianos, simbolizam o lugar a partir das interferências, tanto corporais quanto cognitivas, nessas configurações físicas. Sem dúvida, para Certeau e Mayol (1998), "[...] a rua geometricamente definida pelo urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (1998, p. 202). Acrescenta ainda que são os passos que moldam os lugares transformando-os em espaços, configurando nestes, camadas simbólicas que se sobrepõem e criam uma extensa rede de significados que, compartilhados simbolicamente através da comunicação, modificam os usos que os sujeitos fazem dos mesmos (1998, p. 176).

Em suas discussões, Certeau (2012) apoia-se na fenomenologia para discutir a noção de espaço como relação singular no mundo à dimensão existencial de um lugar habitado. Segundo Dosse (2004), tratar o lugar como espaço praticado modifica a visão de urbanista de Certeau, pois falar de espaço praticado só faz sentido pela ação que ele permite, modifica a perspectiva do pensamento urbano, pois discute os diversos lugares de nosso cotidiano. Como proposto por Georges Perec (1974) apud Dosse (2004), ele fazia surgir uma impressão de estranhamento acerca daquilo que nos é mais familiar e revelava a discordância entre o que pode ser uma soma de funções e os modos de apropriação dos lugares que sozinhos podem lhes atribuir sentido pela diversidade das práticas.

Certeau via na cidade o quadro de itinerários múltiplos, o lugar praticado se encarnava no caminhar de seus habitantes. Preocupava-se em seguir o caminhante na cidade como expressão de um perto e longe, aqui e lá, fonte de retóricas do caminhar, afirmando em suas análises que os caminhares dos transeuntes apresentavam uma série de voltas e desvios assimiláveis às maneiras ou às figuras de estilo (DOSSE, 2004).

Para estudar o espaço como espaço habitado, privilegiava os modos de apropriação do sujeito morador em seu cotidiano, concebendo uma compreensão sobre o que se passou entre o espaço concebido e o espaço vivido. Analisava o trajeto, o caminhar nas práticas cotidianas dos moradores e com isso, pôde esclarecer que o estudo das caminhadas cotidianas indicava haver mais movimento criador, de configuração e de tensão dinâmica no mais simples momento do habitar, que no processo que produz a construção contemporânea, ou seja, o ato de habitar dos moradores evidenciava mais criatividade do que a própria construção do espaço enquanto criador urbanista pensado para aquele lugar (DOSSE, 2004).

Como exemplo, em uma das pesquisas Certeau (2012) conta sobre os olhares de mundo de pessoas que caminhavam diariamente e interpretavam os menores detalhes da sua caminhada diária, percebendo toda a vida do bairro a partir de alguns indícios de suas percepções, enquanto outros, caminhando com seu cachorro, alegavam que quem escolhia o trajeto era o cão, o condutor desse cão apenas o acompanhava, deixando- se levar pelo trajeto escolhido pelo animal.

Assim, outros estudiosos, trabalhando junto com Certeau, discutiam questões de espaço, fazendo estudos sobre o *morar*, trabalharam a noção de bairro como uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, interessando à multiplicidade dos modos de apropriação do espaço praticado, valorizando as relações entre o espaço privado e o espaço público, os percursos empreendidos pelos usuários para passar um ao outro.

Quando falamos empiricamente de espaço e lugar, não temos muito clara a diferença entre um e outro. Tuan (2013) confirma em seus estudos que na experiência, o significado de espaço se funde frequentemente ao de lugar. Segundo o autor, as ideias de *espaço* e *lugar* não podem ser definidas uma sem a outra. Para Tuan:

> A partir da segurança e estabilidade do lugar, estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice e versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 2013, p. 5).

Para a definição de *espaço* e *lugar* no contexto da pesquisa, podemos firmar que o lugar é definido pelo local onde ficam o bairro e a casa, ou seja, o que é estático. Como se falássemos que aquele determinado bairro fica em tal lugar da cidade, evidenciando a zona (região) na qual está localizado o bairro. Na cidade onde a pesquisa foi realizada, geralmente vemos as pessoas falarem, por exemplo, que o bairro São Domingos fica “do outro lado da BR”, identificando o lugar onde o bairro está localizado.

Ao falarmos de *espaço* no contexto da pesquisa, dizemos que o espaço é onde essas pessoas vivenciam seus cotidianos, produzem conhecimento, geram e sistematizam seus saberes e fazeres etnomatemáticos (D’AMBROSIO, 2009). Isso pode estar relacionado ao sentimento de liberdade que essas pessoas têm dentro de suas casas, em seus quintais. Esse movimento das pessoas em um solo comum de vivências, campo onde ocorrem todas as suas experiências, faz-se os atos de espacializar esses lugares, em suas relações cotidianas, embebidas das suas raízes culturais.

Ainda conforme Tuan (2013), o lar e/ou as coisas que dentro dele existem podem representar um lugar. Uma escrivaninha ou uma cadeira de balanço na varanda podem representar lugares, pontos onde se podem organizar mundos. O uso habitual desses objetos na

cotidianidade faz com que se adquira uma densidade de significados, com traços específicos daquele lugar.

Entendo como exemplo, um lugar específico dentro de uma casa onde o pai todos os dias, após o seu jantar, senta-se em uma poltrona específica para assistir o jornal, ou uma cadeira de balanço que fica em um canto específico da área, onde todos os dias esse pai senta nessa cadeira a fim de refletir sobre seu dia, ou sobre sua vida, sua família. Neste lugar (cadeira de balanço), ele faz reflexões entrando em um mundo só por ele conhecido, navegando por pessoas, atos, conversas; organizando seu (s) mundo (s).

Essa cadeira representará ao tal pai, um lugar maior, com lembranças e pensamentos tecidos por ele mesmo, nas entranhas de suas lembranças, dando sentido ao objeto e representando-o, de tal forma. No entanto, o ato de espacializar este lugar, faz com que esse lugar (o lar, a casa), torne-se espaço de vivência, de interações, de socializações. Assim como Dosse (2004) cita em um artigo, na visão de Certeau é “a atividade que qualifica esse espaço”.

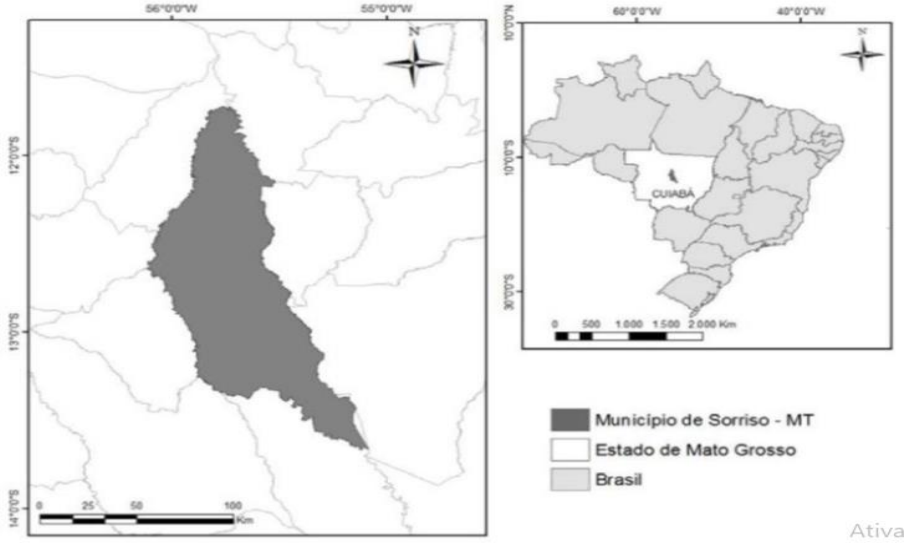
Essas reflexões sobre o espaço praticado harmonizam-se ao que Georges Perec (1974) denunciava como *Espécies de espaços* aos diversos lugares de nosso cotidiano, da cama ao mundo, passando pelo quarto, pelo apartamento, pelo prédio, pelo bairro, pela rua e, por meio de suas reflexões, fazia surgir uma impressão de estranhamento acerca daquilo que nos é mais familiar, revelando os modos de apropriações dos lugares que, sozinhos, podem lhes atribuir sentido pela diversidade de suas práticas.

Já que conceituamos espaços e lugares baseados principalmente nas concepções de Certeau (2012) e Tuan (2013); ressalto a importância de situar o leitor onde está localizada a cidade de Sorriso - MT, bem como a escola Ignácio Schevinski Filho. A história da cidade, dos bairros e da instalação da escola onde está atualmente tem fortes contextos sociais, culturais e econômicos ligados ao povo que reside na comunidade pertencente ao complexo de bairros dessa escola. Um povo que, ao espacializar aquele lugar constituído por um emaranhado de bairros, sistematiza uma cultura vivenciada a partir dos modos de vida, costumes - teias de significados tecidas por eles próprios, orientando a existência e a interação entre eles. Povo este que fará parte de nossas discussões enquanto geração, organização (intelectual e social) e a difusão do conhecimento e comportamento humano, em permanente crescimento, em busca da satisfação das pulsões básicas de sobrevivência e transcendência. (D’AMBROSIO, 2009).

3.2. Sobre a cidade de Sorriso – MT

De acordo com os dados constantes no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (acesso em 30/10/2020), a cidade de Sorriso está situada na região Norte do estado de Mato Grosso, às margens da BR 163. Tem uma área territorial de aproximadamente 9.347,556 km², com cerca de 92.769 pessoas, de acordo com os índices do IBGE (BRASIL, 2018). Sua fundação foi em 13 de maio de 1986. Constitui-se de uma população de várias regiões do país, com ênfase nas regiões Sul e Nordeste. A sua fundação deu-se através de um projeto de colonização privada, com a maioria absoluta da sua população constituída por migrantes provenientes da região Sul do País.

Imagem 4 – Mapa do município de Sorriso - MT



Fonte: Google (2020)

Segundo o IBGE 2018, o PIB (Produto Interno Bruto) de Sorriso é o 4ª maior de Mato Grosso e 13ª maior economia do Centro Oeste do Brasil, ficando atrás da Capital Cuiabá, de Várzea Grande e de Rondonópolis. A economia do município está diretamente relacionada ao agronegócio, sendo o cultivo da soja a principal atividade.

Vou apresentar um relato da situação social de Sorriso, baseado principalmente em um artigo feito por uma professora doutoranda em Educação e que, assim como eu, é moradora da cidade de Sorriso.

Conforme Prestes (2010, apud ALMEIDA e COX, 2016), a história oficial sobre a formação do município e da cidade de Sorriso exalta o pioneirismo e a bravura dos “gaúchos”, ao adentrarem a região, em condições adversas e, mesmo assim, transformá-la no celeiro do país. Essa versão heroica, retratada por Bortoncello e Dias (2003), encontra eco nos discursos dos cidadãos sorrisenses dos mais diversos setores.

Segundo Almeida e Cox (2016), vale observar que o termo “gaúcho” é empregado metonimicamente pela população local para designar o migrante sulista em geral e não apenas aquele que efetivamente vem do Rio Grande do Sul. Sorriso, pela fama que já se conduzia nas mídias, começou a atrair imigrantes de diversos estados brasileiros, com ênfase no norte e nordeste. A década de 90 era uma época difícil e os trabalhadores viram na cidade de Sorriso uma alternativa de poder trabalhar.

A busca desenfreada por trabalho culminou em uma alteração logística do planejamento da cidade, pois tínhamos famílias essencialmente agrícolas, transformando terras, e os novos imigrantes vinham de atividades de exploração (experiência com garimpos) e oferta de mão de obra.

Trago um pouco da história de Sorriso pela visão das autoras Almeida e Cox (2016). Para chegar aos aspectos da distribuição dos bairros, citam a vinda dos nordestinos ligada diretamente à proliferação de bairros da zona leste da cidade:

> Na época em que os “maranhenses” descobriram o caminho de Sorriso, a cidade praticamente não dispunha de bairros periféricos em seu entorno, onde fosse possível, mesmo que sem infraestrutura adequada, os recém-chegados se alojarem. De acordo com relatos de moradores, os bairros periféricos começaram a surgir, a partir da década de 1990, por pressões sociais dos novos migrantes que vinham para se estabelecer na cidade e não nas fazendas. São dessa época os bairros São Domingos e Fraternidade, popularmente conhecidos como “bairros de maranhenses”. Ao observar o posicionamento do perímetro urbano de Sorriso e a localização dos bairros formados inicialmente, nota-se que a Colonizadora direcionou a cidade para uma das margens da BR 163, ficando a outra margem destinada à construção de silos e armazéns, isto é, a uma espécie de distrito industrial, criado por volta de 1988, onde se fixaram serrarias, indústrias de beneficiamento de commodities, lojas de insumos e máquinas agrícolas, dentre outras empresas do setor produtivo. À primeira vista, quem circula pela BR 163 não percebe nenhum indício de que atrás daqueles silos e armazéns gigantescos encontram-se inúmeros bairros residenciais. É lá que reside a maioria dos migrantes, outros que vieram a Sorriso não com a intenção de se tornar fazendeiros (esses foram agraciados com lotes urbanos na agrovila que veio a se transformar na cidade de Sorriso em 1986), mas com a intenção de arrumar algum trabalho para seguir sobrevivendo (ALMEIDA e COX, 2016, p. 08).

Então, popularmente se ouve a história do povo que mora “do outro lado da BR”, como sendo um povo de trabalhadores, sem formação técnica, que chega à cidade à procura de meios de sobrevivência. Na grande maioria, pessoas da região Nordeste, especificamente do Estado do Maranhão, que vêm trabalhar em qualquer atividade que encontrar; seja em fazendas como serviços gerais, seja nas fábricas, nos comércios, nos supermercados, independente do que encontram, agarram a primeira oportunidade.

Para ilustrar um caso que demonstra essa situação das pessoas que chegam em Sorriso em busca de serviços, por meio de um parente, presenciei uma situação de dois casais, vindos do Maranhão, que chegaram na cidade simplesmente com algumas roupas e oito filhos, ainda

crianças. Chegaram na rodoviária e não tinham para onde ir. Com pouco dinheiro no bolso, não podiam pagar um hotel e já estavam ali, na rodoviária há dois dias.

Uma pessoa próxima a mim conhecia esse pessoal de outros lugares por onde passou, então ligaram para ele em busca de uma alternativa. Precisavam encontrar primeiro uma casa para morar e com urgência um emprego para poder pagar o próximo aluguel. Meu parente os ajudou, emprestando uma moto a fim de agilizar a procura dessa casa para as duas famílias se "amontoarem" em um lugar que pudessem repousar.

Esses pais de família rodaram a cidade toda em busca de casa e não encontraram sequer uma que pudessem pagar o aluguel (pois os aluguéis na cidade são superfaturados), nem tampouco encontraram um serviço para começarem a se organizar. Por meio da prefeitura, conseguiram abrigo por quinze dias na Casa de Apoio (instituição filantrópica da igreja católica), e mesmo assim não conseguiram nada promissor.

Por telefone conseguiram de antemão serviço em outra cidade, e com o pouco dinheiro que tinham, arrumaram as passagens pela prefeitura para irem até essa cidade. Foram embora, depois de terem ficado à mercê com as oito crianças e suas esposas, mas foram felizes, pois para onde iriam, já sabiam que chegariam e teriam casa e trabalho.

O relato quem contou foi um conhecido próximo, explicando as dificuldades que essas pessoas passaram nesses dias que estiveram na cidade de Sorriso/MT. Esse casal, ao contrário do que geralmente acontece, não tinha parentes que já estavam estabelecidos na cidade e encontraram maior dificuldade. No geral, as pessoas que vêm do Maranhão para Sorriso nos dias atuais, já possuem pais, ou avós, ou tias e tios que já moram na cidade. Tanto que na escola Ignácio Schevinski Filho, temos muitos alunos que moram com avós ou tios, pois vieram trabalhar à procura de uma vida melhor.

Para muitos que chegaram há mais tempo na cidade, conseguiram constituir um lar, e mesmo que não tenha uma casa própria, moram de aluguel e já tem emprego estabelecido. Estamos em 2020, e notamos que, nos últimos cinco anos, já se tornou mais difícil as pessoas do Maranhão ou de outros Estados, virem se estabelecer na cidade, em virtude do relato que descrevemos acima.

Houve uma época (2010 a 2015, mais ou menos), em que a prefeitura se encarregava de doar a passagem para que pessoas oriundas dessa região retornassem aos seus Estados de origem (fato narrado pelos próprios alunos da escola Ignácio do período noturno), pois o número de pessoas que vinham à procura de trabalho era muito maior do que realmente existia de oportunidades de trabalho.

Atuando como professora no ano de 2010, no período noturno, ouvi muitos relatos dos alunos, afirmando que a prefeitura enchia de dois a três ônibus de pessoas, toda semana, retornando aos seus Estados, pois chegavam à cidade sem qualquer ponto de apoio, ficavam pelas ruas, e acabavam causando um "problema social sério na cidade", como barateamento da mão de obra não especializada e suposta criminalidade.

Prestes (2010 apud ALMEIDA e COX, 2016), observando a cidade de Sorriso e ouvindo seus moradores, em sua primeira viagem de pesquisa, percebe haver, além de uma separação física, ocasionada pela BR 163, que corta o espaço urbano em duas partes bem definidas, também uma separação socioeconômica e até mesmo étnica se superpondo à primeira.

Percebe-se, nesse caso, uma linha abissal (Santos, 2007) assumida social, política, econômica e ideologicamente. Esse foi o primeiro processo de invisibilidade desse povo que chegou em busca de trabalho - a invisibilidade social. Foram separados por uma linha abissal definida por uma rodovia, o lugar onde "ficam os desprivilegiados". Concordamos com Santos (2007) quando denota que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal, ou seja, está presente em ideologias e ações da sociedade moderna. Ainda segundo o mesmo autor, o pensamento abissal consiste em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, estabelecidas por linhas radicais que dividem realidades sociais.

> Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o "deste lado da linha" e o "do outro lado da linha". A divisão é tal que "o outro lado da linha" desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. (SANTOS, P.71, 2007)

Quem é morador da cidade há mais tempo, sabe que o setor Leste e o Oeste eram designados como o lado dos "maranhenses" e o lado dos "gaúchos" respectivamente. Ainda de acordo com Almeida e Cox (2016), a separação entre "maranhenses" e "gaúchos" é uma tópica sempre reiterada no discurso dos moradores de Sorriso, além da separação étnica, associada à separação linguística e geográfica, as narrativas de uns e outros assinalam traços relativos a atributos físicos, comportamentais e socioeconômicos (pensamento abissal).

Estão separados pela linha definida pela rodovia porque "do lado de lá" moram os "maranhenses" - a classe trabalhadora da cidade. Um povo que tem que morar "lá" porque "lá" é tudo mais barato, "lá" eles podem pagar o aluguel; porém, "do lado de lá" é mais perigoso, é onde estão os becos, as "bocas" – o tráfico.

Logo, os alunos que frequentam a escola, que foi escolhida para ser o ponto de referência da comunidade a qual pertence, são os filhos desses trabalhadores que vieram em busca de

trabalho. Quando não, são os próprios jovens e adultos que vieram procurar uma vida melhor na cidade de Sorriso.

A escola Ignácio Schevinski Filho é a escola em questão, demonstrada pelo localizador vermelho no mapa (Imagem 3). É uma escola construída em um ponto estratégico para atender justamente os alunos da zona leste da cidade (os ditos “do outro lado da BR 163”). Essa escola, antigamente, era do lado oeste, também próxima à BR, e os alunos que ali residiam tinham que atravessar a BR 163 todos os dias para ir até a escola. Ao passo que o governo anunciou a construção de uma nova escola. Pela necessidade de priorizar a segurança de seus próprios filhos, os pais se juntaram, colheram assinaturas e conseguiram fazer com que a escola fosse construída na região onde o maior número de alunos se concentrava/residia.

Na imagem abaixo, temos a BR 163, representada pela linha amarela que divide a zona oeste e a zona leste da cidade; o centro e a periferia, como os próprios moradores da zona leste satirizam a sua própria realidade quando se pergunta: Você mora em Sorriso? Eles respondem: “Sim..., quer dizer não! Eu moro na cidade ali do outro lado da BR!”. Podemos ver, nesse exemplo, a legitimação da apropriação do pensamento abissal enraizado na mente das próprias pessoas que sofrem com a prática da discriminação cultural e social. Essa apropriação envolve a incorporação e a assimilação das epistemologias do norte calcadas nesses moradores da zona leste (entenda-se como que as epistemologias do norte sejam a emancipação das ideologias dos que estão na zona oeste, aos que “fizeram” (colonizaram) a cidade de Sorriso e que, de certa forma, sentem-se os donos da cidade.

Imagem 5 – Localização da escola Ignácio Schevinski Filho (ponto vermelho no mapa) e BR 163, tracejado em amarelo. Sorriso/MT



Fonte: Google Maps (2020)

É importante salientar, resumidamente, a história da constituição desses bairros, das pessoas que ali moram e da escola, pois é necessário entender o contexto social no qual se

estabeleceram essas pessoas. Pessoas que fazem parte do contexto social, cultural e econômico da comunidade onde a escola está inserida; e, consequentemente, são deste mesmo lugar os sujeitos envolvidos na pesquisa.

3.3. Sobre a escola Ignácio Schevinski Filho

A escola Ignácio Schevinski Filho foi criada em 1993, pelo decreto 4.129/94, funcionou por 13 anos em um prédio que pertencia à outra escola, no centro da cidade, mas na região oeste, às margens da rodovia BR 163.

Desde 2007, a escola funciona no endereço rua Passo Fundo, n. 1.234, bairro industrial I. O Industrial I é composto principalmente por indústrias, silos e armazéns gerais. A escola ainda pertence ao Industrial I, faz frente com o bairro Novos Campos e as laterais com os bairros São Mateus e Vila Bela. Segue abaixo foto atual da escola:

Imagem 6 – Foto atual da escola Ignácio Schevisnki Filho



Fonte: pela autora (2020)

Em fevereiro de 2007, a escola, estruturada em forma de Y, (como pode ser observado na figura 5), com 2.900 m², inaugurou sua estrutura, acomodando os alunos do bairro São Domingos, São Mateus, Novos Campos, Vila Bela, Fraternidade, Boa Esperança e outros bairros derredores.

Imagem 7 – Escola Ignácio Schevinski vista de cima



Fonte: Google Maps (2020)

A grande preocupação das autoridades era garantir, principalmente, a segurança dos alunos desses bairros que atravessavam a BR 163 todos os dias para estudar, e que agora poderiam ir e vir para a escola expostos a menores riscos. Essa preocupação fica evidente em uma matéria publicada pelo site da assembleia legislativa do estado, em agosto de 2007:

> A construção da Escola Estadual Ignácio Schevinski Filho, inaugurada na última sexta-feira (17) em Sorriso, marca o início de uma nova história da comunidade que vive no bairro São Domingos. Em atividade desde fevereiro de 2007, a Instituição garante segurança aos alunos, que já não precisam mais se arriscar na travessia da BR-163 para ter acesso à educação. A solenidade de inauguração foi realizada com a presença do governador Blairo Maggi (PR), do deputado Mauro Savi (PR), e demais autoridades. "É uma nova história, principalmente no bairro São Domingos, onde nós tínhamos uma dificuldade muito grande, porque as pessoas tinham que atravessar a BR, que tem tirado muitas vidas, e agora nós temos aqui uma escola nova, uma escola com uma quadra coberta e estamos tentando ainda a construção de uma piscina", ponderou o deputado Mauro Savi, que foi o autor da indicação que deu origem à EE Ignácio Schevinski Filho. A instituição de ensino tem capacidade para atender 1500 alunos nos três turnos e está localizada em uma região mais distante do centro da cidade. Além da distância, os alunos ainda se arriscavam ao atravessar a BR - 163, uma vez que o bairro fica do outro lado da rodovia (MATO GROSSO, 2007)

Quando o texto informa que os moradores do bairro São Domingos terão uma nova história, na verdade, a pessoa que argumentou isso não conhecia de fato a realidade da região desses bairros. A zona Leste é composta por um complexo de bairros, amontoados uns aos outros e estabelecidos desordenadamente, com más delimitações; mas as pessoas chamam tudo o que se refere àqueles bairros de São Domingos, porque é o mais antigo e mais movimentado.

Se alguém nos dias atuais, por ventura falar um nome de um bairro qualquer para outra pessoa que não conheça e essa pessoa ficar perdida com a informação, certamente, se declararmos que esse certo bairro fica "pelas bandas do São Domingos", todos saberão para que rumos ele fica. Então podemos dizer que o bairro São Domingos é sempre muito citado, para determinar qualquer bairro daquela região que, atualmente, se diz pelos seus moradores de

“região leste”. Começaram a usar este termo depois que aumentaram significativamente o número de bairros existentes naquela região, em meados do ano de 2015.

Alguns dos bairros da zona Leste da cidade de Sorriso são tão pequenos, que nem o próprio Google maps os reconhece. Quando puxamos no maps, aparecem somente os principais e mais antigos bairros: São Domingos, Vila Bela, Fraternidade, Boa Esperança, Industrial I e II, Industrial Nova Prata e Mário Raiter. Nesse complexo, ficam perdidos o São Matheus, Novos Campos, Nova Aliança I e II, Boa Esperança II, dentre outros novos loteamentos existentes.

Salientamos a importância de o leitor entender a dinâmica dos espaços onde se deu a pesquisa porque partimos de discussões dos macros para os micros espaços presentes nesses lugares de vivências. Especificamos então o primeiro macro espaço socioeducativo – o outro lado da BR 163 - a outra margem da cidade onde estão os bairros citados no parágrafo acima, como também a escola Ignácio Schevinski Filho.

Os alunos da escola foram o foco principal na definição do grupo a ser estudado. A proposta inicial seria fazer um estudo dos outros espaços socioeducativos não-escolares que o aluno frequentava e as possibilidades de diálogo com a escola, com os saberes escolares. Porém, diante da pandemia que se instaurou, a escola agora deixou de ser o espaço socioeducativo escolar, porque os alunos não estavam mais frequentando esse espaço. Logo, a escola hoje é apenas um prédio e, diferentemente da casa, do trabalho, da igreja, do comércio, das feiras; não se constrói conhecimentos ali pelo fato de que não há vivências, o lugar não está habitado, não está espacializado pelos alunos e professores.

Assim, ao fato de a escola estar nesta região específica da cidade, ela atende também um setor específico que, consequentemente, é delimitado por um grupo de moradores específicos – os chamados maranhenses, delimitando um grupo social marcado pelo regionalismo de suas cidades de origem. Então a delimitação do campo de pesquisa não teve critério só geográfico, mas primeiramente por ser o lugar onde a escola está inserida. O grupo social que se configurou nesses espaços foram de nordestinos, mas poderia ser de qualquer outro. A intenção era abordar os alunos em seus espaços de vivências, pertencentes àquela escola. Teria que ser a escola Ignácio porque a pesquisadora já tinha uma relação profissional firmada há muitos anos e era importante proporcionar estudos relevantes à comunidade com quem ela se relaciona direta e indiretamente em sua atuação profissional.

Então, a zona leste não foi escolhida porque lá teríamos um grupo social caracterizado pelos maranhenses, e sim, porque é ali que a escola está instalada. Consequentemente, a posteriori, as pessoas atendidas pela escola têm uma particularidade em que o grupo social é marcado pela regionalidade específica nordestina. Por conseguinte, os alunos que acabaram por

participarem colaborando com a pesquisa, primeiramente - são da escola - depois - moram nos arredores da escola, e por fim, têm origens (ou familiares) nordestinas.

Minha carreira profissional na docência da escola Ignácio Schevinski Filho iniciou no ano de 2009. Nos primeiros cinco anos, atendia principalmente os alunos do período noturno, pois dividia o trabalho docente ao de assistente administrativo em um escritório de uma exportadora de madeira. Nesses primeiros anos, já evidenciava nos alunos a cultura nordestina, principalmente do Maranhão. No ano de 2011, atuei como coordenadora da escola no período noturno e tive a oportunidade de conhecer um pouco dos bastidores da gestão escolar. Enfrentávamos, naquela época, muitos problemas familiares dos alunos, envolvimentos com drogas, evasão por motivos de trabalho, dentre vários outros conflitos.

As turmas que atendia, enquanto professora, eram basicamente do ensino médio, principalmente as séries finais, segunda e terceira séries. Como atendia os alunos do período noturno e sempre tive liberdade e uma boa relação com as turmas, conversávamos muito sobre tudo o que era tangente à vida escolar – o trabalho, a família, os credos, os medos, insatisfações, problemas enfrentados pelos alunos, as dificuldades (dentre elas – a financeira) e vários outros assuntos.

Nos últimos quatro anos, tenho trabalhado com as séries do ensino médio diurno, participando ativamente das decisões escolares, acompanhando a gestão escolar, esforçando – me para a realização de um trabalho pedagógico pautado no respeito ao outro, nas relações e construções dos conhecimentos, valorizando os saberes e fazeres de cada aluno. Tudo isso nos permite conhecer um pouco mais da realidade escolar, bem como a realidade daquelas famílias fora da escola; suas dificuldades, seus anseios contados pela ótica dos próprios alunos.

Daí veio a preocupação com a pesquisa etnográfica para tentar mostrar a realidade para além dos muros da escola, as possibilidades educativas que poderíamos encontrar nos espaços socioeducativos não-escolares frequentados pelos alunos.

Enquanto fazia as reflexões acerca de espaço e lugar no mergulho bibliográfico a fim de compreender as ideias estabelecidas pelos autores, buscávamos uma alternativa de identificação ou apenas de situar-se na realidade da comunidade representada pelos bairros São Domingos e São Mateus. Na tentativa dessa busca, registramos algumas impressões diante de algumas idas e vindas aos lugares espacializados pelos sujeitos da pesquisa.

Descrevemos abaixo algumas dessas impressões, anotadas no caderno de anotações de campo, em campo e pós campo, configuradas pelas incertezas, estranhamentos e inseguranças. Mais adiante, posicionamos o leitor ao lugar espacializado dos sujeitos, demonstrando a

localização configurada pelo lugar onde estão posicionados os bairros, a BR 163 (configurando a linha abissal que divide a cidade) e as casas dos sujeitos da pesquisa.

3.4. Um lugar comum: do estranho ao familiar

Colocarei nessa parte do texto as minhas primeiras impressões de quando saí pela primeira vez de casa para percorrer os lugares onde me propunha a realizar as observações em campo. Evidencio, nessa parte do texto, os medos e incertezas incorporadas ao meu fazer pesquisa, ao conhecer o meu lugar de observação, ao novo e ao estranhamento submetido à minha prática de pesquisar.

O primeiro sentimento que me consumia, ao sair de casa para iniciar uma observação com a postura de uma pesquisadora, era o de insegurança. A princípio, a observação foi feita de carro, num percorrer pelas ruas acima e abaixo das ruas principais, conhecendo os becos, as travessas, as ruas sem saída, as ruas desconhecidas, os lugares que nem imaginava que tinham ali. O pensamento que percorreu minha cabeça foi de que há tanto tempo trabalhando, inserida naquela comunidade por meio da escola do bairro que acolhe tantos adolescentes e adultos, eu não tinha conhecimento além do trajeto e os muros adentro da escola que trabalho; da realidade e cotidianidades de meus alunos, seus lugares de viver, de fazer, de praticar seus conhecimentos e partilhá-los com seus amigos e familiares.

O bairro escolhido para a primeira visita foi o bairro “São Domingos”, primeiramente por ser o bairro mais antigo estabelecido naquela região, um dos bairros mais famosos da “zona leste” da cidade. Em qualquer lugar da cidade, não tem para quem se pergunte, seja adulto ou criança, que não conheça ou já tenha ouvido falar do bairro São Domingos. Esse bairro, como lugar espacializado, ao mesmo tempo em que me parecia familiar (pelo tempo em que trabalho em uma escola pertencente à comunidade a qual esse bairro faz parte), me trouxe incertezas, medo, insegurança ao adentrá-lo com o intuito de conhecê-lo de outra forma, com um outro olhar. Em tempo, nunca participei de atividades que envolviam esse bairro, fosse fora da escola ou por outra instituição (eclesiásticas, políticas, sociais). A verdade é que aqueles bairros sempre foram para mim, apenas o bairro dos alunos da escola Ignácio e o meu local de trabalho.

Nos primeiros metros percorridos pude perceber muitos bares. Nesses bares havia algumas mulheres dispostas em algumas mesas, ou atendendo os seus clientes. Funcionavam como ponto de encontros, em uma tarde de quinta-feira, dia pós- carnaval. Percebi também muitas igrejas evangélicas de várias denominações, muito próximas umas das outras.

Muitas pessoas sentadas à frente de suas casas e dos bares, dispostas em rodas de conversa, em cadeiras na calçada ou sentadas no paralelepípedo do asfalto, apreciando as pessoas que transitavam pelas ruas. Assim como os adultos, muitas crianças nas ruas, com pés descalços, algumas crianças com pouca roupa, brincando no relento do sol das quinze horas; umas maiores que as outras, algumas brincando nas águas que percorriam das suas casas pelas ruas abaixo, a céu aberto.

Imagem 8 – Pessoas em rodas de conversas embaixo de uma árvore



Fonte: pela autora (2020)

No comércio, muitos vendedores ambulantes, com carrinhos repletos de redes, cadeiras, panelas, tapetes. Muitos deles parados nas sombras das árvores para se refrescarem do calor vespertino.

As casas têm um estilo de urbanismo diferente do resto dos bairros da cidade, talvez pelo motivo de que as imobiliárias, na época da estruturação desses bairros, não tinham controle às normas de construção como têm atualmente. São baixas, com janelas pequenas, quando pintadas são de cores quentes, como o verde, amarelo, vermelho e azul. Quando não, são apenas rebocadas de cimento ou com seus tijolos à vista. São amontoadas umas às outras, por vezes não conseguimos distinguir quando se começa ou termina uma casa e outra. Na maioria das casas, há muito entulho nos quintais, sofás velhos, eletrodomésticos velhos, restos de materiais de construção.

Encontram-se muitos complexos de casas estilo cortiço (também chamadas de kit net). Em um mesmo quintal, há cerca de quatro a oito casas, de dois ou três cômodos, dividindo o mesmo portão de acesso. Esse mesmo quintal recebe o esgoto das pias e tanques de lavar roupas, fazendo com que esse quintal fique inundado, deixando tudo parecer úmido e sujo.

Imagem 9 – Fachada das residências dos bairros pesquisados



Fonte: pela autora (2020)

O estilo de morar nos remete a entender que as pessoas que residem nesses bairros representam a classe trabalhadora da cidade. Com baixos salários, as famílias tendem a forçar suas economias para investir em moradia a fim de fugir do aluguel.

Famílias constituídas em que todos os adultos da casa trabalham, para juntos fazerem por partes as construções de suas casas. Economizam na comida, no vestuário, no laser – tudo para que o pouco que consigam juntar, seja investido no "morar". Com os salários baixos, o pouco que se consegue fazer é, em um trabalho de formiguinha, que, por muitas vezes, levam anos e anos para serem concretizados. E esse vai sendo o aspecto das casas, formalizando o bairro – que ficam sem a devida estrutura.

A atitude de "fazer caber" no orçamento a compra de cimento, cal, pedra, ou a mão de obra (muitas vezes até desqualificada – por pagar barato ou por ser feita pelo próprio dono da casa para "não precisar pagar"), condiz ao que D'Ambrosio (2019) fala no tocante aos modos de viver, um indivíduo que tem vontades – aí representadas pela vontade de ter um lar, um lugar onde morar – e para isso, eles tomam decisões que afetam até seus desejos, suas vontades – para poder investir em seus projetos.

O fato é que para satisfazer esse instinto, transcendem – como uma pulsão pela sobrevivência, em uma sociedade cheia de desigualdades. Para construir o pouco que conseguiram, lhe custaram economias domésticas, de lazer e até mesmo contenção de gastos com alimentação. Essa é a realidade do povo da classe trabalhadora. Conforme Santos (2007), essas pessoas vivem a realidade do pensamento moderno acidental – um pensamento abissal. Vivem num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que esta última é estabelecida por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o "deste lado da linha" e o "do outro lado da linha".

> A divisão é tal que o "outro lado da linha" desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera com o "outro". (SANTOS, p. 71, 2007).

A realidade dura e sofrida nos modos de encarar a vida, na tentativa de conseguir um futuro melhor para a família, as intempéries da vida com limitação financeira, com alimentação regrada para que se termine o mês com alguma mercadoria na despensa, são fatores que passam como realidades invisíveis na restante da sociedade sorrisense. Todos sabem (do lado de cá) que a realidade do outro lado da linha (o lado de lá) é mais difícil, que lá há muitas dificuldades, no entanto, encaram como uma realidade posta na sociedade e que não há como ser diferente, que o "normal" é que lá é onde estão os becos, a marginalidade, a dificuldade, o povo que trabalha para viver, os que não trabalham, e assim sucessivamente.

No comércio, em uma extensão de aproximadamente trezentos metros, contei doze lojas de móveis usados. Todas elas com o mesmo estilo: pintadas de cores fortes e quentes, com os eletrodomésticos expostos nas calçadas. A história desse bairro é de um povoamento constituído por pessoas sem mão de obra qualificada que, por circunstâncias econômicas e sociais, buscaram na cidade de Sorriso/MT uma oportunidade de trabalho nas lavouras ou nas empresas locais.

Sem se importarem com comodidade e infraestrutura, as famílias foram vindo principalmente do Maranhão e aglomeraram-se nas mediações desse bairro, constituindo uma identidade própria do povo que ali reside. Atualmente, os bairros foram melhorados parcialmente, na infraestrutura com pavimentação asfáltica, centros sociais, creches e escolas.

O espaço constitui-se nos modos de viver que a cultura nordestina é identificada, nas raízes culturais de onde os povos vieram. Nas formas de construírem suas casas, nos costumes, nas vestes, no modo de viver, na alimentação, na linguagem. Naquele momento de migração, as pessoas estavam preocupadas em trabalhar e os agricultores em ter a mão de obra barata.

Os espaços de vivências desse grupo social urbano demonstram em suas especificidades a falta de recursos e a luta pela sobrevivência, um lugar de moradia onde os modos de apropriação do sujeito morador em seu cotidiano são demonstrados pelos espaços concebidos, porém são abastecidos de espaços vividos, com interações entre os membros do grupo familiar, seus problemas, suas crenças, suas estratégias financeiras e sociais para sobreviver em meio às dificuldades, à falta de recursos, ao desmerecimento em meio à sociedade.

A foto abaixo demonstra a realidade de algumas famílias que, em meio a tantas dificuldades, “montam” um espaço de vivência com os poucos recursos que têm, utilizando, muitas vezes, restos de construções e deixando sem terminá-las, ou seja, fazem até onde conseguem fazer. E são nesses espaços que os alunos de nossa escola vivem, cada um com suas dificuldades.

Imagem 10 – Fachada de uma das casas dos bairros



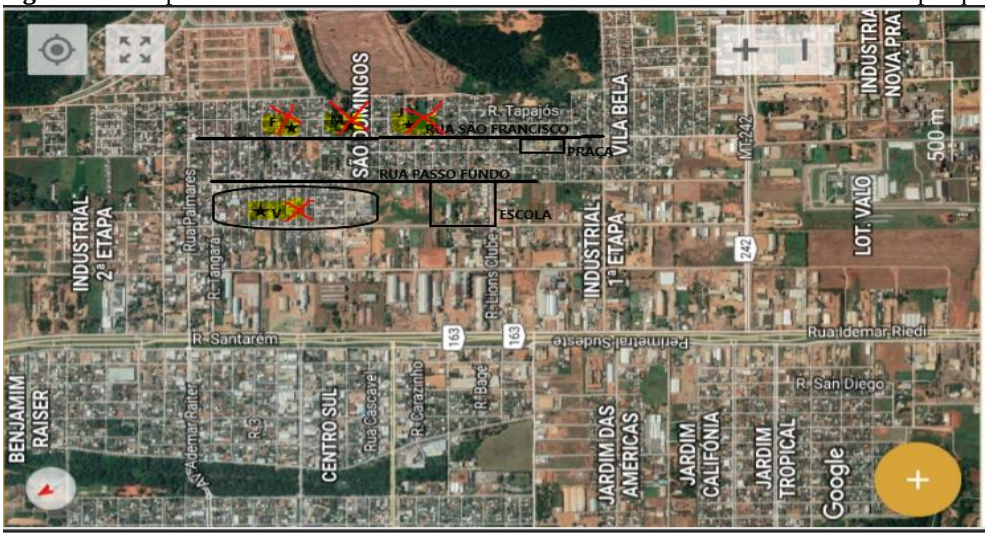
Fonte: pela autora (2020)

Em consonância com as ideias de D’Ambrosio (2019), a realidade desse bairro condiz com a realidade retratada pelo autor em um de seus textos, quando afirma que as residências desse tipo de assentamento urbano variam de barracos mal construídos a edifícios deteriorados, e a falta de infraestrutura em geral e de regularização fundiária tornam essas ocupações precárias. A ocupação desses espaços é, geralmente, resultado de influência coercitiva de leis, regras, costumes ou de circunstâncias econômicas e sociais. No caso dos bairros onde nossos alunos moram, a falta de infraestrutura e as circunstâncias econômicas e sociais são a principal causa.

3.5 Os lugares espacializados dos sujeitos

Imaginei que dentro do complexo de bairros existentes naquela região, teria pessoas dentro de três bairros variados, mas a verdade é que a pesquisa caminhou somente para dois bairros – São Domingos e São Mateus, considerados a região central da zona leste da cidade, constituídos ao redor da escola Ignácio Schevinski Filho, na qual leciono e é frequentada pelos alunos que residem nesses bairros. Na imagem abaixo, temos demarcados com um “x” em vermelho os locais onde os sujeitos da pesquisa e o informante Vanilson residem. O mapa serve para situar o leitor sobre de onde as fotos foram tiradas, onde os sujeitos estão inseridos nesse complexo de bairros e a proximidade com a escola.

Imagem 11 – Mapa dos locais de residências dos alunos e do informante envolvidos na pesquisa

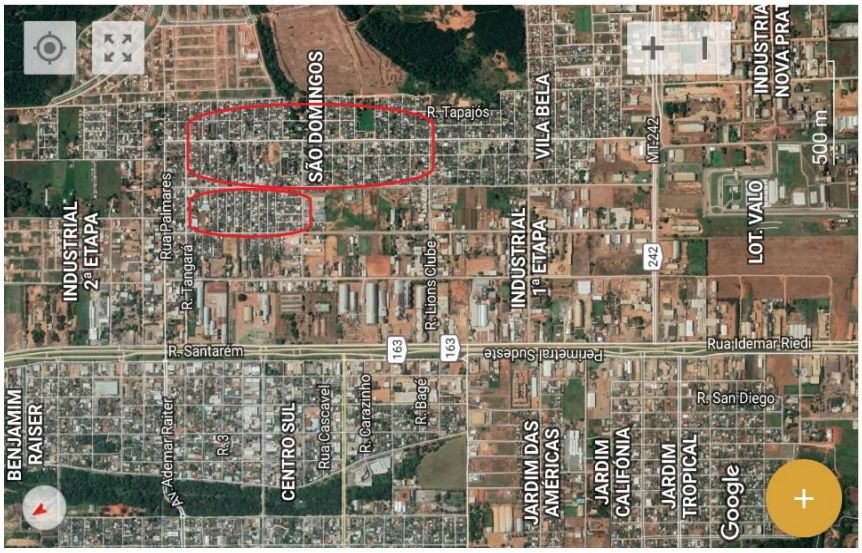


Fonte: pela autora (2020)

O bairro (seja qual for) e as pessoas que nele habitam, tratam de um estudo dos *praticantespensantes* (FONSECA E ALVES, 2013) da cultura, consolidada na tendência em pesquisa nos/dos/com os cotidianos em Educação. Para isso, temos alguns teóricos que trazem o respaldo nas pesquisas com a contemporaneidade das propostas teórico-metodológico-epistemológico-político para pensar nos modos possíveis de movimentarmos no mundo, tecendo possibilidades novas de produções e conhecimentos, no encontro com o *Outro*, na alteridade, no respeito, solidariedade e cooperação tratados por D'Ambrosio (2007).

Nas pesquisas com os cotidianos, tratamos como *espaçostempos* de criação de conhecimento e de produção da vida social, discutido por Certeau, Boaventura e Edgar Morin. O entrelaçamento das ideias dos autores fica implicado nas pesquisas com os *praticantespensantes* dos espaços socioeducativos escolares e não-escolares, com os saberes e fazeres que esses praticantes tecem nesses espaços, compondo uma trama de conhecimentos e artes de fazer nos diferentes contextos em que vivem.

Imagem 12 – Identificação em vermelho dos dois bairros: São Domingo (maior) e São Mateus (menor)



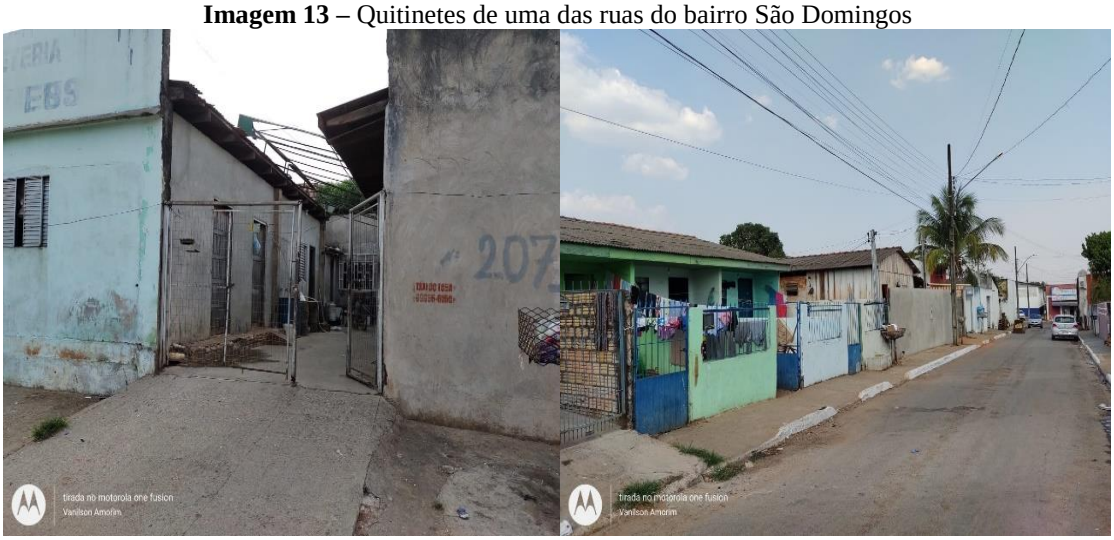
Fonte: Google Maps (2020)

O bairro São Domingos e o São Mateus são muito próximos um do outro, e os envolvidos nessa pesquisa são moradores desses dois bairros. Atualmente, tanto um quanto o outro estão muito bem estruturados. Existem bancos, lojas de todos os seguimentos (calçados, roupas, eletrodomésticos, eletrônicos, brinquedos, veículos, etc.), clínicas médicas, odontológicas, supermercados (atacado e varejo).

Esses dois bairros são sempre muito movimentados, pois neles acontecem duas feiras semanais, uma na Rua Passo Fundo, pertencente ao bairro São Mateus e a outra na Rua São Francisco, pertencente ao bairro São Domingos; ambas são as principais ruas dos bairros. Nos dias de feira (quarta e domingo), a movimentação é intensa. Tudo acontece como em um grande centro comercial, as pessoas vendem coisas, relacionam-se economicamente, negociam mercadorias, vendem, compram. Todo o movimento de espacializar aquele lugar (o bairro) é embebido de manifestações étnico-sócio-culturais. As pessoas trabalham em busca de sanar suas necessidades, objetivando uma condição de viver melhor.

Temos dois tipos de constituição de sociedade familiar nesses espaços: as famílias em que todos da casa trabalham para viver e adquirir sua casa própria em busca de um "canto para viver", e outra em que algumas pessoas se aglomeram em pequenos grupos e dividem o mesmo espaço para morar. Geralmente ocupam esses espaços somente aos finais de semana ou à noite, para descansar. Esse último grupo é formado de homens (raramente mulheres) que ocupam as "quitinetes", casas de um ou dois cômodos, e dividem o mesmo quintal com mais três (ou até oito) dessas casas, sendo geminadas (apenas uma parede divide uma da outra), popularmente chamadas de "parede e meia".

Imagem 13 – Quitinetes de uma das ruas do bairro São Domingos



Fonte: pela autora (2020)

Dentro desses espaços, sejam as casas das famílias ou as quitinetes com o grupo de pessoas que divide o lugar de dormir, temos a configuração de lugares praticados.

> *Geralmente esses homens alugam as quitinetes em grupo quando vem pra Sorriso pra trabalhar. A vida deles é essa: trabalhar durante a semana na fazenda e final de semana vêm pra cidade e ficam ali, todos juntos na quitinete. Daí nos finais de semana uns saem festar, beber, outros aproveitam pra descansar e dormir [...]* (fala de Vanilson, 20 anos, durante um encontro presencial, 2020).

Quando esses homens vivenciam o mesmo espaço em grupo, estão trocando experiências, causando uma dinâmica cultural mesmo que entre a mesma cultura, pois a maioria advém de uma mesma região do Nordeste, ainda que isso não seja uma regra. Atualmente encontramos também pessoas que vem do estado do Pará e Goiás.

Quando essas pessoas espacializam o lugar, vivenciando o dia a dia, com seus conflitos, dividindo as contas de aluguel, de água, luz e comida, estão praticando matemáticas úteis aos seus modos de viver. Aferindo, medindo, dividindo, comparando, observando fatos de suas realidades de vida. A convivência das pessoas que dividem o mesmo ambiente abarca um conjunto de elementos que envolve modos, estilos, arte, técnicas (ticas), resultantes do explicar, aprender, conhecer, lidar com (matema) em seu ambiente natural, social, cultural e imaginário (etno) (D'AMBROSIO, 2019). O mesmo acontece nas casas das famílias onde moram os pais ou responsáveis juntamente com os filhos. Geralmente esses grupos familiares dividem as despesas gerais da casa, já que as condições de vida e salários não são elevadas. A forma de resistir é todos unirem-se para garantir uma qualidade mínima.

Segundo Vanilson, esses grupos que dividem o aluguel em uma mesma casa ou quitinete, têm o intuito de economizar, dividindo o aluguel entre eles. Então, em um grupo de cinco pessoas, dividem entre eles as despesas de aluguel, água, luz e outros. O que sobra de

despesas é a comida. Se esse grupo de homens trabalha nas fazendas ou empresas fora da cidade, não gastam tanto com comida, pois recebem alimentação no trabalho. Aos finais de semana, comem fora ou "queimam lata", popularmente falado por eles mesmo. Fazem uma comida simples, tudo com o intuito de economizar.

Ainda com Vanilson, uns economizam para enviar dinheiro aos seus familiares em outras cidades. Outros não fazem questão de economia e gastam seus vencimentos em bares e bordéis da cidade. Alguns chegam a gastar todo o dinheiro do mês em uma única noite. Vanilson conta muitas histórias de pessoas que já passaram pelo seu bairro, pois em sua rua há várias dessas quitinetes e as conversas se espalham pelas ruas.

3.6 Percorrendo espaços habitados: vem que eu te conto mais!

Antes mesmo de iniciar os trâmites para a pesquisa, realizei dois passeios/visitas de carro aos bairros São Domingos, São Mateus e Novos Campos. Fui acompanhada por meu esposo, pois ele já havia trabalhado em empresas naquela região e conhecia bem os bairros. Percorremos toda a área da zona leste de Sorriso. Mesmo trabalhando há mais de dez anos na escola, o meu conhecimento em relação aos bairros era limitado às ruas que davam acesso à escola. Arrisco dizer que o meu domínio de conhecimento de espaços desses bairros que circuncidam a escola não chegava a 10% da área total da zona leste da cidade.

Eu sabia quais os bairros que faziam parte da Zona Leste, mas nunca tinha andado por essas áreas de carro ou a pé. Conhecia por nome os bairros que faziam parte da zona leste porque em nossa escola, utilizamos as carteirinhas[2] de estudante que o aluno porta como um documento oficial da escola, e precisa apresentá-la para assistir a aula – nela consta todos os dados do aluno, inclusive o seu endereço.

Então antes da pandemia, quando tínhamos as aulas presenciais, todos os dias os professores das primeiras aulas, antes mesmo de realizar a chamada, passavam carteira por carteira recolhendo todas as carteirinhas dos alunos que estavam presentes. Isso se tornou um hábito em nossa escola, pois já tínhamos essa prática desde o ano de 2014. Com esse hábito, nós professores acabávamos tendo contato com os locais onde esses alunos moravam, podíamos ter um referencial de qual bairro a maioria dos alunos da turma reside.

---

[2] O aluno só participa das atividades da escola (inclusive das aulas), se apresentar a carteirinha do estudante no início do turno o qual pertence, e essas são devolvidas aos alunos somente no fim desse turno. Isso garante que os alunos não saiam da escola sem autorização. Se sair ou fugir, sua carteirinha fica retida e é entregue somente aos pais ou responsáveis, garantindo que esses pais se dirijam à escola para retirar a carteirinha e tomar conhecimento da falta de seus filhos ou o descumprimento de regras da escola.

Mas a questão é que só tive os primeiros contatos com as ruas, os becos, as casas, os comércios desses bairros quando me propus a fazer as observações nesses locais para a pesquisa de mestrado. Para que eu pudesse ter uma localização geográfica mais adequada dos bairros onde eu iria andar e observar, optei primeiro a percorrer toda aquela área de carro, acompanhada de uma pessoa que conhecia mais do que eu aqueles lugares, me mostrando onde começavam e terminavam os limites de cada bairro, bem como os novos loteamentos que eu nem tinha conhecimento que já existiam.

No mês de junho de 2020, tomando todas as medidas de proteção, utilizando máscaras e álcool em gel, fiz a primeira visita a pé ao bairro São Mateus. Um rapaz que não foi meu aluno (mas era amigo da minha filha e morava há muito tempo no bairro) se propôs a me ajudar na pesquisa, aceitei sem pensar duas vezes. O seu papel como colaborador de minha pesquisa foi crucial e o elegi como meu informante. Seu nome é Vanilson.

Vanilson é um rapaz de 20 anos, que mora no bairro São Mateus há mais de 14 anos, estudou e cresceu nas escolas municipais do bairro São Domingos (bairros que são divididos por uma rua em comum). Ao iniciar o ensino médio ele optou por entrar para o Instituto Federal de Mato Grosso, polo de Sorriso - MT, que ficava em um outro setor da cidade.

Sempre viveu na mesma casa, desde que se mudou para a cidade de Sorriso. Hoje seus pais são separados, sua mãe foi embora para o Maranhão e deixou ele e seu irmão morando com seu pai, que atualmente reside com uma outra pessoa, nessa mesma casa.

Esse rapaz terminou o ensino médio no ano de 2016, cursando o ensino médio integrado ao curso de técnico em alimentos pelo IFMT. Nos anos subsequentes, mesmo tentando, fazendo planos e até iniciando um curso de graduação, não teve condições de terminá-lo. Suas notas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) eram muito boas, pois sempre manteve o hábito de estudar mesmo sem frequentar a escola depois de terminado o ensino médio. Logo, entrar em uma faculdade pela nota do ENEM nunca foi e não seria o problema.

Sua dificuldade culminava em arranjar um emprego que ganhasse o suficiente para que ele pudesse se manter com as despesas da faculdade (como pagar o ônibus para ir até a cidade vizinha – Sinop MT) estudar, ou mesmo que fosse na própria cidade; e ainda ter condições de sair do serviço a tempo de ir para a faculdade. Enfim, ele não conseguiu se organizar nesse sentido e resolveu apenas trabalhar.

Atualmente, Vanilson trabalha em uma fábrica de gelatina na cidade, no turno da noite. Seu horário de trabalho inicia-se à meia noite e finaliza às oito horas da manhã. Dorme e descansa durante o dia. Nos dias que marcávamos nossa visita aos bairros, sempre saíamos a partir das quatorze ou quinze horas, para que ele pudesse descansar antes de irmos.

Voltando à nossa primeira saída no bairro que aconteceu em junho de 2020, me dirigi até a sua casa de carro. Em uma rua que dava no lado de cima da escola, rua larga e bem movimentada, na quadra que iniciava o bairro São Mateus, contei seis travessas (chamadas pelos moradores de becos) e entrei na sétima (conforme instrução passada por Vanilson).

Dependendo da largura do carro, não cabiam dois carros paralelos nessa rua sem que um deles andasse com dois de seus pneus por cima das calçadas. Estacionei meu carro em frente à casa do Vanilson, com as rodas do lado direito em cima da calçada, a fim de não atrapalhar que outro carro passasse pela rua.

Imagem 14 – Rua da casa de Vanilson, no bairro São Mateus



Fonte: pela autora (2020)

A casa de Vanilson tem os muros mais baixos que as outras casas que fazem divisa com a sua. Dentro do seu quintal, o terreiro é todo coberto por um piso de cimento, a casa tem formato de L. Percebe-se pelo estilo da construção que foi construída por partes, aos poucos. A casa não possui pintura, suas paredes e muros são rebocadas de cimento e escurecidas pela exposição ao sol e chuvas. Janelas venezianas de lata, pequenas e enferrujadas.

Neste dia, não entrei em sua casa. Logo que cheguei, saímos e fomos andando pela rua, sentido leste, rumo à rua principal (Passo Fundo), onde ele me mostrou que acontecia uma feira todas as quartas feiras. Nesse dia, por sinal, era dia de feira. Sentamos em uma escada em frente a uma padaria, com duas portinhas pequenas e ficamos a observar o pessoal da feira terminar de se organizar, pois alguns feirantes ainda estavam chegando com suas mercadorias.

Ele descreve alguns fatos que presenciou sobre a discriminação que ele e seus colegas do IFMT sofriam por morarem “do outro lado da BR” (termo utilizado pelos moradores em geral). Interrompi sua fala e comentei com ele que eu queria conversar com alguns feirantes, de preferência que fosse um dos mais antigos na feira. Ele logo me mostra uma tenda de uma senhora que vendia pastel há vários anos, tanto na feira dessa rua, quanto na feira que acontecia

aos domingos em outra rua do bairro, que por sinal, por ser fim de semana, era muito maior que essa. Combinamos de ir mais tarde naquela tenda.

Vanilson enfatiza que a organização de espaço e o comércio do bairro melhorou muito a partir de 2015, quando alguns comércios importantes da cidade começaram a se instalar na zona leste, dando comodidade aos moradores desses bairros que fazem parte da zona leste.

Como exemplo, cita a própria panificadora da qual estávamos sentados na calçada, mercados maiores, postos de gasolina bem estruturados e equipados com conveniências, bancos, lojas de eletrodomésticos, lotéricas, farmácias, garagens de venda e compra de carros, lojas de informática e eletrônicos. Ele complementa que achou muito "legal as empresas terem trazido filiais para o lado de cá, porque daí não precisava ir lá para o outro lado da cidade para comprar alguma coisa". Hoje ele consegue fazer suas compras e pagamentos de contas a pé, de forma rápida e eficaz.

> *Aqui na Passo fundo não, mas se você der uma olhada ali na São Francisco no sábado à noite, você percebe que tem bastante lanchonete, bar, bastante serviço assim, que vende comida. Coisa que não tinha a um tempo atrás. Aí reformaram as praças, [...], antes tudo quanto é coisinha que tinha que resolver, tinha que ir lá no centro, agora não, você consegue resolver aqui pelo bairro mesmo, com muito mais comodidade, porque dá pra ir andando* (fala de Vanilson, 20 anos, durante um encontro presencial, 2020).

Quando Vanilson faz essa fala, percebe-se que ele está muito satisfeito com essa mudança nos espaços socioeducativos onde vive com sua família. Ele conta com orgulho a forma positiva das mudanças em seu bairro. Sua fala enfatiza o orgulho de, enquanto moradores da zona leste, estarem de certa forma "independentes" do centro da cidade, ou seja, do "outro lado da BR".

Se sentem em casa, acomodados, livres, podendo escolher em ir fazer compras em um supermercado de grande porte, ou até mesmo ir comprar seus artigos de informática sem precisar se deslocar ao centro da cidade. Nas entrelinhas de sua fala, consigo entender em suas palavras a anunciação da sua narrativa identificando a importância que finalmente foi dada ao povo que "mora aqui desse lado".

Percebemos um dos fatores diante da apropriação do pensamento abissal presente nas sociedades modernas dito por Santos, (2007). Os moradores do lado de lá (o outro lado da BR), de tanto emanciparem o pensamento de civilização desapropriada de direitos e importância na cidade, ficam felizes e satisfeitos de não precisarem mais atravessar a BR 163 para resolverem seus assuntos pessoais (bancos, escolas, comércios em geral). O fato de "não precisar ir lá" nos remete ao "não me sinto bem em estar do outro lado", focalizando uma relação de pertencimento, o que denotava a invisibilidade social, vulnerabilizada por não terem alternativa

quando necessitavam resolver algum assunto do lado de cá. A legitimação da visibilidade social se realiza quando, depois de tanto tempo, agora podem resolver seus assuntos em seus próprios espaços, depois de tanto caminharem nos processos de fascismo do apartheid social (segregação social dos excluídos por meio de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e zonas civilizadas) (Santos, 2007).

Continuamos a observar a movimentação das pessoas na organização das barracas, e ele comenta que o pessoal começa a se organizar entre as treze e trinta e quatorze horas, e a partir das dezessete horas é que começa o movimento maior. As pessoas saem do trabalho, mesmo as que trabalham do outro lado da cidade vão chegando do trabalho e antes de irem para casa, já passam na feira e compram o que precisam.

Imagem 15 – Início da organização dos feirantes da rua Passo Fundo



Fonte: pela autora (2020)

A maior movimentação das pessoas acontece após as 17 horas. Por volta das 19 e 20 horas já não tem mais barracas montadas na rua. Os feirantes agora se organizam de uma forma um pouco diferente do que antes, por causa da pandemia. Vanilson me mostra umas marcações no asfalto, como se fossem marcações de estacionamentos, porém, um pouco mais largas. Essas marcações foram feitas para demarcar a localização das barracas. Em cada vaga daquela, ficava uma barraca. Hoje, com a pandemia, ocupam uma e vagam a outra, para dar uma distância de no mínimo um metro e meio, adequação necessária aos novos modos de viver em tempos de pandemia.

Hoje, para seguir as recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) na prevenção da COVID 19, as vagas são ocupadas de forma alternada, de modo a permanecer sempre uma vaga ociosa entre duas bancas. As formas de organização dos feirantes nos mostram como o ser humano se reinventa em tempos difíceis. A vontade de evoluir, de sobreviver em meio a uma sociedade caótica, a vontade de morar melhor, de comer melhor, de ter uma vida melhor define a busca que se dá pela forma como faz com que as pessoas se mobilizem no sentido de transpor os obstáculos.

“As estratégias de ação são motivadas pela projeção do indivíduo no futuro (suas vontades, suas ambições, suas motivações e tantos outros fatores), tanto no futuro imediato quanto no futuro longínquo. Esse é o sentido da transcendência [...]” (D’AMBROSIO, 2019, p. 60). Quando isso acontece, segundo D’Ambrosio (2019), o ser humano transcende, pois a transcendência é resultado da vontade. E mais, considera que a realidade gera o indivíduo que a transforma e produz conhecimento, organizando- o para, em seguida, ter esses meios de organização e produção de conhecimentos expropriados pelo poder.

Aos domingos acontece essa mesma feira, só que em outra rua principal do bairro São Domingos (a Rua São Francisco de Assis), maior e mais completa. Nessa existem mais que o triplo de barracas expondo seus produtos. Vendem de tudo, roupas, calçados, alimentos, hortifrúti, artesanatos, carnes.

Imagem 16 – Feira de Domingo na Rua São Francisco, bairro São Domingos



Fonte: pela autora (2020)

Aos domingos, os feirantes começam a montagem na noite anterior. Pergunto se ele sabe porque começam com tanta antecedência. Os feirantes que antecedem na montagem são as de salgados, sucos, caldos. Geralmente, aos sábados as pessoas saem dos bailes e festas (antes da pandemia), e quando voltam para casa já é madrugada. Essas barracas atendem essas pessoas que já estão à procura de algo para comer antes mesmo de amanhecer.

Imagem 17 – Feira de domingo na Rua São Francisco, bairro São Domingos



Fonte: pela autora (2020)

Cada feirante ocupa um lugar definido na disposição dos lugares das barracas. Ninguém ocupa o lugar do outro, cada espaço é respeitado pelo outro. Vanilson exemplifica com o caso da dona da barraca que vende pastel. Há anos que ele frequenta a feira e ela sempre está montada em frente a panificadora. Nunca mudou de lugar.

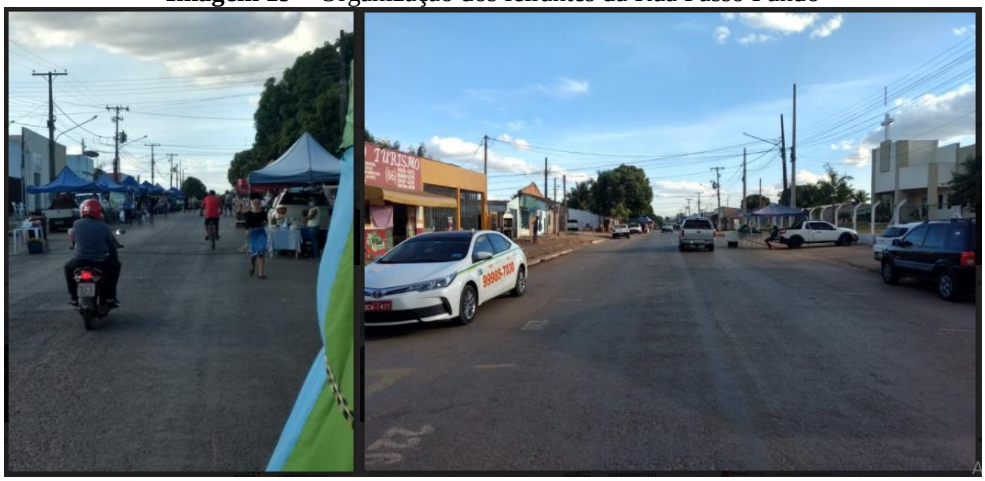
Imagem 18 – Feira de quarta-feira na rua Passo Fundo, bairro São Mateus



Fonte: pela autora (2020)

Na foto abaixo, podemos perceber o início da montagem das barracas. Esse é o fim da extensão da rua onde acontece a feira na Rua Passo Fundo. As barracas ficam a uma distância de 1,5 a 2 metros de distância umas das outras. Esse ponto é o final da rua, estávamos a uma distância de cerca de 200 metros das primeiras barracas montadas na outra extremidade da rua.

Imagem 19 – Organização dos feirantes da Rua Passo Fundo



Fonte: pela autora (2020)

Iniciemos uma análise aos fatos narrados sobre essas situações dos feirantes, percorrendo o caminho destacado por Certeau (1995) quando ele cria uma "ciência prática do singular". Todos os modos de viver, fazer, saber, organizar-se, situar-se, comparar-se em que os feirantes são postos diante do momento vivenciado (pandemia), os forçaram a se reorganizar de forma que ainda assim, conseguissem continuar as suas cotidianidades, podendo prosseguir, na medida do possível, vivenciando seus fazeres e saberes, na socialização que permite a comercialização nessas feiras.

Essas mudanças na forma de organização e o novo modo de vender, de comprar, fazem parte das transformações culturais que ocorrem em vários pontos do planeta diante da pandemia instalada. Essas transformações culturais são no sentido de adaptar-se aos novos modos de cotidianidade o qual se estabeleceu no ano de 2020.

No contexto explicitado por Certeau (1995) onde acontece a produção de "lugares próprios" no contexto de relações de forças, do exercício do poder, esses feirantes exercitam a militância de garantirem seus "lugares próprios" quando mudam seus modos de organização, seus horários, seus modos de vender (porque se adaptam de acordo com a nova realidade estabelecida). Ou seja, ao invés de simplesmente pararem suas produções e suas vendas, se organizam de acordo com as novas definições de comercialização para poderem garantir seus trabalhos, respeitando os direitos e deveres de cada um, a alteridade e as vivências de cada um. Isso explicita uma relação de força e exercício de poder dentro de uma sociedade organizada. Como analisa Certeau (2011, p. 125-6),

> Na perspectiva delineada por Michel Foucault, entendo como práticas de poder "um modo de ação que não age, direta e imediatamente, sobre os outros, mas sobre a própria ação deles"; tais práticas compõem 'um conjunto de ações sobre as ações possíveis' (Foucault, 1984). Trata-se, portanto de operações (procedimentos) e não de concepções (ideias), [...] (CERTEAU, 2011, p. 125).

As experiências instituídas nesses espaços fazem com que essas pessoas que trabalham e vivenciam essa forma de conceber o seu sustento, pode instituir espaços de liberdade e diferença, mesmo onde se supõe apenas o domínio e a assimilação de pessoas que efetivamente não representam as classes mais elevadas e esclarecidas da sociedade.

Ao fato de que a organização desses bairros que compõem a Zona Leste da cidade (o "outro lado da BR"), vem movimentando uma organização e estruturação dos comércios a fim de garantir o usufruto e a comodidade de seus moradores, oferecendo serviços de qualidade e diversidade no comércio. É de fato uma concepção de criações e práticas significantes emergidas em meio a mudanças sociais, políticas e intelectuais que buscaram dar conta de um presente em construção.

Esse grupo social identificado como nordestinos (na verdade são em sua maioria os maranhenses) trouxeram para esses bairros da zona leste as suas culturas, crenças e valores enraizados em seus modos de viver, costumes e tradições. Estabeleceram uma prática dominante nesses espaços, que consequentemente, foi identificada como uma relação de poder do grupo social que vivencia esses espaços, garantindo assim, uma abertura de fronteiras quando os comércios se dispuseram a diversificar e intensificar esses espaços no que tange ao atendimento e disposição para aquele povo.

Nesse aspecto, concordamos com Certeau (1995) quando enfatiza que precisamos pensar o poder como um exercício, uma relação de forças, uma luta travada todos os dias por indivíduos de grupos sociais, em todos os *espaçostempos* em que os seres humanos se encontram e se relacionam. (FERRAÇO, SOARES E ALVES, 2018).

Esse grupo social se manteve tão forte diante da sociedade sorrisense que, ao fim, se estabeleceu como um grupo forte, pertencente à sociedade, (ainda que muitos não concordem e insistam em acreditar que esse povo só quer um trabalho por algum tempo e depois voltem aos seus estados de origem). Conquistam assim, o reconhecimento e os benefícios que esse exercício de manifestação de poder representados por eles próprios, criando seus modos de fazer, ser e saber, manifestando culturas.

Essa ação cultural no contexto dos embates cotidianos, as redes de operações produtoras de saberes e fazeres, poderes e sentidos de um grupo social, nos evidencia a manifestação cultural de um povo, de sua cultura, da diferença e da alteridade na contemporaneidade desse grupo social que se estabeleceu nesses lugares espacializados. Ao fato de que vivenciam suas redes de práticas sociais e produzem sentidos para aqueles que as realizam, foram tomando forma e sentido aos moradores que na cidade buscavam apenas um trabalho temporário, mas que ao longo dos anos foram se estabelecendo como trabalhadores em busca de constituir família, moradia, qualidade de vida e melhores estruturas para viver.

De acordo com Vanilson (informante), o grupo social, especificamente dos bairros São Mateus e São Domingos, é de pessoas que vieram a priori, em busca de trabalho temporário nas fazendas da região. Nesses dois bairros, podemos verificar grande quantidade de casas conjugadas no estilo quitinetes, algumas com duas; outras apenas com uma peça e um banheiro. Há pouco tempo atrás, as pessoas (geralmente os homens), procuravam esses estilos de casa apenas para ter um ponto de abrigo, dividindo as mesmas peças com outros trabalhadores. A intenção era ter um lugar para dormir ou para descansar aos finais de semana, após ter passado a semana toda trabalhando em fazendas da região. Essa divisão do espaço com outras pessoas é com o intuito de economia com as despesas de moradia (aluguéis, água, luz, etc.).

Hoje em dia, percebemos essas mesmas pessoas, que antes alugavam e dividiam essas peças, com moradia estabelecida no bairro. Ou pagam seus lotes, ou estão construindo suas casas aos poucos, ou mesmo que ainda não tenham sua casa própria, residem no bairro com suas respectivas famílias, com o intuito de se estabelecer ali.

> *Aqui em casa a gente sempre trabalhou muito para garantir o sustento da família. Todo mundo aqui no bairro é assim, os pais trabalham, os filhos, todo mundo; um ajudando o outro. É porque as coisas são difíceis, tudo é muito caro. Mas ainda é melhor do que de onde a gente veio. Aqui pelo menos a gente trabalha e o salário é melhor, devagarinho a gente vai fazendo as coisas, arrumando a casa.* (fala de Alessandra, mãe de Jorge, 42 anos, durante uma visita à casa de Jorge, 2020).

Sob o mesmo ponto de vista que D'Ambrosio (2019) evidenciamos as maneiras de sobreviver, resolvendo os problemas e situações *a hoc*. Esse povo, mesmo ganhando o mínimo para sobreviver e se constituírem enquanto moradores nesses bairros, organizam-se financeiramente, projetam metas, explicam e entendem os fatos concernentes aos seus cotidianos. Cada grupo socialmente organizado intercambia conhecimentos e interesses comuns, sendo um deles o exemplo da organização a fim de obter o seu lugar para morar. De fato, D'Ambrosio (2019) nos diz,

> A humanidade obedece a esse instinto. Indivíduos os procuram e encontram outros, intercambiam conhecimentos e comportamentos, e os interesse comuns, que são comunicados entre eles, os mantem em associações e em sociedades, organizadas em diversos níveis: grupos de interesse comum, famílias, tribos, comunidades, nações (D'AMBROSIO, 2019, p. 19).

Isso foi dando força e grandiosidade para que o grupo social explicitado na pesquisa ganhasse espaço e confiança das autoridades, a fim de que se tornasse insustentável não garantir melhoria nos bairros os quais vivem, evidenciando suas práticas culturais, seus modos de viver, suas significações nas práticas que realizam e acreditam.

Nessa prática cultural significativa, Certeau (1995) reafirma que essas práticas não constituem um conjunto de valores a serem preservados e defendidos, mas sim, como um trabalho a ser realizado em toda extensão da vida social, o qual requer uma atividade, um modo de apropriação, transformações pessoais, intercâmbio instaurado em um grupo social, fato claramente evidenciado no grupo social em questão. O próprio bairro se instituiu como uma identidade do grupo, de cada família, seus modos de fazer e saber evidenciados nesses espaços.

Essas práticas do grupo social, constituído em um aglomerado de bairros, na busca pela sobrevivência, por uma vida melhor, bem como suas necessidades pessoais evidenciam o que Certeau (1995) retrata quando escreve que essas práticas são fruto do trabalho realizado em toda a extensão social desse grupo, de suas atividades e modos de apropriação.

Aos próximos parágrafos, explicitaremos a interlocução dos saberes e os espaços evidenciados, num diálogo aos entendimentos de dois dos sujeitos de nossa pesquisa: Jorge e Moisés. Na vida dessas duas pessoas, evidenciamos algumas das marcas do pensamento abissal moderno, e por mais radicais ou dramáticas que nos pareçam essas distinções e as consequências de estar em um ou outro de seus lados, conforme Santos (2007) mesmo declara, elas pertencem a este lado da linha e se combinam para tornar invisível a linha abissal na qual estão fundadas. Isso se funde nas emancipações ideológicas do grupo social pesquisado, nas afirmações dos grupos do “lado de cá”, emancipados e estereotipados no grupo do “lado de lá”.

4. ESPAÇOS, SABERES E DIÁLOGOS

Ubiratan D'Ambrosio (2019) retrata o conceito de vida essencial em seus estudos, denominada como valor universal. Nesses estudos, ele enfatiza um triângulo da sobrevivência – o indivíduo – o outro – a natureza, como ponto de partida, e analisa o que acontece com esse triângulo vida. Triângulo esse que pode ser explicado de várias formas, baseados em várias teorias de evoluções humanas e que, antes de tudo, temos que acreditar em uma delas, tomar como verdade e, ao mesmo tempo, respeitar as outras que explicam a vida de uma forma diferente – aí entra o *etno*, que é basicamente o respeito pelas outras visões.

O fato é que surge o *outro*, um indivíduo que tem vontades, que toma decisões, procura explicações, e se diferencia dos outros, que satisfazem um instinto (o que Ubiratan chama de pulsão de sobrevivência). Essa espécie diferenciada transcende a mera sobrevivência porque toma decisões sobre o que quer, o que necessita, o que tem vontade, o que resiste. Com isso, cria instrumentos que, ao resistir suas vontades, transcende (D'AMBROSIO, 2011 et al MIARKA, 2011).

Este é o fenômeno da vida humana. No momento em que as ideias se configuram em um modo de pensar, no estudo de outras culturas, de outros povos, grupos culturais, respeito aos desejos e necessidades do outro, solidariedade e cooperação, conhecimento, crenças, diversidade; cunhou-se o termo etnomatemática, segundo D'Ambrosio (2005).

D'Ambrosio (2019) afirma que os diferentes *etnos* é o que acaba influenciando o que ele chama de vontades e a partir daí se faz a análise histórica de: como chegamos a ser o que somos? Para poder entender o que são as relações, a comunicação, os instrumentos, o trabalho, as produções, temos o *matema* – a busca do entender, do explicar. Entramos então na teoria do conhecimento.

Na entrevista concedida por D'Ambrosio a Miarka (2011), o autor resume sua definição da etnomatemática como: "no desenvolvimento do ser humano, a espécie humana é identificada com a aquisição de estilos de comportamentos e de conhecimentos para sobreviver e transcender nos distintos ambientes que ela ocupa, isto é, na aquisição das técnicas para explicar, para entender (*matema*), que são naturalmente diferentes dependendo do contexto, natural, social, místico, da mitologia (*etno)"*. O *matema* - a explicação, o entendimento, o conhecer - resulta disso, e a maneira de fazer com que isso tenha continuidade, de passar de um para outro, (modos, estilos, artes, técnicas) são as *ticas*.

Amarrados a esses conceitos, D'Ambrosio (2019) relaciona a cultura como a geração, organização e difusão do conhecimento. Nesse tripé, temos a sociedade, que é um reflexo do

indivíduo que a compõe e isso gera um conflito muito grande entre o individual e o social. A geração vem do individual, e no ato de organizar esse conhecimento, essas vontades que agora são influenciadas por um temor (seja terreno ou espiritual) limitando essas vontades. Daí entra o conceito de poder, de paz, de respeito, de solidariedade.

Para Tuan (1991), o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Lugares têm história e significado cultural. Tomados em sua realidade aparecem como portadores de diversas histórias individuais e significados específicos, que proporcionam a amplitude do que é o espaço. [...] A sua existência cultural depende de uma série de fatores – uma ordem cultural – a qual é fruto das relações sociais do grupo, e que determinam as relações circundantes mantidas com outros grupos. (SILVA, 2006, p. 69).

Então, falar de etnomatemática, não está atrelado a matemática ocidental apresentada na escola ou a que está presente nas práticas de saberes e fazeres de determinados grupos. Vai além, com amplitude e complexidade que envolve vivências, práticas, indivíduo, crenças e valores, respeito a si e ao outro, discute as relações de poder, política, educação, sociedade; envolve humanidade e conhecimento. Logo, tudo o que formos discutir e pesquisar que envolve o ser humano, o conhecimento, envolve estudar a história da humanidade nos diferentes sistemas culturais, que é o que propõe o Programa Etnomatemática de D'Ambrosio. "O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, medindo, explicando, generalizando, [...], usando instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura" (D'AMBROSIO, p. 24, 2019).

As cidades e os bairros são, assim como qualquer outro, um espaço com diversidades culturais, vivências e concepções de mundo, e nestes espaços temos saberes e fazeres (não só matemáticos) acontecendo o tempo todo. O bairro traduz no indivíduo uma identidade. Em cada casa desse bairro há também uma identidade particular dos integrantes da família. Um modo de vivenciar os fazeres e saberes (matemáticos ou não) em seus espaços habitados.

4.1. Os saberes de Moisés

No mês de junho, eu e o aluno Moisés combinamos de fazer uma entrevista pessoalmente, tomando todas as medidas de prevenção e usando todos os equipamentos de contenção da doença, como máscaras e uso de álcool em gel, desinfecção do local etc. Marcamos um dia antes por mensagens e resolvemos nos encontrar na igreja, a qual ele vai todas as manhãs fazer atividades de caráter social. Iniciamos às nove horas e trinta minutos,

sentados nos bancos da igreja, os quais estavam organizados cumprindo os termos do distanciamento social, de forma que todos pudessem sentar somente nos bancos os quais ficariam a um metro e meio de distância uns dos outros.

Logo que cheguei, ele me esperava no lado de fora, a igreja estava com as portas abertas, logo na entrada tinha uma mesinha branca com um vidro de álcool em gel do qual fiz uso assim que entrei. Sentamos em uma cadeira qualquer e começamos nossa conversa. Iniciamos a conversa falando sobre o trabalho voluntário que ele fazia na igreja. Confirmou o que já havia dito anteriormente, que trabalhava todas as manhãs de segunda, quarta e sexta-feira e domingos, pois desempenhava o papel de obreiro na igreja. Seu trabalho era atender as pessoas que procuravam a igreja, conversando e orientando nas situações que precisassem.

Ele conta que sua trajetória no trabalho eclesiástico começou quando, obrigado pela sua mãe, acompanhava sua irmã até a igreja. Ele mesmo não frequentava, mas tinha que buscar e levar sua irmã todas as vezes. Conta que nunca havia se interessado antes por esse tipo de trabalho, não gostava de frequentar igrejas, seu negócio era o futebol.

Sua irmã frequentava o grupo de jovens. Um certo dia, ele foi até mais perto da porta da igreja e os amigos de sua irmã o convidaram para entrar ou aguardar terminar o encontro que depois iriam jogar bola. Ele, como gostava muito do jogo, aceitou o convite e esperou. No início, a ida dele era apenas para aguardar os meninos para depois ir jogar bola. Com o passar do tempo, começou a participar do encontro enquanto esperava para jogar, e um belo dia, um pastor começou a falar com aquele grupo de jovens e ele se atentou ao que o pastor falava.

Ele conta que o pastor começou a dizer as palavras: “Você pensa que é feliz? Você pensa que está de boa porque você tem sua família perto, porque você tem sua namorada, porque você é rodeado de amigos? Mas se você parar para pensar, você não é feliz de verdade!” E o pastor completou, ainda: “Eu ofereço a você felicidade de verdade!” E o jovem continua sua narrativa dizendo:

> *Aquelas palavras encheram meus olhos. Quando ele disse que eu não precisava estar rodeado de amigos para ser feliz, que eu não necessariamente teria que ter uma namorada pra ser feliz de verdade. Mas ele disse também que pra eu alcançar essa felicidade eu teria que abandonar a vida errada. A mentira, a prostituição, as drogas, a bebida. Eu lembro como se fosse hoje, até onde eu estava sentado* (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja, 2020).

Ele continua contando que, com isso, começou a frequentar a igreja com seriedade, decidiu abandonar as coisas erradas e adotar um comportamento maduro, respeitando os outros, principalmente seus pais, pagando suas dívidas, etc.

Evidenciamos o sentido em que D'Ambrosio (2019) nos dá quando diz que é próprio do ser humano procurar se relacionar com 'outros', que há uma necessidade de interação que os mantém em associações ou em sociedades.

> Indivíduos procuram e encontram outros, intercambiam conhecimentos e comportamentos, e os interesses comuns, que são comunicados entre eles, os mantêm em associações e em sociedades, organizadas em diversos níveis: grupos de interesse comum, famílias, tribos, comunidades, nações (D'AMBROSIO, 2019, p. 19).

Nesse ínterim, o fato de Moisés, mesmo não tendo a intenção de se relacionar com o grupo da igreja, pelo seu próprio instinto humano acabou por ser levado ao relacionamento direto pelo grupo de jovens (grupos de interesse comum) e, consequentemente, a relacionar-se com a ideologia estabelecida naquele credo. Um cotidiano de grupos, de famílias, agremiações, etc., se dá em ritmos e maneiras distintas, e digo que estas maneiras podem ser o fator de impulsão a participação ou interesse ativo naquele determinado grupo.

Como destaca Certeau (1995), devemos estar atentos às heteronomias, aos outros que estão em nós e que nos constituem. Trata-se de assinalar a particularidade do nosso lugar e as dependências que ele implica. E assim, "o futuro entra no presente sob a forma de alteridades, fazendo com que a vida se produza, sempre, na relação com os Outros" (CERTEAU, 1995, p. 232).

A atitude de Moisés em interessar-se pelas palavras e modos de viver do grupo da igreja identificam a dinâmica cultural que pode ocorrer em sociedades urbanas organizadas. Continuando, ele contou que começou a entender o trabalho que a igreja fazia na tentativa de ajudar os outros a saírem da vida de sofrimento, seja qual fosse o motivo. Ele decidiu ser um novo homem e dedicar-se a ajudar os outros. Com o tempo começou a sentir e entender uma felicidade que não conhecia, preencheu um vazio que nada anteriormente conseguia preencher.

Nesse trecho da conversa, recordei das palavras de D'Ambrosio (2009) quando ele descreve a etnomatemática primeiro como uma teoria do conhecimento, que começa pela crença em algo que está acima do ser humano. Como o autor destaca, de onde tudo isso se origina? Surge de uma realidade ampla, pode ser localizada, pode ser o planeta, os cosmos, o seu espaço social – isso tudo nos forma como indivíduos. – Nos forma e nos informa. Então a realidade do sujeito ligado à experiência tomada no meio de determinada comunidade religiosa forma-o como um novo sujeito, que muda suas ações de acordo com suas novas percepções.

Ainda, a atitude de Moisés em procurar um grupo social, sentir-se bem em uma sociedade organizada (religiosa), nos mostra como a espécie humana obedece ao instinto de procurar e encontrar outros, intercambiando conhecimentos, comportamentos e interesses

comuns que os mantém em associações e em sociedades nos mais diversos níveis. (D'AMBROSIO, 2009).

O trabalho social fez esse jovem despertar ao que D'Ambrosio (2019) chama de triângulo vida, regido pelo respeito, cooperação e solidariedade. A admiração e respeito aos seres que dedicam suas vidas aos outros o fez almejar ser uma dessas pessoas.

Entendemos aqui a essência da etnomatemática em suas complexidades movida na legitimação das crenças de Moisés em acreditar em um Deus (ser superior), assim como quão importante é o servir ao outro quando da sua fragilidade. O jovem acredita na sua missão, oportunizando as pessoas que o procuram a encontrar uma felicidade que ele também encontrou. Talvez essa seja a busca de sua transcendência.

Como o próprio D'Ambrosio (2011) afirma tudo é muito misterioso na crença individual do ser humano, e então procuramos explicações para aquilo que não conhecemos e queremos conhecer, evidenciando aí o ponto de partida da etnomatemática proposta por D'Ambrosio. O ponto de partida desse jovem parece ter sido a esperança de conhecer uma felicidade que não conhecia e a admiração do papel social que os pastores prestam às pessoas.

Ele continua dizendo que quando se dedicou integralmente ao trabalho da igreja, encontrou a paz e o preenchimento do vazio que sentia em sua alma. Depois de alguns convites do pastor, decidiu que queria ser um obreiro, sendo que para isso ele se dedicou a fazer os cursos necessários ao que se propunha. Declarou que sente vontade de ajudar, lembra de quando precisou de ajuda e foi ajudado, evidenciando um sentimento de gratidão.

Em tempo, perguntei sobre seus projetos e sonhos. Sobre suas perspectivas quanto a se dedicar somente a isso solitariamente ou se pretendia, com o tempo, constituir família. Descreveu que pensa em casar futuramente, mas não pensa em ter filhos, pois descreve as dificuldades que os pais enfrentam quando têm seus filhos pequenos e são transferidos anualmente de lugar em lugar, e filhos dificultam essa movimentação e rotina do casal dedicado à igreja.

Ele reflete sobre o transtorno que causaria na vida de uma criança, levando uma vida nômade, então ele pensa em se dedicar à igreja, até um dia casar e junto com sua esposa, viver a vida integrada nesse projeto. Ainda durante a conversa, Moisés descreveu que o tipo de pessoas que procuram ajuda varia entre o mendigo e o rico, seu rosto não transmite felicidade e paz, as ideias são suicidas e as atitudes são de pavor e aflição.

Ele acrescenta que "*todas as pessoas, algum dia na vida, já ouviu falar de Jesus e batem na porta da igreja como a última alternativa, a última porta e suplicam por uma palavra de regozijo, de esperança*" (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja,

2020). Muitas vezes, essas pessoas chegam a dizer que se não forem contemplados por uma palavra de bom ânimo, a alternativa que têm é a morte (suicídio).

Nessa hora, eles lançam a ideia de um motivo para que essa pessoa possa querer viver mais. Falam sobre a mudança que é necessária em sua mente e seus modos de viver, a calma para resolver, aos poucos, os seus problemas existentes. De certa forma, tentam conscientizar a pessoa que procura ajuda, oferecendo uma vida de dedicação e consentimento aos conselhos bíblicos. Levam palavras de conforto e confiança em um ser superior (Deus), segundo Moisés.

Ele exemplifica que "*o nosso coração é como se fosse um quebra-cabeça. Existe um lugar ou uma peça para cada coisa de nossa vida, uma para a família, outra para o profissional, para os amigos, e assim deve existir um para Jesus/Deus, que é a peça chave para preencher qualquer vazio que a pessoa possa ter em sua vida*" (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja, 2020).

Além de serem atendentes/conselheiros das pessoas que os procuram, também realizam trabalhos de limpeza e manutenção do local, tiram o pó, arruma as cadeiras, limpam o chão, banheiros, ou seja, trabalham na organização geral do local para atender os fiéis e visitantes. Todo o serviço prestado por Moisés à igreja é feito como forma de agradecer o que eles conseguiram encontrar - a felicidade, a paz interior, a satisfação pessoal.

Esses atos sociais, praticados e compreendidos por Moisés, satisfazem igualmente ao que Miarka (2011) salienta nas interpretações das falas de Ubiratan D'Ambrosio, quando diz que o Programa Etnomatemática nos ajuda a nos entendermos em uma multidimensionalidade que envolve aspectos individuais, sociais, planetários, cósmicos etc. "Para D'Ambrosio, a etnomatemática parece ter sua dimensão filosófica, que pode nos ajudar a nos compreendermos, e uma dimensão pragmática, como ferramenta a serviço da sociedade" (MIARKA, 2011, p. 100).

Em outro momento da conversa, comentei que, aparentemente, para quem olhava de fora, o papel que eles desempenham parecia ser algo muito simples; no entanto, para quem está em conflito, faz muita diferença. Pedi para que ele descrevesse o seu modo de pensar sobre o papel que ele realiza na igreja. Que falasse sobre o que ele sente por ajudar essas pessoas, por entregar uma palavra de ânimo, como ele analisava seu papel na sociedade, sua trajetória de vida, enfim, o que esse *fazer* proporcionava para ele enquanto pessoa. Ele argumenta:

> *Ah professora, é bem prazeroso sabe? [„„] tipo, chegar alguém e você poder falar alguma coisa que vai ajudar realmente aquela pessoa. Chegar alguém chorando e você conseguir fazer ela parar de chorar, você dar esperança pra essa pessoa; nossa, você se sente a melhor pessoa do mundo! Por conseguir ajudar alguém, por conseguir fazer alguém um pouco mais feliz entendeu? Isso aí pra gente traz uma alegria, uma felicidade. Porque, tipo assim, essa pessoa tá chegando, ela precisa. A gente um dia*

> *precisou também, ou seja, a gente está continuando um trabalho que foi feito, ou seja, desde que a gente faça isso aí, essa obra (é assim que a gente chama) nunca vai morrer. Então, eu como pessoa, me sinto lisonjeado em estar aqui, porque não é qualquer pessoa que pode estar aqui* (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja, 2020).

Em sequência, conclui dizendo que as pessoas que estão nos hospitais ou nos presídios, são pessoas que gostariam de estar no lugar deles dando uma palavra de apoio a quem precisa, ao invés de doentes ou presos, cumprindo medidas de privação de liberdade por alguma coisa que fizeram.

Por conseguinte, peço para que me conte o que mudou dentro de sua casa, nas relações pessoais com seus pais e irmãos, se essa dedicação na igreja fez com que ele tivesse uma mudança em seu modo de viver fora da igreja. Moisés declara que, em casa, ele nunca foi um jovem de dar trabalho com festas, amizades ruins ou outras coisas. Em contrapartida, era muito respondão, argumentava sempre contrariamente ao que a mãe pensava, sempre tinha respostas imediatas para sua mãe. Por muitas vezes, já acordava de manhã revoltado com a vida e respondia mal a todos da casa, não ajudava nos afazeres domésticos.

Ele complementa que, como pessoa que faz esse papel social na igreja, tinha que mostrar para sua mãe que ele não era mais a mesma pessoa, teria que dar um bom testemunho dentro de sua casa. "*Como eu vou falar uma coisa dentro da igreja, e fora dela eu vou ser uma outra coisa? Então eu fui melhorando meu comportamento com ela, comecei a ajudar ela nas terças e nas quintas, que é o dia que eu não venho aqui na igreja"* (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja, 2020). Segue descrevendo que ajuda nos trabalhos domésticos, que compra as coisas que sua mãe precisa. Ou seja, dá o seu testemunho em casa no que acredita e discursa em seus credos. Diz que seu relacionamento com sua família hoje é considerado perfeito, com paz, harmonia e respeito.

Em outra conversa que tivemos, que não foi gravada, Moisés tinha me falado que sua mãe tinha uma lanchonete, e que ela mesma fazia os salgados que vendia nesse estabelecimento. Perguntei se ele a ajudava nessa lanchonete. Ele discorre que, tudo que sua mãe vende, ela mesmo que faz, como a massa e o recheio das pizzas. Então precisa ajudá-la, pois demanda muito trabalho. E em tempos de pandemia, sua mãe começou a atender com delivery, e ele mesmo faz o trabalho de entrega, para ajudar sua mãe com os atendimentos.

A lanchonete que sua mãe administra é ao lado de sua casa, faz parte do mesmo imóvel. É apenas um salãozinho, dividindo a cozinha para que ela possa fazer suas receitas de salgados. O lugar é alugado, tanto a casa quanto o salão. As mesas sempre são dispostas do lado de fora

do imóvel, que é onde os clientes preferem sentar para comer, pois podem ver o movimento da rua, as pessoas que circulam pelo bairro.

Sobre a organização financeira da lanchonete de sua mãe, pedi se ele a ajudava com algum cálculo, com algum tipo de organização e sistematização de informações financeira. Ele disse que no início ajudava bastante.

> *Falava, ó mãe! A senhora tem que pegar o valor que a senhora está recebendo, a senhora tem que tirar o de pagar suas dívidas, pegar de volta né? E trabalhar de uma forma que a empresa trabalhe para a senhora e não a senhora para a empresa.; que a senhora não vai perder! Daí ela fazia lá: calculava exatamente o quanto ela gastou na noite, o que estava faltando, comprava em grande quantidade né? Pra não precisar ficar repondo, gastando muito dinheiro. Já separava uma quantia exata toda noite para cobrir o aluguel e assim ia fazendo* (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja, 2020).

Depois de certo tempo sua mãe começou a ter sua própria noção do negócio, começou a investir em mais mercadorias e equipamentos, como na compra de mais tipos de refrigerantes, coisas que antes não oferecia, e foi evoluindo o negócio. Perguntei se sua mãe tinha aprendido com alguém da família, se já conhecia como era o processo de produção de salgados, se aprendeu com seus pais ou coisa assim. Moisés discorre que sua mãe trabalhava na limpeza da casa de uma "senhorinha" que fazia salgados para vender. Com a correria do dia a dia, sua mãe começou a ajudar essa senhora a fazer os salgados que foi ensinando-a todos os processos dessa produção.

Com o passar do tempo, saiu desse emprego e ficou muito preocupada com a situação a qual se encontrava. Foi então que seu filho Moisés, lembrando de alguma situação que vivenciou lá na igreja, deu-lhe a ideia de montar seu próprio negócio. Como já sabia fazer os salgados, sua mãe se inspirou e como ele mesmo ressalta: "minha mãe é bem 'revoltadona' com as coisas. Na mesma hora ela falou: Eu vou fazer isso aí mesmo! Ela já foi lá e comprou um montão de coisas. Já fez uma dívida grandona, e foi a fé, entendeu? Ela foi trabalhando, foi pagando, foi conseguindo cliente, e hoje ela tá lá".

Nesse momento, Moisés fala que se vê igual sua mãe. Conta que estava abrindo seu próprio negócio. Iria abrir uma coisa para ele trabalhar. Seria uma barbearia com uma proposta de um *point* de encontros. A história que ele descreve e analisa foi muito interessante.

Ele começa falando que estava prestando atenção que, nas barbearias onde frequenta (as de seu bairro), a única distração que os clientes têm é: ou olhar o barbeiro cortar o cabelo de alguém, ou ficar mexendo no celular. Então ele pensou em montar uma barbearia para cortar o cabelo, mas oferecer alguma coisa para distrair o cliente. Pediu se eu conhecia o videogame play station II. Fala que esse game é bem antigo, do seu tempo de menino (10 a 14 anos atrás),

e por ser antigo, todas as pessoas que forem na barbearia iriam saber jogar. Isso seria uma opção para a pessoa que estivesse aguardando ser atendido se entreter.

Projetava colocar também venda de camisetas de time, como opção de consumo para seus clientes. O intuito desse jovem era proporcionar um estilo como nas *lan houses*, quando as crianças pagavam por hora para jogar. Com a vinda dos computadores isso foi ficando de lado. Mas ele acredita que, ao invés de ficar no celular ou apenas olhando o barbeiro cortar o cabelo, a pessoa não vai se importar de gastar dois ou três reais a mais para brincar e relembrar a sua infância.

Acrescenta também o fato de existirem as crianças do bairro, que por não terem muita distração, ficavam na rua. Assim, por ser barato e acessível, os pais iriam conseguir proporcionar o valor para os seus filhos brincarem fora da rua, frequentando o barbeiro, mesmo que por pura diversão. E tem aqueles que gostam de divulgar sua própria imagem nas redes sociais, que poderiam tirar fotos e postarem em suas redes sociais uma lembrança de infância, já fazendo um marketing do local. Iriam tentar fisgar o lance das memórias, das lembranças da garotada em geral.

Complementa falando que há algum tempo atrás, uma lembrança boa para um garoto eram esses jogos de play station. O brinquedo mais top que tinha para a época era esse. O entrevistado destaca uma situação que lhe chamou a atenção e foi o que o fez observar uma possibilidade de investimento.

> *Esses dias fui jogar com uns amigos meus, lá na casa de uns colegas meus, fomos jogar futebol. Daí começamos a jogar play station II. E chegou um outro amigo meu e falou, cara! Play station II, [...] cara, eu manjava disso aqui demais! Antigamente eu jogava muito! Não, não, eu jogava isso aqui muito, eu vou mostrar pra vocês como é que se faz! Daí professora, vai querer ir lá, só pra jogar, só pra se mostrar pros amigos que sabe, pra se aparecer!* (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja, 2020).

Continua a entrevista dizendo que o foco mesmo será os cabelos, a barbearia. Então eu peço se ele possui alguma experiência nesse ramo, se fez algum curso. Ele responde que não. O cabelo não será com ele. Quem vai cortar os cabelos será um amigo e seu cunhado. Ele ficará responsável pela distração das pessoas, na organização dos jogos, dos videogames, cronometrando o tempo, organizando a venda das camisetas de time, (que eles tinham intenção de colocar para vender) e, se a longo prazo conseguirem um lugar mais amplo, colocariam uma mesa de sinuca, como em um *point* legal para atender melhor os clientes.

No desenrolar dessa conversa, falamos sobre o fato de as crianças de hoje em dia não terão as memórias das crianças de 15 ou 20 anos atrás, porque atualmente, está tudo muito fácil, tudo à mão, pelo celular as crianças jogam tudo e o que quiserem. Há um tempo atrás, para

jogar, ou tinha que ir até um espaço específico, ou quem tinha condição de ter o equipamento em sua casa podia jogar no conforto da sala de TV. Espaços estes de convivência, que todos se encontravam para jogar, conversavam, riam, brigavam, competiam, jogavam a dois, um sentado ao lado do outro, na mesma tela de televisão.

Falamos que só quem viveu nesse tempo é que sabe o que foi aquele tempo. Moisés considerou a ocasião de como serão as memórias dessas crianças de hoje em dia? Crianças que já não têm momentos de interação com os colegas. Ele lembra em momentos de sua infância, que quando estavam brincando em frente às casas, os meninos ficavam com sede, mas não iam para casa tomar água, senão a mãe já nem deixava voltar para brincar porque era tarde e mandava tomar banho.

Ele retoma a fala sobre a sua barbearia. Conta que o negócio será composto de três sócios, dois cabelereiros e ele. O que ele vai lucrar será das vendas das camisetas, das horas da *lan house* utilizadas pelas pessoas que vão jogar, e pelas bebidas que os clientes irão consumir.

Eles usaram uma organização sistematizada para a sociedade composta por eles. Não vão trabalhar juntos e ao final dividir os lucros. O que cada um vai lucrar será dentro de seu segmento: os cabelereiros ganharão dos cortes de cabelo, e Moisés, da parte de distração do salão. Resolveram fazer assim para que não tenham problemas entre eles, e assim cada um pode fazer o seu próprio horário, sem que o outro seja prejudicado. Então vão organizar em bloquinhos de controle de cortes e de vendas, e ao final, cada um tira um valor de contribuição para as despesas gerais, e o restante do lucro, cada um terá de acordo com a sua dedicação e trabalho.

Moisés faz uma simulação para me contar sua estimativa de vendas. Ele conta:

> *Eu imagino assim professora: se eu conseguir colocar quatro ou cinco máquinas (televisão com jogos) e fazer 100 reais por dia de venda, e trabalhar 26 dias no mês, eu terei ao final 2.600 reais. Desses 2.600, se eu tirar a metade pra mim, que dá 1.300 né professora? (risos), então os outros 1.300 eu uso pra investir e pagar as despesas. Isso que tô contando só a minha parte né? Se os meninos conseguem isso ou um pouco mais, a gente sempre terá dinheiro para não deixar decair a empresa, porque sempre estaremos investindo* (fala de Moisés, 18 anos, durante um encontro presencial, na igreja, 2020).

Nesse ponto da conversa, eu perguntei a ele quem ensinou tudo isso que ele estava me falando, de onde veio a inspiração, de onde ele tirou essa conta que ele fez, o conhecimento sobre os investimentos e a administração empresarial? Ele sorri, dá uma pausa na fala, sorri novamente e diz: “a vida”.

Então ele conta que na própria igreja na qual faz trabalho voluntário, eles participam de alguns cursos e palestras, intitulados Congresso para o sucesso, que acontece todas as segundas-feiras, sempre participa e aprende muitas coisas, inclusive a acreditar em seu próprio potencial.

Relata que, nas coisas que ajudou sua mãe quando ela estava organizando o seu negócio, foram frutos do que aprendeu nesses cursos.

As palavras de incentivo e motivação vivenciadas nesses cursos que participava na igreja o fizeram, tanto ajudar a sua mãe a enfrentar os medos e obstáculos para conseguir vencer na vida e montar seu próprio negócio, como evidenciaram uma motivação para acreditar em si próprio, de que se consegue vencer, acreditando em Deus e correndo atrás de seus sonhos. Por acreditar no que o interlocutor cognitivo escutou e se apropriou como legitimação (LINS, 1994), Moisés conta que em três dias ele já conseguiu fazer um levantamento na cidade, onde encontrar os equipamentos de videogames para adquiri-los, haja vista que são equipamentos difíceis de encontrar por serem antiguidades, não se encontra em qualquer loja para vender e, mesmo assim conseguiu de cara comprar três equipamentos, pagando em torno de R$ 150,00 a R$ 200,00 reais. Os investimentos vieram do seu próprio trabalho e com a ajuda de sua mãe.

Pedi para que ele me mostrasse a organização deles na sistematização do negócio, inclusive ofereci ajuda para o momento da montagem do salão. Ele aceita a ajuda e diz que é bem-vinda porque eles acreditam no caminho que traçaram, mas não têm uma receita que diz que isso ou aquilo é o certo. Eu digo a ele que, matematicamente, a conta que ele fez exemplificando seus investimentos fecharia certinho.

No decorrer da conversa, eu peço para que ele me explique como vai funcionar a questão das despesas da empresa, já que um vai trabalhar mais que o outro, na questão de horários disponibilizados para atendimento de corte de cabelo, e ele com a parte da socialização e lazer do salão. Ele sintetiza afirmando que pensa em colocar tudo em uma planilha e verificar as despesas gerais do salão, e quanto esse valor será ao final de cada mês. A intenção é que as despesas sejam divididas em valores iguais, independentemente se um dos sócios ganhar valores maiores ou menores em recebíveis. Como cada um faria seu horário, consequentemente quem trabalhar mais, ganhará mais, terá um lucro maior, e o contrário é recíproco.

Cada um terá que se esforçar e criar estratégias de investimento e novidades para atrair os clientes, visando um crescimento na lucratividade e clientela, fazendo cursos, se aprimorando, etc. Comentamos ainda numa conversa versátil que, além das despesas que seriam as despesas gerais, eles ainda teriam as despesas particulares de cada um, ou de cada setor. Por exemplo, o menino que ficaria com os cortes, terá que fazer investimento em tesouras profissionais para cortes de cabelo, cremes, secadores, etc., além de especialização em cursos. Já o outro rapaz que ficaria com a parte de distração e lazer, teria que investir em bebidas, mais equipamentos, salgados, etc.

Em tempo, perguntei se eles já tinham procurado um ponto para montar o salão. Ele fala que não procurou ainda um lugar específico, mas que pensa que será numa rua denominada Rua Tangará ou Rua São Francisco, pois acredita que ali terá uma boa clientela, por ter muitas crianças que brincam nas ruas e se sentirão atraídas pelos jogos que serão oferecidos. O valor da hora para os jogos serão valores baixos, possibilitando que, mesmo as pessoas mais carentes financeiramente possam usufruir do serviço. Ou seja, fizeram todo um estudo de mercado no espaço onde residem, pensando nas ruas mais movimentadas, nas crianças que ficam à mercê das brincadeiras nas ruas, prestando atenção nos outros salões de cabelo que existem naqueles locais e no que estes salões que já existem não oferecem aos seus clientes; no diferencial que poderiam ofertar.

Ao final, conversamos um pouco sobre a situação que a pandemia do Covid 19 nos colocou, a falta que sentimos das interações com as pessoas, das risadas nas salas de aula, dos trabalhos que fazíamos, das gincanas que a turma participava. A essa altura da pandemia, estávamos cansados do isolamento, de não podermos socializar com os amigos. Entretanto, a consciência de que tudo o que estávamos passando e as medidas que estávamos tomando eram necessárias para o bem comum da sociedade.

Nesse momento, o alarme da igreja dispara, o som fica estridente aos ouvidos, ele pede licença para desligar o alarme. Sem sucesso na tentativa de desligar o alarme, eu desligo a gravação do celular, me despeço de todos que estavam ali, agradecendo a disponibilidade em me atender e dirijo-me para minha casa; usando máscara, aplicando álcool em gel nas mãos, chegando em casa indo direto ao banheiro tomar banho da cabeça aos pés, como medida de prevenção.

Após essa conversa que tive com Moisés, passada uma semana e meia, tive sintomas da COVID 19, fui ao médico, fiz exames que deram negativos, mas mesmo assim, fiquei em quarentena por 15 dias. Não tomei os remédios, pois nesse momento em que fui infectada, o protocolo de combate era de procurar o hospital ou tomar os medicamentos se tivesse sintomas graves. Nas semanas seguintes, fiquei sem olfato e paladar (um dos sintomas específicos dessa doença) por quase 70 dias. Nesse espaço de tempo, dediquei-me a leituras do acervo bibliográfico para a pesquisa, mantendo os diálogos somente pelo aplicativo de mensagens. Alguns meses depois, após outro exame, tive a confirmação de que estive infectada.

4.2. Os fazeres e saberes da casa de Jorge

Em duas semanas que antecederam a semana do dia 02 de setembro, por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp,* eu e Jorge combinamos um dia apropriado para que eu

pudesse ir até sua casa conversar com sua mãe e observá-los em seus afazeres. Então pedi para que Jorge falasse com sua mãe sobre minha pesquisa e combinasse com ela um dia que eu poderia ir visitá-la. Assim ele o fez e então marcamos para uma quarta-feira à tarde, mais especificamente no dia 02 de setembro de 2020.

Tínhamos combinado o encontro para as treze e trinta horas, mas Jorge mandou mensagem dizendo para que eu fosse às quinze horas, pois tinha esquecido que tinha curso e só chegaria nesse horário. Aproveitei o ensejo e fui mais cedo para andar de carro pelas ruas do bairro, naquela tarde quente de sol escaldante, fazendo com que o asfalto liberasse mormaço em sua superfície, aos olhos de quem observava as ruas de longe.

Pelo aplicativo do *Google maps*, cheguei à localização enviada pelo aluno, mas não conseguia definir qual era a casa, pois não tinham número. Então fiquei dentro do carro observando a rua da casa dele, uma avenida que tinha não mais do que duzentos metros. Nessa avenida, de um lado havia um campo de futebol da prefeitura municipal, todo cercado, com muros de alvenaria e telas. Na frente desse campo, havia um prédio, também da prefeitura, onde funcionava o posto de saúde do bairro. Na parte de trás desse campo, tinha um prédio no qual me parecia que funcionava uma creche, todos pintados de azul e branco. Depois de conversar com Jorge e sua mãe, descobri que era uma escola, extensão de outra escola de primeiro grau do município, que funcionava a poucos metros dali (Escola Municipal São Domingos).

Ao passo que observava alguns moradores sentados nas cadeiras embaixo das árvores, procurando uma sombra e um vento para se refrescarem do calor extremo, enquanto comiam pipoca com algumas crianças, de dentro do carro vi que meu aluno Jorge se aproximava. Reconheceu-me dentro do carro e me deu um sinal com as mãos. Então estacionei o carro em frente sua casa e desci do carro. Vale ressaltar que estava de máscara e fazendo uso de álcool em gel.

A casa era de alvenaria, sem pintura, com uma porta comercial na frente e com uma entrada toda fechada de grades. Nessa grade, tinha umas plaquinhas escritas à mão “Costura-se roupas”. Ao entrar pela grade, deparei-me em uma área, com duas máquinas de costura. Uma maior e outra menor. A menor estava coberta, como se não estivesse sendo utilizada. Na máquina maior, estava sentada costurando umas bolsas de um material que parecia plástico, a mãe de Jorge - Alessandra.

Com um sorriso no rosto, me recebeu com alegria. Evitamos dar as mãos por causa das medidas de prevenção ao Corona Vírus. Logo dispuseram uma cadeira para que eu sentasse. Daí em diante, seguimos conversando, eu já explicando sobre minha pesquisa, o que eu estava fazendo, sobre as informações que eu buscava. Começamos falando sobre o trabalho dessa mãe

que costura em casa todos os dias, no período da tarde. Primeira coisa que perguntei a ela (enquanto trabalhava na máquina de costura) foi se tinha feito algum curso de costura específico para bolsas (já que era o que estava costurando).

Ela contou que antes de vir para Sorriso - MT, morava em Goiânia – GO e que lá tinha feito um curso do PRONATEC (curso oferecido pelo governo Dilma). Dona Alessandra argumenta que era tão bom aqueles cursos que o governo disponibilizava, pois por meio deles muita gente pobre conseguia um trabalho na vida para sustento da família. Ela era uma dessas pessoas, pois conseguiu se aperfeiçoar no curso justo em uma época difícil de sua vida, quando tinha acabado de se separar do marido e tinha que dar o "seu jeito de sobreviver. "

Então, depois de separada e ter feito o curso, encontrou outro companheiro e veio tentar a vida em Sorriso – MT. Começou suas costuras com roupas, mas logo conseguiu uma parceria com outra pessoa para costurar bolsas, vendidas sob encomendas. A matéria-prima é adquirira fora da cidade, a fim de baratear os custos.

Seu negócio com as costuras das bolsas é organizado da seguinte forma: Uma outra pessoa que já produzia e comercializava bolsas é responsável em vender e oferecer os materiais para a costura das bolsas. Essa pessoa já envia os moldes cortados e bordados. A responsabilidade da mãe do Jorge fica apenas em costurar essas bolsas. Com isso ganha um percentual x sobre cada bolsa produzida. Deu o exemplo da bolsa que estava costurando cujo valor era de duzentos reais, então ganharia uma porcentagem sobre esses duzentos reais, mas não especificou exatamente o quanto seria esse percentual.

A sócia de dona Alessandra também vende as bolsas personalizadas pelo aplicativo de vendas on-line chamado *Mercado livre*, além de todos os clientes que já possui na cidade e região, também os envia para lojas e revendedores externos. As bolsas produzidas são enviadas para vários lugares do Brasil. Conforme a necessidade, dona Alessandra intensifica sua produção na semana, às vezes, chegando a trabalhar até as dez horas da noite, já que só inicia seus trabalhos com as costuras das bolsas no período vespertino. Durante as manhãs, se dedica aos afazeres domésticos e no preparo do almoço.

De acordo com as suas necessidades financeiras, ou seja, quando ela quer ganhar mais que o normal, ela pede que seja enviado maior quantidade de matéria-prima a fim de aumentar sua produção semanal. Organiza seus horários, produção e rotina de acordo com as suas próprias necessidades, pensando no bem-estar de sua família, sua dedicação aos seus filhos. Por esse motivo ela decide que trabalha com as costuras somente na parte da tarde, não se importando de adentrar a noite trabalhando.

Dona Alessandra afirma ser uma opção trabalhar em casa. Ela fez uma reflexão antes de iniciar esse trabalho e optou por realizar as costuras em sua própria casa pelos seguintes motivos: Não gastar tempo e combustível para ir até o ateliê da sua sócia, poder organizar seu horário de trabalho na medida que achar conveniente, estar perto de seus filhos em tempo integral, estar na comodidade de sua casa.

Imagem 20 – Dona Alessandra trabalhando na produção das bolsas



Fonte: pela autora (2020)

Todo o processo de estruturação para que pudesse trabalhar foi estrategicamente pensado, analisado, refletido, comparado, mensurado. A atividade que exerce em sua cotidianidade reflete seus saberes e fazeres etnomatemáticos exigidos para a função que exerce. As estratégias de organização e estruturação foram criadas por ela mesma e de acordo com as suas necessidades para um bem-estar social pensado para sua família.

Em certo momento, ela começou a me mostrar seus processos de produção da bolsa que estava costurando. Mostrou-me o tipo da máquina de costura que utilizava para a costura exclusiva de bolsas e demonstrou conhecimento de modelos e utilidades dos tipos de máquinas, conforme diálogo gravado enquanto conversávamos:

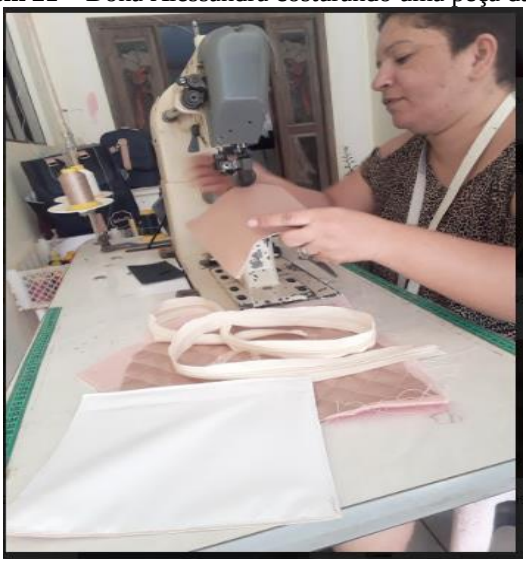
> *Essa máquina é a reta de torre, que elas falam. Essa já não costura tecido. Aquela ali é minha, mas é das simplesinha, aquela doméstica né?! Costurar bolsa eu gosto, roupa eu já não gosto. [...] é porque na verdade pra fechar essas bolsas é outra máquina que aqui é deitado. Aí você trabalha assim. Aqui a mesa já me atrapalha. A da bolsa é chama reta de braço, essa aqui é a reta de torre. As de braço tem isso aqui tudo pra girar* (fala de Dona Alessandra, 42 anos, durante um encontro presencial, 2020).

Os termos utilizados “reta de braço” e “reta de torre” referem-se ao tipo da máquina utilizada para as costuras, dependendo o tipo da bolsa. Como ela não tem um ateliê próprio possui apenas um dos modelos existentes de máquinas de costura, sendo que esta que utiliza é fornecida por sua sócia.

Desde o início de sua atividade como costureira de bolsas, utiliza um caderno de anotações sobre todas as bolsas que entrega para sua sócia (anota a bolsa pelo nome que está

no bordado e o dia da entrega). Os acertos de seus vencimentos são feitos quinzenalmente. À medida que ela tem qualquer dúvida sobre alguma produção da bolsa, pelo próprio WhatsApp tiram instantaneamente essas dúvidas e segue com a produção.

Imagem 21 – Dona Alessandra costurando uma peça da bolsa

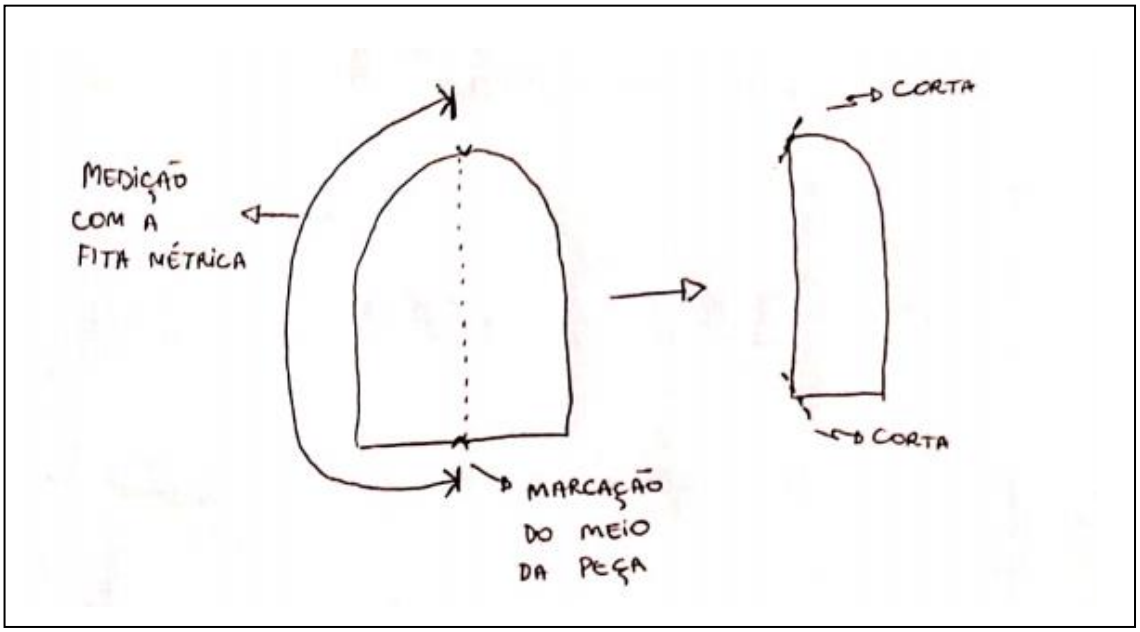


Fonte: pela autora (2020)

No momento em que ela costurava uma parte de uma das peças da bolsa, pedi a ela se eu poderia tirar uma foto. Nesse momento, ela concordou e me mostrou uma tática que utiliza na conferência da efetividade da produção da peça. Ela colocou em cima da mesa da máquina uma peça cortada, com a parte superior arredondada e a inferior reta. No momento em que coloca a "bainha" (um acabamento na costura de duas faces da bolsa), disse que, muitas vezes, pode não dar certo o tamanho que corta para fazer o acabamento. Ela precisa conferir antes de costurar.

Em contrapartida, utiliza hoje uma técnica criada por ela mesma, para a agilidade na conferência e produção. Ela dobra a peça ao meio, no sentido vertical. Corta os cantinhos (superior e inferior) com a tesoura. A peça fica demarcada com um pequeno corte exatamente o meio da figura plana da peça (notoriamente demarcando a simetria da peça), conforme figura representada abaixo:

Imagem 22 – Demonstração de uma peça de dona Alessandra, em uma das visitas



Fonte: reprodução da autora (2020)

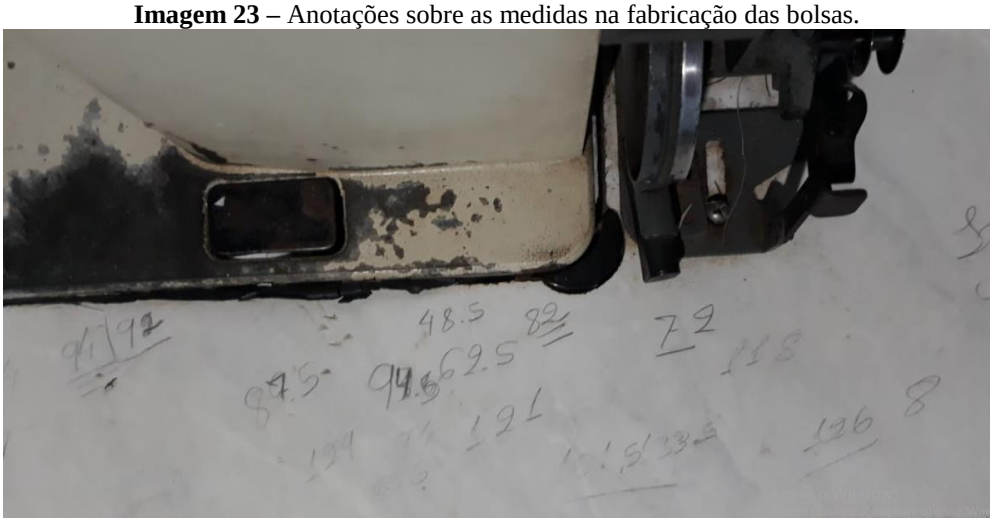
Ela ressalta com entusiasmo que, com isso terá que medir o tamanho de uma marca até a outra, e essa bainha terá que ter o dobro do tamanho dessa medida. Em contrapartida, ela deixa um centímetro a menos do que deu essa medida – percebeu que dessa forma a medida do tamanho da peça da bolsa dá certinho com o zíper, possibilitando fazer um acabamento de qualidade.

Ela complementa que, deixar a bainha na medida exata, a costura do zíper fica "amontoada" (sobrando zíper no tamanho da peça). Nesse momento, pergunto a ela como ela soube dessa "sobra" de um centímetro que ela desconta para costurar o zíper. Ela prontamente expõe que não sabe me explicar, que adotou esse método porque percebeu que isso sempre acontecia em todas as vezes que iria colocar o zíper. Então, de antemão, sempre segue esse ritual, porque sabe que vai dar certo.

Ninguém a ensinou que tinha que fazer assim. Foi uma técnica criada por ela mesma durante o processo de fazer isso todos os dias. Diante de uma situação que acontecia no seu fazer diário (costurar o zíper da bolsa), percebeu o problema e criou uma técnica para solucionar o problema que se apresentava todas as vezes. Vivência e prática no fazer – elaborou um saber – que agora torna-se um saber/fazer com excelência, agilidade e qualidade.

Ao passo que efetua as construções das bolsas nas desenvolturas com suas máquinas, constantemente está com uma fita métrica em suas mãos, conferindo as medidas, anotando em sua mesa os números que representam essas medidas, numa mesa manchada de tanto fazer anotações numéricas.

Imagem 23 – Anotações sobre as medidas na fabricação das bolsas.



Fonte: pela autora (2020)

D’Ambrosio (2019) evidencia isso quando escreve em seus trabalhos sobre um saber fazer matemático contextualizado e que responde a fatores naturais e sociais. E ainda, evidencia a matemática como o conhecimento em geral que é resposta para as pulsões de sobrevivência e transcendência, que sintetizam a questão existencial da espécie humana, criando as práticas e teorias que resolvem a questão existencial, nesse caso exemplificado pela solução de um problema típico do fazer matemático de dona Alessandra, em seu processo de fabricação das bolsas.

Quando ilustramos alguns saberes que acontecem no espaço socioeducativo da casa do aluno, enfatizamos o que o programa etnomatemática sempre validou: o fato de não ser somente na escola (prédio) que se aprende e se ensina. O cotidiano da casa de Jorge, cheio de significado dá sentido ao que acredita, não sendo menos importante do que qualquer outro lugar de aprendizagem. A pandemia nos trouxe essa reflexão e temos que lapidar o novo olhar à educação, aos modos de ensinar e aprender, ao que realmente damos importância, aos nossos novos (velhos) espaços que sempre estiveram ali, mas a escola raramente os reconhecia como ambiente de aprendizagem. Diante dos novos desafios, temos muitas possibilidades que devem ser analisadas, pensadas e construídas nessa jornada aos novos rumos da educação.

5. DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO REMOTO

Estamos diante de novos cenários no que tange à educação. Cenários impostos pela chegada da doença avassaladora que se instaurou no mundo e nos cotidianos de todas as pessoas – a Covid 19.

Como já foi citado anteriormente, ao iniciar março de 2020, começávamos a ver a possível infestação desse vírus no Brasil, mas até então as autoridades brasileiras não estavam dando muita importância aos cuidados que seriam necessários, mesmo tendo uma prévia do que

acontecia na Itália, com milhões de mortes e isolamento total sendo necessário para que pudessem combater o vírus. Enfim, no dia 11 de março de 2020 a OMS (Organização Mundial da Saúde) declara a pandemia da Covid 19 no Brasil e, em março de 2020, na segunda quinzena do mês, no dia 23, as escolas públicas, particulares, faculdades e universidades do estado de Mato Grosso param por meio de decretos municipais e estaduais. O Brasil já estava em estado de alerta e os números de casos e mortes só aumentavam e perdemos o controle.

A política não funciona de forma adequada quanto aos processos de combate e prevenção da doença. Os governantes não falam a mesma língua, tínhamos o caos instaurado no país e não tínhamos sequer um ministro da saúde efetivo no cargo. Em um embate de nomeações e exonerações, não se consegue políticas adequadas para combate e prevenção do vírus no Brasil.

A Covid 19 intensificou ainda mais as desigualdades no Brasil, no emprego, na saúde, em praticamente todas as áreas. Os afetados com essa crise na saúde - que causou uma crise econômica, são as classes desprivilegiadas e as famílias de baixa renda, principalmente com o desemprego. A desinformação gera problemas no controle do vírus, dificultando o trabalho dos profissionais que trabalhavam na linha de frente no combate ao vírus. O que se passa nesse momento de pandemia afeta de maneira totalmente inesperada e de maneira muito forte - a educação.

Segundo D'Ambrosio (2020) (informações verbais)[3], nós professores não temos experiências suficientes para o ensino a distância em massa. Até o momento não tínhamos nenhuma experiência relevante para esse tipo de ensino. Isso exigiu e exige dos professores alto grau de humildade e de criatividade, pois todos estamos aprendendo diante do momento instaurado. Temos que mostrar aos jovens que estamos colaborando, sendo parceiros na busca de uma coisa nova, uma educação de outro modelo para outro momento.

De acordo com D'Ambrosio, a pandemia exigiu de nós todos um repensar nas relações humanas, colocando nessas relações novas lentes. Criando novas modalidades de encontros, de trabalho e de educação. Ao que antes dávamos as mãos, abraçávamos uns aos outros, temos agora novas relações, não compartilhamos espaços para trabalhar, fazemos isso em casa, em nossos lares, compartilhando a criação dos filhos, as bagunças de casa, a convivência dos nossos familiares ao mesmo tempo em que trabalhamos. (D'AMBROSIO, 2020).

---

[3] Fala do prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio, em uma *live* concedida no canal do youtube GPTPEM UFAL, em setembro de 2020.

As pessoas agora só se encontram virtualmente, salas de aula virtuais, reuniões virtuais, não temos encontros presenciais com os amigos, não há abraços, não há beijos, não são dadas as mãos, não se toca nas fechaduras das portas sem higienizar antes, não entramos em estabelecimentos comerciais sem o uso de máscaras de proteção (cobrindo nariz e boca), antes de entrar em qualquer lugar sua temperatura é medida com termômetro para garantir que não se tem febre. Aos namorados que convivem em lugares diferentes, restam apenas as câmeras dos celulares, tablets e computadores para matarem a saudade. Amizades, paqueras, trocas de ideias, brincadeiras, tudo deve ser feito a distância por meios digitais.

No ensino a distância, não há salas de aula, (aqui o termo "ensino a distância" refere-se ao ensino de forma não presencial, sentido literal da palavra e não como uma modalidade de ensino EAD), não há recreios, pesquisa de campo, laboratórios, e isso afeta diretamente os nossos jovens.

Especificamente em Mato Grosso, as aulas aconteceram de modo remoto, em um primeiro estágio sendo pensado e ofertado pelo próprio governo estadual, com equipes organizadas para oferecer o ensino, sem a participação efetiva dos professores da rede na elaboração dos materiais didáticos que seriam utilizados pelos alunos das escolas estaduais. Esses alunos entravam em um portal ofertado no site da secretaria estadual de educação e, ali os alunos estudavam e respondiam as questões sobre as disciplinas ofertadas, postando as respostas em um determinado campo da página virtual.

Em um segundo momento, especificamente a partir de agosto de 2020, esse ensino remoto começou a ser configurado e assistido pelos próprios professores da rede estadual de ensino, coordenados pelos gestores e coordenadores de cada escola. Aos professores ficou a tarefa de preparar e organizar o material, disponibilizar em plataformas digitais, acompanhar a frequência e a interação dos alunos, além de atendê-los por meio de aplicativos e on-line.

Cada escola se organizou da forma que considerou mais adequada. Algumas fizeram uma grade de horários para atendimento aos alunos, cada professor de uma determinada disciplina em seu devido horário atendia aos alunos que estavam precisando de esclarecimentos. Há casos de escolas que não se organizaram de tal forma, e os professores sofreram com chamadas e mensagens em dias e horários incessantes e inadequadas, deixando os professores à beira de um colapso nervoso.

Passamos pelo mês de abril e maio de 2020, tentando nos adequar ao novo modo de viver, nos adaptando a novas rotinas. Chegamos ao final do ano de 2020, sem vacinas, com falhas nas medidas de contenção do vírus, bem como nas medidas de isolamento social.

Porque é que as pessoas resistem ao isolamento social? Ainda não sabemos como lidar com todas as questões que envolvem viver em sociedade. Pensamos em ir além da explicação mais pertinente sobre a falta de uma política pública decente quanto à imposição às pessoas, ou no surgimento do discurso anticientífico, e como essa divergência chega ao ponto de gerar confusão, originando uma visão dúbia na sociedade sobre o que deve ser feito e em quem devemos acreditar.

Não temos políticas públicas que garantem ajuda às pessoas que precisam de renda para sobreviver, dada a informalidade no mercado de trabalho, ao ponto de que necessitam sair de suas casas para trabalhar e garantir o mínimo necessário para sua sobrevivência. Vamos retratar aqui uma visão calcada na nossa particularidade enquanto sociedade. Baseado em Roberto da Matta (1981), com uma lógica mais clássica e culturalista no sentido de vida cotidiana, costumes e suas tradições.

Da Matta (1981) nos faz entender a ideia de relações com o poder. O poder acaba sendo uma coisa dúbia, que muitos querem atingir, pois muitos têm a visão de que ele traz privilégios, seja no âmbito público ou privado. As pessoas reproduzem a interpretação da ideia de poder de acordo com suas próprias lógicas, que acabam sendo de uma forma manipuladora, despótica, patriarcal. Isso gera um conflito com as leis gerais e as leis privadas (a lei que existe dentro de sua própria casa), não aceitando a ordem e a imposição do estado, dificultando lidar com leis e regras. Isso tem uma questão histórica muito grande por trás de tudo que foi constituído no Brasil.

As pessoas não se veem com uma participação cívica e cidadã, como indivíduo da sociedade em que vivem. A população não se enxerga como parte ativa do processo de combate à pandemia; isso porque há conflitos de ideias dos governantes, (governo estadual fala uma coisa, federal outra, municipal outra).

A explicação talvez venha do processo histórico de que o estado nunca se importou realmente com a população. Desde a antiguidade, a sociedade perdeu muitas vidas brigando por direitos aos cidadãos. Isso faz as pessoas criarem a ojeriza da ideia do poder do estado sobre a vida delas. E as pessoas usam o jeitinho brasileiro de desviar contrário às leis. Como podemos ver em nossas realidades, colocam itens nas lojas que não são necessariamente supermercados, mas vendem determinadas coisas para se enquadrarem no modo mercadinho, para poderem vender; colocam álcool em gel para dizer que estão tomando os devidos cuidados, tudo em benefício próprio. É assim que as pessoas se sentem e agem.

Percebemos um descaso muito grande em relação ao coletivo. Não se percebe que a sociedade tem que atuar em conjunto. Não percebemos nem em nós mesmos como cidadãos

iguais, com os mesmos direitos e deveres. Não percebemos que eu e o outro estamos juntos participando da esfera pública. Não enxergamos que podemos contribuir nessa esfera social.

Toda vez que o poder governamental criou uma lei que é para todos, ele criou situações que permitiram exceções, que nos mostram o quanto somos feitos de bobos, e que estamos debaixo de uma lei que o outro não está. A forma como a política se constitui em nossa terra contribui para que não tenhamos uma política de isolamento consistente. A política intransparente acontece em todas as partes do mundo, mas diante dos acontecimentos da nossa política brasileira sendo inconsistente e indefinida, não fica claro para a população como funciona o jogo democrático.

A questão é: por que eu vou acreditar nos discursos políticos, se entre esses mesmos poderes não consigo entender o que querem, qual é o objetivo? Isso causa falta de confiança na população diante das imposições das esferas políticas, fazendo com que cada um aja da forma que acredita ser correta, ou seja, dentro de minha casa eu faço como eu quero, pois aqui dentro sou eu quem manda.

Diante desses fatos, experiencializar a etnografia ficou complicado, pois a cada dia que se passava, ao invés de conseguirmos controlar a pandemia, víamos o vírus se alastrar em nosso país, de forma descontrolada.

Com todos os cuidados, prossegui conversando com um grupo de alunos por WhatsApp e os contatos individuais aconteceriam à posteriori, a distância; até que se tivesse um cenário mais tranquilo quanto aos contatos sociais.

No dia 03 de junho de 2020, as pessoas já estavam voltando aos seus trabalhos, os atendimentos de comércios, clínicas, e outros já haviam retornado (com as medidas de contenção ao vírus – pelo menos era assim que divulgavam). A população da cidade de Sorriso/MT voltava às suas rotinas, mas agora com uma nova forma de vivenciar seus cotidianos.

5.1. Os novos tempos e o diálogo com a escola

Sabemos que não é somente na escola que o aluno aprende e ensina. Todos os espaços os quais ele frequenta é embebido de aprendizagens reais e cotidianas. Diante no novo modo de estudar (em casa, pelo tablet, computador ou celular), todos os alunos e professores se deparam diante de uma nova sala de aula – a casa. Um lugar praticado pela família, pelos estudantes e professores, muitos ainda perdidos na nova rotina, nos aplicativos, nas plataformas de ensino. As crianças e os jovens estudantes ainda não se acostumaram com o lugar de

aprendizagem (diferente da sala de aula tradicional) e é porque sempre foi assim: a escola retratando que a aprendizagem só se dá entre seus muros.

Ao que parece, esses jovens não estão conseguindo se adaptar aos momentos de aprendizagem em casa. No caso da realidade estudada, esses jovens não têm um lugar apropriado para o momento de estudo, muito menos estabelecem uma rotina para os estudos em casa. Em conversas com Jorge, falamos sobre os espaços utilizados por eles para fazerem suas atividades. Ele descreve que faz suas atividades em lugares inespecíficos dentro de casa. Ora em cima de sua cama, ora na sala, em frente à televisão, ora na mesa da cozinha, enquanto sua mãe costura ou cozinha.

Fernanda, amiga de Jorge, descreve em um dos encontros que tivemos na casa de Jorge, que, em sua casa, não consegue encontrar um lugar apropriado para estudar. Sente muita dificuldade de concentração. Na rotina de sua casa, seus pais e irmãos não respeitam os momentos de estudos dela ou de qualquer outro que precise estudar em casa. Os locais de estudo são: a mesa da cozinha, o sofá da sala ou a própria cama.

Percebemos que suas casas não são organizadas para que os estudantes tenham um lugar arejado, sossegado e iluminado para os estudos. Não somente por não ter condições financeiras de organizar o quarto ou escritório para esse fim (muitos deles não contam nem com a internet, outros contam com o sinal de *wifi* do vizinho), como também por falta de hábito.

Esses hábitos dificultam a interação das aprendizagens, desfocando constantemente os jovens em momento de dedicação aos estudos. Fernanda e Jorge começaram com uma rotina de estudos no início da pandemia até interessante, acordando cedo e mantendo uma quantidade de horas de mais ou menos três horas por dia de estudo.

Porém, a forma como foi colocada a rotina e organização dos conteúdos e aulas no início da pandemia pelas escolas e governo diminuíram o interesse deles e aos poucos essa vontade de permanecer na rotina de estudos foi se desfazendo. Conforme Jorge comenta:

> *Eu comecei a estudar, acordar cedo pra estudar. Mas daí começou a me dar sono. Eu não conseguia me concentrar pra estudar. Então fiquei meio sem rotina, sem dia específico pra estudar. Até comecei a fazer umas tarefas com o Augusto, mas daí a gente marca um dia específico pra fazer determinada tarefa sabe?* (fala de Jorge, 18 anos, em um encontro presencial em sua casa, 2020).

Parece que a casa é um espaço com muitas distrações. Ainda mais para os meninos que gostam de jogar, assistir séries. Há uma falta de motivação da parte dos alunos diante da fase de estudar sozinhos em casa, sendo o único protagonista de seus percursos, de suas obrigações.

> *Eu acho que tem parte que é melhor on-line, e tem partes que é pior. Uma parte boa é que eu consigo otimizar o meu aprendizado. Por exemplo, na sala de aula, enrola muito porque se eu já entendi, mas tem aquele colega que a professora tem que ficar reexplicando matéria. On-line não, eu assisto o vídeo no youtube, vejo se entendo,*

> *volto a explicação onde quero e prossigo, no meu tempo* (fala de Jorge, 18 anos, em um encontro presencial em sua casa).

Fernanda confidencia que nem estava mais entrando nas plataformas de ensino porque já não conseguia se concentrar na sala de aula, e em casa as coisas pioraram. Ela alega que nem os professores estão preparados para lidar com essa forma de estudar, muito menos os alunos – e isso é uma grande verdade. Fernanda discursa para nós, sentada à mesa da casa de Jorge que *"Foi muito repentino, os professores não estavam preparados pra isso. Já era difícil pra mim na escola, eu não estudo nada! Eu prefiro mil vezes fazer o ano de novo do que fazer tudo isso e não aprender nada!"*.

Jorge diz que, ao estudar em casa, parece que os alunos não levam a sério. E acredita que "presencial é muito mais eficaz!". Fernanda complementa que "é o lugar meio que influencia você!" Fernanda afirma que quando vai para a escola, a própria escola te influencia a estudar, a sala, os colegas, os amigos, o recreio, os professores. E continua:

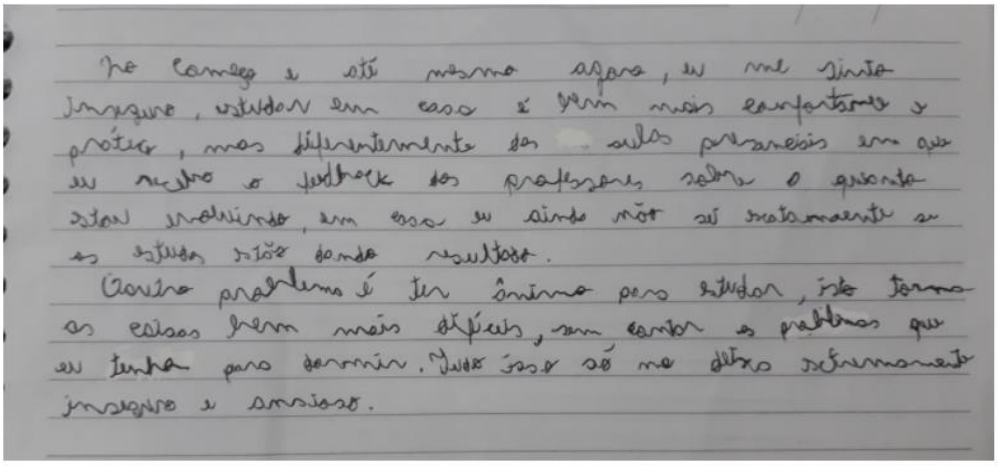
> *Lá em casa é bem assim, quando eu quero estudar eu sento lá na mesa da sala. De vez em quando eu até silencio o WhatsApp pra não me desfocar. Mas daí chega minha mãe, o meu padrasto, e fala: Fer, faz isso, faz aquilo, daí não dá! Então estudar em casa é sempre muito difícil, você sempre está suscetível a alguma coisa que vai te distrair* (fala de Fernanda, 18 anos, em um encontro presencial na casa de Jorge).

Esse é um reflexo do modo de como a escola fundiu em nossas mentes que o único lugar de estudar e aprender é na escola. Como Ubiratan afirma em uma fala durante uma palestra, hoje com a pandemia, entendemos que a escola não é prédio. Escola é qualquer lugar, todo espaço habitado há interações possíveis de construir conhecimento.

Fernanda afirma que, tanto no quarto quanto na sala, é difícil para estudar. Não encontra um lugar que seja convidativo para estudar. O dia a dia dela é repleto de afazeres domésticos os quais ela não consegue tirar o tempo para a rotina de estudos. Jorge diz que, em seu quarto, ele não consegue estudar por causa da postura. Estudar em cima da cama o faz ficar mal-ajeitado e isso o deixa cansado. Logo acaba por abandonar as atividades.

Na imagem abaixo, temos um recorte de uma escrita do aluno Jorge, que inspira em palavras escritas em uma folha de papel sobre suas reflexões e inseguranças a respeito de fazer de sua casa o lugar de estudo, e dos sentimentos que os permeia nesse momento de pandemia.

Imagem 24 – Escrita de Jorge sobre suas reflexões e inseguranças



Fonte: pela autora (2020)

No entanto, é importante salientar que independentemente da forma como esses alunos estão conseguindo se organizar diante dessa nova forma de estudar, mesmo que não consigam cumprir a rigor a rotina que seria de estudos, eles estão a aprender todos os dias. As vivências e os saberes e fazeres presentes em suas próprias casas os ensinam diariamente alguma coisa, no âmbito social, econômico, político, cultural.

5.2. Delineando caminhos para uma ação pedagógica na perspectiva do programa etnomatemática nos espaços socioeducativos não escolares

A relação sociedade/escola sempre foi de levar os pais dos alunos para dentro da escola e lá são apresentados os discursos acadêmicos em relação aos seus filhos. Com a pandemia, agora a escola é levada para dentro da comunidade dos alunos, em seus bairros, suas casas. Entretanto, essa escola vai com a mesma postura de antes, de maneira pouco refletida. Nivela os alunos sem iniciar a construção do conhecimento de um ponto de partida dos conhecimentos matemáticos (ou outros) já adquiridos pelo aluno em seus espaços socioeducativos não escolares, os seus conhecimentos empíricos.

Querem transformar a casa do aluno em ambiente acadêmico. De início, tivemos apostilas que foram preparadas por profissionais do estado, impostas a todos os alunos, encaminhadas como atividades obrigatórias. Por conseguinte, essas apostilas foram preparadas pelos próprios professores das turmas. Os professores se organizaram como puderam, fosse utilizando material da internet, dos livros didáticos, etc. Só que muitos desses professores nem sequer conheciam a própria escola, muito menos quais eram os alunos de suas turmas. Então partir de onde? Que tipo de alunos esse professor tinha em sua sala de aula (agora virtual)? A postura adotada pela maioria dos professores era simplesmente de cumprir com as obrigações

burocráticas e pedagógicas. Não fomos preparados para esse momento, não fomos preparados para aulas virtuais em massa, para esse modelo de ensino a distância.

Temos duas situações acontecendo com esses alunos enquanto realizam suas atividades escolares em casa. Os que conseguem "se virar" sozinhos, como o Jorge; pesquisam no Youtube ou Google, organizam o seu tempo, aprendem, constroem conhecimentos matemáticos, políticos, sociais, culturais, sempre na busca de seu próprio aprendizado. E há aqueles que, como a Fernanda, não conseguem se organizar para os momentos de estudos em casa e não vê relação do que está estudando com as coisas que a cerca, com o seu cotidiano.

Enquanto esses alunos estão em casa, nos seus espaços de convivência, temos a oportunidade de apresentá-los a um entendimento de sociedade e responsabilidade que interage diretamente com a comunidade. A escola pode adentrar ao universo da comunidade em que reside seus alunos e oportunizar uma mudança nos modos de conceber o currículo, oportunizando levar os componentes pedagógicos do programa etnomatemática à pratica docente e de aprendizagens.

O problema social associado ao problema de saúde pública desencadeado pela COVID 19 contribuiu grandemente para o aumento das desigualdades sociais, principalmente às classes minoritárias. Temos alunos que nem sequer internet tem em suas casas. E como lhes será garantido o direito à educação, se os estudos estão sendo ofertados em massa, a distância? Segundo Jorge, para os alunos que não têm acesso à internet, há a possibilidade de ir até a escola e pegar as apostilas impressas, levar para casa, e após um período, devolvê-las para que seja corrigida, mas isso não corrige o problema.

Contudo, é importante também que esses alunos saibam que, mesmo estando trancados em suas casas, temos um mundo "lá fora", que serve de estímulo ao aprendizado nas situações rotineiras e cotidianas, usando a criatividade e imaginação. Desde o pagamento das contas de agua e energia, nas atividades domésticas, estimulando o controle de gastos, nas despesas com alimentação, a distância de casa até o trabalho, utilizar a geometria para discutir e decidir sobre a divisão dos ambientes de sua própria casa durante a construção ou reforma, dentre outros.

Como D'Ambrosio (2020) exemplifica em suas palestras concebidas virtualmente, a escola não é prédio, nesse momento de pandemia tivemos a prova disso. Quando falamos que a etnomatemática tem como objetivo dar sentido aos modos de saber e fazer dos diferentes grupos sociais e culturais (D'AMBROSIO, 2009), estamos falando também dos modos de saber e fazer da sua casa, de seu bairro, de sua cidade. Podemos discutir porque esses ou aqueles se organizam desse ou daquele modo e tudo está embutido na sua tribo urbana: casa/família/ bairro; e dali para o mundo.

Sob o mesmo ponto de vista, D'Ambrosio (2019) discorre que tudo o que se faz dentro e fora de suas casas são de natureza matemática, observando, comparando, avaliando, organizando, medindo, quantificando, criando modelos e representações de suas realidades, tirando conclusões. Tudo está presente nos comportamentos e conhecimento humano.

> Se tivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1997, p. 49).

De acordo com a proposta de D'Ambrosio (1990), utilizando uma reconceituação curricular baseada no trivium Literacia, Materacia e Tecnoracia, por meio de instrumentos de comunicação, os jovens podem processar as informações que estão presentes na vida cotidiana através da leitura, da escrita, de representações, do cálculo, da mídia e da internet, interpretando e analisando os sinais e códigos, propondo modelos e encontrando soluções para situações da vida cotidiana. Inclusive nos momentos de pandemia, utilizando e combinando diversos instrumentos, do mais simples ao mais complexo, avaliando possibilidades e limitações, adequando às próprias necessidades, nas mais diversas situações cotidianas.

Nesse sentido, a ação pedagógica do programa etnomatemática pode contribuir para diminuir o abandono às atividades escolares (dentro e fora da "escola prédio").

> Germinada na relação das diversas áreas de conhecimento (matemática /educação /história/ antropologia/ sociologia/ arte/ mitologia/ psicologia...), a Etnomatemática contesta os modos particulares pelos quais o eurocentrismo permeia a educação matemática, difundindo a ideia de que a matemática, validada pelos que ocupam o poder e ensinada nas escolas em âmbito mundial, foi criada somente por uma mente ou um pequeno grupo de "mente brilhante" europeu e disseminada para a periferia; que o conhecimento matemático existe fora da cultura e não é afetado por ela; e que somente uma estrita parte da atividade humana é matemática e, além disso, digna de ser seriamente considerada como matemática "legítima" (SILVA, 2006, p. 69).

Com uma postura calcada na etnomatemática, garantimos a importância da comunidade, buscando conectar a matemática ou outras ciências com o contexto cultural da comunidade, elevando a autoestima dos alunos, corroborando para um posicionamento não conflitante em relação à própria identidade cultural de cada sujeito.

Como exemplos, D'Ambrosio em uma *live* concedida pelo canal do Youtube, com o tema: etnomatemática e Educação em tempos de pandemia elenca algumas coisas que podem ser aproveitadas pelos professores no próprio ambiente doméstico. Suas sugestões de estratégias vão de utilizar modelos geométricos para construir uma planta da casa que o aluno mora, respeitando as dimensões e o conceito de escalas; levantar questões de tempo que leva no banho ou para se arrumar – fazendo o aluno perceber e entender as distribuições do tempo, no exercício de entender a aritmética.

A escola tem a alternativa de propor ao aluno que ele explique o consumo de luz de sua casa no mês e entender as operações numéricas necessárias para isso. E quando os fazeres que compõem o ambiente doméstico não for interessante, a fantasia pode ser oferecida, dando lugar ao que é curioso, propondo pesquisas com os mecanismos de busca a lugares que nunca visitamos, ou o tempo que gastaríamos para chegar a esse lugar com diferentes meios de locomoção (a pé, carro, avião, ônibus, navio). Em todas essas possibilidades cada professor pode direcionar às etnomatemáticas, etnobiologias, etnogeografias...

D'Ambrosio (2007) sugere que façamos com que o aluno seja agente de seu aprendizado. Propor projetos, modelos e módulos para que o próprio aluno faça suas pesquisas, descubra conceitos, avalie, crie, recrie, crie conjecturas, modele. Orientá-los nos mecanismos de busca, usar a tecnologia a favor da educação.

"Escola não é prédio! " Escola é nossa casa, nosso trabalho, nosso bairro, nossa rua, nossos vizinhos; é nossa vida, é o nosso lugar (habitado). Escola é protagonizar o próprio conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia trouxe às nossas vidas uma nova dimensão. Já houve várias crises, e isso nos faz repensar a civilização atual. A civilização que construímos e que se espalhou no planeta foi constituída de uma forma equivocada. Ao passo que tivemos grandes avanços, vemos o pouco cuidado dado ao nosso planeta, mesmo diante de tantas mensagens que a natureza nos deu. Inclusive a própria Covid 19 – não é como nós pensamos, da forma que queremos. D'Ambrosio (2020) nos fez refletir sobre isso em várias *lives* que tivemos, durante esse ano, para discutir a educação.

Acreditamos que o objetivo da pesquisa, que era fazer algumas reflexões sobre a relação dos saberes vivenciados e produzidos nos espaços socioeducativos não-escolares na comunidade dos bairros São Domingos e São Mateus, na busca de um diálogo entre as possibilidades educativas que se esboçam dentro desses espaços habitados, foram alcançadas. Discutimos espaços, saberes e oferecemos nessa pesquisa um diálogo que permeia os discursos etnomatemáticos, antropológicos, sociais e políticos.

Partimos de dois macro espaços: "o lado de cá" e o "lado de lá", mais precisamente, a zona oeste e a zona leste da cidade de Sorriso, divididas por uma linha abissal representada fisicamente pela BR 163. Essa linha divide a cidade em dois grandes grupos sociais, sendo que nos atentamos ao "lado de lá", conhecido e regionalizado na cidade como "o lado dos maranhenses" (mesmo sabendo que nesse setor não são somente maranhenses que residem, mas, sim, pessoas de várias regiões do país). Contudo, isso é uma questão política e social emergida do processo de urbanização desses bairros.

Por conseguinte, discutimos os micro espaços configurados pelos bairros, pelos lugares (escola, ruas, praças, casas) e o que se configurou como espaços socioeducativos vivenciados pelos alunos em momento pandêmico (casas, igrejas, o trabalho, o quarto, a cozinha, as redes sociais, os jogos on-line, ...). Não foi possível imergir em todos os espaços e lugares, pois tivemos muitos percalços por causa da pandemia, mas tudo o que conseguimos abordar nas discussões foi feito com muita seriedade e alteridade.

Todas as minhas concepções a serem consideradas aqui são comungadas com as ideias de D'Ambrosio (2020), conforme algumas explanações do autor colocadas em discussões/encontros, por meios digitais (*lives*, mesas redondas, palestras). A escola (prédio) agora é em qualquer lugar. Isso nos fez refletir e confirmar que a escola definitivamente não é

o único lugar de aprendizado, de conquistas, de percepções, de interações, cultura e entretenimento.

Ao passo que falar de espaços socioeducativos nos remete a dar certa ênfase para a escola. Nosso trabalho caminhou para rumos de demonstração dos outros espaços socioeducativos, para além dos muros dessa escola. Naturalmente o falar do espaço escolar foi substituído pelos outros espaços, agora evidenciados pela pandemia: a casa, o trabalho, a igreja, a feira, a casa do amigo, o supermercado, a padaria, ...

Na perspectiva de Certeau (1994), a escola entrou em um reverso onde o que antes era espaço, hoje passou a ser apenas um lugar. Nem as crianças e jovens, nem os professores frequentam e espacializam esse lugar (escola prédio). Se buscamos espaços, a escola deixou de ser. O reverso se deu no trocadilho de que o que era espaço também passou a ser lugar, e o que era lugar passou a ser espaço. Explicita-se aí um dos fortes abalos das estruturas educacionais.

O isolamento social nos afetou, de maneira muito profunda, nas nossas relações, no trabalho, economia, educação e em todos os setores da sociedade. Não podemos estar com as outras pessoas e, antes, o que era normal (encontros com os amigos, jantares, festas), agora se tornou arriscado. A privação dessas atividades humanas leva a uma consequência na saúde das pessoas, principalmente a depressão. Vemos as pessoas adoecendo, desanimadas e estressadas.

Na escola (prédio), isso foi totalmente afetado, porque nela tínhamos todas essas relações humanas acontecendo com muita intensidade entre as pessoas, e de uma hora para outra, nos vimos privados de estar com o outro, de interagir com nossos amigos e familiares. Ficou complicado para quem estava fazendo pesquisa etnográfica, que faz pesquisa em diferentes ambientes naturais e culturais, na tentativa de participar do cotidiano de outras culturas, visitar, encontrar pessoas, pesquisas de campo. Com o isolamento, o etno é o ambiente fechado a que estamos sujeitos – a casa – nosso espaço habitado.

Então, presenciamos com este trabalho um abalo das estruturas dos lugares – o Ser com seu espaço. Com tantas rupturas e reversos, o cotidiano nos mostrou que os encontros nas redes ou viver em uma rede não é viver menos genuinamente do que o real – pelo menos não para esses jovens. São situações, momentos e prazeres diferentes.

A questão é que estamos em um novo momento, uma nova era. Observando esses alunos, percebi que para a educação, seja de modo remoto ou on-line, a postura dos alunos se torna um pouco diferente quando a intenção é educacional. Para os jogos e as redes sociais, há liberdade de exposição, tanto ideológicas quanto de suas vidas pessoais, porém quando há a intenção educacional, mesmo pelo WhatsApp há um bloqueio por parte dos alunos. Isso ficou

evidenciado quando eles me procuravam no modo privado, quando queriam expor alguma ideia ou sugestão, sendo que existia o grupo para que tudo fosse discutido por lá.

Nesse ínterim, ao que parece, o ensino remoto e a distância nunca será como compartilhar os mesmos espaços presencialmente, pelo menos quando se fala sobre o que se vive no ambiente escolar em tempos não pandêmicos. Todos os alunos com os quais conversamos no contexto da pesquisa, ainda assim, preferem a "rotina normal" da escola. Essa ideia foi salientada por Fernanda que afirmou que não fazia as atividades, pois não conseguia se concentrar e que aguardaria a volta normal para a escola, mesmo que isso resultasse em sua retenção na turma. A interação entre seres humanos, o calor humano é algo impactante (ainda).

Tivemos a prova de que a escola realmente não é prédio (D'AMBROSIO, 2020). A escola que temos hoje é o nosso quarto, a nossa sala, a mesa do jantar, a nossa cama. Os espaços que nos oportunizam experienciar vivências e aprendizagens são a casa, o nosso trabalho, o lugar de lazer – o lugar onde vivemos; não mais a escola, pois já não a frequentamos mais!

Os outros lugares (fora da escola prédio) sempre foram espaços de aprendizagens, o problema é que a escola, de maneira geral, enquanto instituição, nunca reconheceu esse fato. Os professores, em suas atribuições e nas correrias, preocupados com o currículo, grades, horários, focalizam suas aulas nos conteúdos e esquecem-se de aproveitar as aprendizagens para além dos muros da escola.

Evidenciamos, com a pesquisa, outros espaços socioeducativos que antes eram desconsiderados pela academia, mas que agora vale a pena ter um olhar meticuloso e holístico. Sabemos que os espaços socioeducativos não-escolares eram enfatizados pelo ambiente de trabalho, a igreja, a casa, a feirinha do bairro, o supermercado. No entanto, podemos nos perguntar quais são hoje os espaços socioeducativos não escolares que não são assumidos pela escola?

Nesse ínterim, nos deparamos com as redes sociais, como Instagram, Facebook, LinkedIn, Twitter, WhatsApp e ainda os *games*, jogos virtuais on-line, com a possibilidade de criar, em uma outra realidade, *second life*, uma comunidade movida pela fantasia, a partir da incorporação de um personagem o qual é enaltecido no íntimo de cada adolescente/criança.

Indubitavelmente, por serem espaços socioeducativos pertencentes a uma realidade virtual, não deixam de ser espaços socioeducativos onde não necessariamente se ensina, mas com certeza se aprende. Dentre elas, podemos ressaltar as tomadas de decisões, estratégias, pensamento computacional, lógica, dentre outros. Assim, no que se refere aos modos de vida digitais, este processo de naturalização está em curso e, por causa dele, toda nossa existência e relação com o espaço-tempo vem se modificando (GOMES E LEITÃO, 2011).

Esses espaços virtuais, que podemos aqui chamá-los de espaços socioeducativos não-escolares, foram espaços em que não conseguimos realizar uma imersão na qual pudéssemos dizer que foi satisfatória. O que contraria a capacidade, despreocupação e regularidade a qual esses jovens vivenciam essas redes sociais. Isso se evidencia quando eu, como pesquisadora, acreditava que teria certa tranquilidade com a participação dos alunos por meio do WhatsApp, por estarem em um espaço virtual comum às suas vivências, me dariam abertura suficiente para conseguir uma imersão possibilitada pelos usuários/sujeitos da pesquisa – o que não aconteceu. Tentamos seguir por uma etnografia plurilocal ou multissituada que permitiria seguir o fluxo de pessoas, em se tratando de estudos, objetos e ideias. (Gomes e Leitão, 2011; apud Marcus, 1995).

Acredito que, com esse trabalho, oportunizaremos aos professores, que a ele tiverem acesso, uma percepção mais holística da Etnomatemática, proposta por D'Ambrosio (2019), que nos esclarece sobre a questão humana, das relações, das interações, do social, cultural e político presente em nossas vivências, a busca de nossas transcendências, considerando os diversos espaços socioeducativos existentes.

Não temos o método, a receita. A grande questão é mobilizar-se nas relações, dentro do que é possível fazer para movimentar o conhecimento – oportunizar uma nova visão de interação com o mundo. O nosso modo de ver e ensinar as pessoas dessa ou daquela comunidade, o novo olhar, as novas interações com os outros.

Há uma relação muito forte dos lugares espacializados com os processos de aprendizagens. Os novos desafios estão presentes. Os desafios do professor que ensina a distância, mas que nem sabia como iria fazer isso e teve que se moldar, preparar-se sozinho, também em seu espaço de aprendizagem/vivência (sua própria casa), para se despir do medo e da insegurança e "meter a cara a tapa", mesmo sem ter orientações prévias e consistentes para isso.

Há intermináveis formas de relação de constante aprendizagem nos espaços socioeducativos não escolares, vivenciados e compreendidos pelos alunos. Algumas delas foram explicitadas com reflexões sobre Moisés, Jorge e Fernanda. Ao passo que a escola somos todos nós e as matemáticas existentes em nossos cotidianos está intrinsecamente ligada ao nosso viver, fazer, ser, comportamentos, pensamentos, crenças. É esse matema em diferentes etnos que nos fazem entender a humanidade, nosso próprio crescimento enquanto espécie humana.

A transcendência que D'Ambrosio (2007) explica em suas ideias são demonstradas nesse grupo social com os quais realizei meus estudos e observações da pesquisa; estão no ato de resistência aos fatos sociais dominantes, que os colocam em lugares desprivilegiados, numa

sociedade em que eles sentem-se como a parte excluída de direitos, que luta para sobreviver com seu trabalho, sua mão de obra não valorizada, da mãe que aprende a empreender, monta um pequeno negócio no ramo alimentício, sem experiência, mas com muita observação em quem fez e faz, aprende pela resiliência e vontade de oferecer uma vida melhor para sua família, ajudar seus filhos; dito o avanço da espécie humana, na busca de uma vida melhor.

No caso dos sujeitos de nossa pesquisa (Moisés, Jorge e Fernanda), cada um foi afetado de uma maneira diferente, pelo novo espaço, agora oficial, de aprendizagens ao qual estão sujeitos. Moisés e Fernanda praticamente abandonaram as atividades escolares. Moisés estava focado em suas atividades na igreja, não voltou a estudar e nem a cumprir com as atividades remotas da escola.

Fernanda diz que não faz os trabalhos porque não consegue se concentrar para estudar no seu ambiente doméstico, não tem seu espaço e tempo respeitados pelos demais moradores de sua casa, e isso dificulta seus estudos. Tem consciência que talvez terá que refazer o ano, mas não se importa, pois acredita que o ano de 2020 foi perdido. Jorge é o único que deseja, criteriosamente, seguir nos estudos. As pessoas de sua casa e sua mãe colaboram para que ele tenha momentos de estudos sem ser incomodado, além de que não precisa trabalhar fora, e isso contribui para que ele tenha bastante tempo para fazer suas atividades. Inclusive até reclama que sua mãe não lhe atribui atividades domésticas para ajudá-la, já que ela trabalha tanto.

No entanto, mesmo Jorge que ainda é o que segue com as atividades escolares remotas e *on-line*, está longe de ter consciência do que seja uma rotina de estudos focada. Jorge fica acordado até de madrugada para jogar e dorme muito durante o dia. Separa no máximo duas horas para cumprir com as atividades escolares. Digo cumprir porque as faz apenas com o objetivo de cumprir a obrigação mesmo, pois não se sente animado para estudar.

Enquanto tínhamos como objetivo fazer uma reflexão sobre os espaços socioeducativos não escolares vivenciados e compreendidos pelos alunos nos locais onde residem e as possibilidades de diálogo com a escola, fomos surpreendidos com um acontecimento em que agora a escola (prédio) saiu de cena e ficamos com os espaços socioeducativos não escolares sendo os atores principais do processo de aprendizagem e de ensino, ao passo que os professores também tiveram que reaprender a ensinar em um ambiente diferente da sala de aula; agora é a sala de sua própria casa, com sua própria internet, seus equipamentos tecnológicos particulares, suas dúvidas, seus medos e seus problemas.

O cenário mudou, o modo de ensinar mudou, o modo de aprender mudou. As pessoas mudaram, o mundo mudou, e os espaços socioeducativos em que esses jovens estavam inseridos são os que sempre fizeram parte de suas vidas, mas a escola nunca os valorizou e os

aproveitou da maneira que era possível. Tudo isso veio para mostrar que nossa forma de ensinar nunca mais voltará a ser como era antes. Há o que se perdeu, há o que se ganhou, e há o que poderá se construir daqui para frente.

Por fim, na contemporaneidade da vida humana, percebemos que as linhas abissais que demarcavam o velho e o novo mundo, na era colonial, permanecem na sociedade sorrisense, constitutivas das relações políticas e culturais excludentes, mantidas no sistema mundial contemporâneo. Nas situações refletidas da comunidade dos bairros São Domingos e São Mateus, mesmo diante dos sistemas de distinções invisíveis, aos quais estão submetidos, percebemos um comportamento de luta por justiça social, caminhando para um ensaio na construção de pensamentos "pós-abissal" – quando os comércios da cidade começam a estabelecer-se "do outro lado da BR", quando a feira das ruas desses dois bairros são deslocadas para a margem da BR 163, pelo motivo de que hoje em dia, essa feira é procurada por todos da cidade, independentemente de onde residem, seja do "lado de cá" ou do "lado de lá". Ao que parece, pelo menos em relação ao reconhecimento da potência comercial da feira (que antes era exclusiva aos povos desses bairros), as fronteiras começaram a ser abertas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Terezinha Ferreira de; COX, Maria Inês Pagliarini. OS OUTROS NO CORPO SOCIAL URBANO DE SORRISO. **Revista Linguasagem**, v. 25, n. 1, 2016.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escola.** Marli Eliza Dalmazo Afonso de André. – Campinas, SP: Papirus, 1995. – (Série Prática Pedagógica).

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Coleção pesquisa qualitativa. Editora Artmed. São Paulo. 2009.

BORTONCELLO, Odila; DIAS, Elisia Aparecida. **Resgate Histórico do Município de Sorriso.** Cuiabá: Print Express, 2003.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2018.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

CAMPOS, Marcio D. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, v. 1, n. 1, 2002.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela. Metodologia da Investigação. **Guia para Auto-aprendizagem**. 2ª ed. Lisboa: Universidade Aberta, v. 15, p. 16, 2008.

CERTEAU, Michel de; MAYOL, Pierre. **The Practice of Everyday Life: Living and cooking.** Volume 2. U of Minesota Press. 1998.

CERTEAU, Michel de. **Cultura No Plural (a)**. Papirus Editora, 1995.

_____, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis – RJ. Vozes, 1994.

_____, Michel de. **El lugar del outro:** história religiosa y mística. Katz Editores, 2007.

_____, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer, 2012.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo-SP. – Série Fundamentos. Vol. 74: ed. Ática, 1990.

_____, Ubiratan et al. **Sociedade, cultura, matemática e seu ensino**. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 1, p. 99-120, 2005.

_____, Ubiratan. **Educação Matemática: da teoria à prática**. Papirus Editora, 2007.

_____, Ubiratan. **Etnomatemática, raízes socioculturais da arte ou técnica de explicar e conhecer.** Campinas: UNICAMP, 1987.

_____, Ubiratan. **Etnomatemática - elo entre as tradições e a modernidade**. 6 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____, Ubiratan. Live: **Etnomatemática e Educação em tempos de pandemia**. Palestrante: Profº Dr Ubiratan D'Ambrosio – Unicamp/Unesp Mediador: Profº Dr Adailton Alves da Silva – UNEMAT/Barra do Bugres. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qWHwqMK3VEs&t=4161s. Dezembro de 2020.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro, Zahar. 1981.

DOSSE, François. **O espaço habitado segundo Michel de Certeau**. **ArtCultura**, v. 6, n. 9, 2004.

DUARTE, Luiz Fernando D. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas.** Jorge Zahar Editor Ltda. CNPq. 2ª ed. Rio de Janeiro – RJ. 1986. ISBN: 85-7110-058-6

FERRAÇO, C. E., SOARES, M. C. S., AND ALVES, N. **A pesquisa nos/dos/com os cotidianos em educação**. In: Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos [online]. Rio de Janeiro. EduERJ, 2018, pp.89-103. ISBN 978-85-7511-51-76.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272. 2002.

FINO, Carlos Manuel Nogueira. FAQs, etnografia e observação participante. **Revista europeia de etnografia da educação**, v. 3, p. 95-105, 2003.

FONSECA, A.; ALVES, W. D. Etnomatemática e Releitura do Cotidiano. In: **ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA** (ENEM), XI., 2013, Curitiba/PR. Anais do XI ENEM: Educação Matemática: retrospectivas e perspectivas (CD). Guarapuava/PR: Sociedade Brasileira de Educação Matemática/Regional Paraná, 2013.

FREHSE, Fraya. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 41, n. 2, pág. 235-243, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034770119980002000011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa**.** São Paulo: Paz e Terra. 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 2012.

GOMES, Laura Graziela; LEITÃO, Débora. **Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life**. Revista Cronos Natal, v. 12, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

_____, Clifford. Conhecimento local: **Ensaios adicionais em antropologia interpretativa.** Livros Básicos, 2008.

_____, Clifford. **A interpretação das culturas.** Livros básicos. 1973.

_____, Clifford. Capítulo seis. Do ponto de vista do nativo: sobre a natureza da compreensão antropológica. In: Interpretive Social Science. University of California Press, 1979. p. 225-242.

_____, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: vozes, 1997.

_____, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. **A interpretação das culturas**, v. 1, p. 3-21, 1989.

FERRAZ, Cláudia Pereira; ALVEZ, A. P. Da etnografia virtual à etnografia online: deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. **41º Encontro Anual ANPOCS. Caxambu**, 2017.

LAPASSADE, G. **L'Éthnosociologie.** Paris: Méridiens Klincksieck, 1991.

LINS, Romulo Campos. O modelo teórico dos campos semânticos: uma análise epistemológica da álgebra e do pensamento algébrico. **Dynamis, Blumenau**, v. 1, n. 7, p. 30, 1994.

MATO GROSSO. Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. **Escola mudará a história da comunidade São Domingos.** 2007. Disponível em: https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/escola-mudara-historia-da-comunidade-sao-domigos/visualizar. Acesso em: 11 nov. 2019

MAUSS, Marcel. **Manual de Etnografía**. 2012.

MESQUITA, Mônica; DE OLIVEIRA, Cristiane Coppe. **ESCOLA DO BAIRRO: DESABAFO SOBRE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO CRÍTICO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA COMUNITÁRIA. 2015.** Bahia, Brasil. p. 599-610.ISSN 2446-6336

MIARKA, Roger. **Etnomatemática**: do ôntico ao ontológico.-. 2011.

MORIN, Edgar et al. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014.

PEREC, Georges. **Species of Spaces**. Species of Spaces and Other Pieces, p. 1-96. 1974.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **A etnomatemática e a formação de educadores matemáticos**. Tópicos de Educação, p. 131-140. 2003.

SEVERINO-FILHO, João. **Marcadores de Tempo *Apyawã*:** a solidariedade entre os povos e o ambiente em que habitam. 2015.

SEVERINO-FILHO, João; SILVA, Adailton Alves da. **Educação Etnomatemática**: Alguns passos em direção à sala de aula. Anais – XIII Encontro Nacional de Educação Matemática. Cuiabá – MT. 2019.

SILVA, Adailton Alves da. **A Organização Espacial Auw~ e-Xavante**: um olhar qualitativo sobre o espaço. 2006.

SOUZA, Jessé - A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos? **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2001, vol.16, n.45, pp.47-67.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço, tempo, lugar:** um arcabouço humanista**.** Geograficidade, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

_____, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** A perspectiva da experiência. SciELO-EDUEL, 2013.

_____**A casa e a rua.** Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.